

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPEG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC**

SILVIA HELENA DE SÁ LEITÃO MORAIS FREIRE

**O COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS EM ASSÚ/RN: reconstruindo
suas práticas educativas (1927-1937)**

**MOSSORÓ
2013**

SILVIA HELENA DE SÁ LEITÃO MORAIS FREIRE

**O COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS EM ASSÚ/RN: reconstruindo
suas práticas educativas (1927-1937)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como exigência para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dr^a. Maria Antônia Teixeira da Costa

MOSSORÓ
2013

SILVIA HELENA DE SÁ LEITÃO MORAIS FREIRE

**O COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS EM ASSÚ/RN: reconstruindo
suas práticas educativas (1927-1937)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como exigência para do título de mestre em Educação.

Dissertação aprovada em ___/___/___

Banca examinadora

Prof. Dr. Maria Antônia Teixeira da Costa
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN
(Orientadora)

Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade
Universidade Federal do Ceará- UFC

Prof. Dr. Ana Lúcia Aguiar Lopes Leandro
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN

À memória das primeiras professoras e aluno (a)s do
Colégio Nossa Senhora das Vitórias.

DEDICO!

AGRADECIMENTOS

Ao bondoso Deus e espíritos de luz, pela paz e inspiração para realização deste trabalho.

À minha orientadora e amiga Maria Antônia Teixeira da Costa, com quem aprendo e compartilho momentos de saber e lições de vida.

À minha mãe, Maria da Anunciação de Sá Leitão Morais, a quem agradeço pela vida, pelas orações diárias e pelo amor incondicional. Ao meu pai e aos meus irmãos Fernando Antônio de Sá Leitão Morais e Clélio Roberto de Sá Leitão Morais, pelos sonhos partilhados e minha sobrinha e afilhada Ana Letícia Lacerda de Sá Leitão, por nos mostrar a pureza e a beleza da infância.

Ao meu esposo Sérgio Luiz Freire Costa, pelo amor, amizade, companheirismo demonstrados diariamente. A Sofia, ainda sendo gerada, abençoado presente de Deus em nossas vidas, participou do encantamento das últimas páginas deste trabalho.

Á meu cachorro Flyt (*in memorian*), pelas lições de vida, dentre elas, o amor verdadeiro e alegria constante.

Á todos que fazem o Educandário Nossa Senhora das Vitórias, pela acolhida e receptividade que me foi dedicada às vezes que precisei, os meus sinceros agradecimentos, o carinho e atenção de vocês estão registrado em cada linha deste trabalho. Aos depoentes, pelas contribuições e valorosas partilha das memórias: Marta Cortez Alves, Ernestina da Fonseca (*in memorian*), Marta Wanderley Salem, Irmã Miguelina Medeiros.

Á todos os funcionários do acervo Vingt-un Rosado, pelo carinho e atenção na pesquisa de documentos para a pesquisa.

Á Congregação das Filhas do Amor Divino, em nome de Irmã Adelita, pelo carinho, atenção e disponibilidade em nos receber em Emaús/RN, apresentando a história da Congregação e sua fundadora Madre Francisca Lechner.

Á professora e amiga Maria da Conceição Farias da Silva, pelas primeiras orientações no universo da pesquisa, minha gratidão e carinho.

Á professora Ana Lúcia Lopes Aguiar Leandro, pelos gestos sinceros de afeto, atenção e sempre lembrando: “Viva e de olho bulindo” Meu eterno agradecimento.

Ao professor Joaquim Gonçalves Barbosa, pelas contribuições na discussão sobre a temática instituição escolar e por compartilhar suas lições de vida.

Aos componentes de ontem e de hoje do *Núcleo de Pesquisa em Educação-NUPED*, do Campus Avançado Prefeito Walter de Sá Leitão em Assú, pelos primeiros passos na pesquisa e pelos momentos de saber partilhados, em especial aos estimados professores e amigos: José Evangelista Fagundes, Alessandra Cardozo de Freitas, Messias Holanda Dieb, Rossana Kess Brito, Júlio Cesar Araújo, Roberg Januário dos Santos, Antonia Milene da Silva e Daliane do Nascimento dos Santos.

Á todos os meus professores desde da infância até os dias de hoje, pelas aprendizagens e por mostrar a profissão docente com responsabilidade, carinho e mais humanizada. Aos membros do *Grupo de Pesquisa Formação e Profissionalização Docente*, pelas contribuições, meu carinho e agradecimento.

Aos professores, colegas e aos funcionários do *Programa de Pós- Graduação em Educação- POSEDUC* da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, pelas valiosas contribuições para minha formação enquanto ser humano, docente e iniciante pesquisadora.

Aos professores Francisco Ari de Andrade, Antônia Rozimar Machado e Rocha e Jean Mac Cole Tavares Santos, pelas contribuições e carinho desde qualificação da Dissertação, meus sinceros agradecimentos.

Á CAPES, pelo apoio financeiro, possibilitando a dedicação a este trabalho.

Deve-se reconhecer, efetivamente, que o passado tem suas próprias vozes, e que estas precisam ser respeitadas, sobretudo, quando elas se opõem ou introduzem ressalvas às interpretações que gostaríamos de atribuir-lhes. Um texto é uma rede de resistências e um diálogo é uma relação bilateral; um bom leitor é também um ouvinte atento e paciente.

(DOMINIQUE LACAPRA, 1983)

RESUMO

Este estudo teve como proposta a análise da história do Colégio Nossa Senhora das Vitórias na cidade de Assú, no Estado do Rio Grande do Norte, desde a sua criação em nove de março de 1927 pela iniciativa da igreja local e intelectuais da época, se estendendo até 1937 marcando os dez anos de consolidação das suas atividades educativas. O objetivo é investigar como se constituiu a história de tal instituição, com enfoque para suas práticas educativas, entre os anos de 1927 a 1937. Para tanto, são analisados documentos da instituição em destaque, relatórios anuais, atas, livros da época, jornais e entrevistas, respaldando-se pelos estudos de Certeau (2001), Frago (1995), Magalhães (2005) e Julia (2001). Considerando a discussão sobre uma instituição de ensino, a cultura escolar emerge como categoria central de análise, a qual norteou a escolha das categorias específicas do estudo: as representações dramaticais, os livros de leitura, as comemorações cívicas e a disciplina escolar. Os dados evidenciam que a construção do Colégio representou para a cidade de Assú, um marco relevante por ser uma instituição educativa destinada inicialmente à educação feminina, com o objetivo de inserir as meninas na cultura letrada, cívica e doméstica, conforme os preceitos da época para sua formação e o modelo educacional da Congregação das Filhas do Amor Divino. Destacando-se na sua forma de organização escolar e curricular, se diferenciando das demais instituições existentes na cidade, marcando uma época enquanto modelo escolar. As práticas educativas da referida instituição, estavam direcionadas a transferir para os alunos valores morais e religiosos, a saber: o respeito ao próximo, a natureza, ressaltando o patriotismo e o amor á Deus, imprimindo um perfil de aluno que a escola almejava, conforme as ideias circulantes da época, perpassando pelos os preceitos católicos e aproximações com as ideias da escola nova. A reconstituição da identidade histórica dessa instituição contribui para a configuração da história da educação escolar norte-rio-grandense.

Palavras-chave: História. Práticas Educativas. Cultura Escolar.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the history of the College of Our Lady of Victories in Assu, Rio Grande do Norte, since its inception on March 9, 1927 by the initiative of the local church and intellectuals of the time, extending to 1937 marking ten years of consolidation of educational activities. Our goal is to respond as if it was the history of this institution, focusing on their educational practices among the years 1927 to 1937. For this, we analyze the institution's documents highlighted, annual reports, minutes, books of the time, newspapers and interviews, supporting up studies by de Certeau (2001), Frago (1995), Magellan (2005) and Julia (2001). Considering the discussion of an educational institution, school culture emerges as a central category of analysis, which guided the choice of the specific categories of study: representations dramaticais, reading books, the civic celebrations and school discipline. The data show that the construction of the College of Our Lady of Victories, represented the city of Assú/RN an important milestone by being an educational institution intended primarily to female education, with the goal of entering the girls in literacy, civic and domestic as the precepts of their time to training and educational model of the Congregation of the Daughters of Divine Love. Standing out in the form of school organization and curriculum, differentiating itself from the other institutions in the city, marking a time as a model school. Educational practices of the institution, were directed to be transferred to the students moral and religious values, namely respect for others, the nature, emphasizing patriotism and unconditional love to God, printing a student profile that school craved as ideas circulating at the time, passing from the Roman Catholic beliefs and approaches to the ideas of the new school. The reconstruction of the historical identity of the institution contributes to the setting of the story of school education of Rio Grande do Norte.

Keywords: History. Educational Practices. School Culture.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Lista de perguntas para entrevista semi-estruturada	35
Quadro 2 – Catalogação das fontes	37

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Rio Grande do Norte	42
Figura 2 - Lei n. 124 de 16 de outubro de 1845	44
Figura 3 - Apresentação teatral “Lapinha” (1920)	45
Figura 4 - Livro de matrícula ano de 1927	59
Figura 5 - Fachada do Colégio Nossa Senhora das Vitórias em Assú/RN ano de 1927	62
Figura 6 - Representação Dramatical no Colégio Nossa Senhora das Vitórias (S/D)	85
Figura 7 - Livro Lições das Coisas	92
Figura 8 - Livro de Leitura Contos Pátrios (1925)	96
Figura 9 - Desfile Cívico do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, ano de 1940 em Assú/RN	104
Figura 10 - Alunas na aula de pintura no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, ano de 1929	111
Figura 11 - Registro fotográfico de alunas e professoras no Colégio Nossa Senhora das Vitórias ano de 1929	112

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 OS CAMINHOS TRILHADOS PELO PESQUISADOR E O UNIVERSO A SER PESQUISADO	17
1.1 O interesse pela pesquisa	17
1.2 Refletindo sobre o objeto de pesquisa	22
1.3 A construção da pesquisa	29
2 PENSANDO O CONTEXTO HISTÓRICO DE ASSÚ E DO RIO GRANDE DO NORTE (1927-1937)	41
2.1 O contexto histórico de Assú e do Rio Grande do Norte: os reflexos para a idealização do Colégio Nossa Senhora das Vitórias	41
2.2 A gênese do Colégio Nossa Senhora das Vitórias	56
2.3 A Congregação das Filhas do Amor Divino e o convite para direção do Colégio Nossa Senhora das Vitórias	68
3 O COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS EM ASSÚ/RN (1927 1937) E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS	77
3.1 O modelo educacional da Congregação das Filhas do Amor Divino	78
3.2 Reconstruindo as práticas educativas do Colégio Nossa Senhora das Vitórias	82
3.2.1 As representações dramáticas	82
3.2.2 Os livros de leitura	91
3.2.3 As comemorações cívicas	99
3.2.4 A disciplina escolar	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS	117
ANEXO	126
ANEXO A – CADERNO DE IMAGENS	127

INTRODUÇÃO

O passado não reconhece o seu lugar: está sempre presente (QUINTANA, 2006, p. 174).

O texto que apresentá-lo-emos é fruto de aproximações e afinidades, enquanto ex-aluna, ex-professora, por meio de contato e manuseio em peças documentais, de conversas e reflexões informais com atores que fizeram/faz parte da história do Colégio Nossa Senhora das Vitórias. Quando iniciamos a escrita desta dissertação, tínhamos consciência do desafio que estava por vir, da doação, da paixão e motivação necessária para sua elaboração. Os sentimentos surgiam a cada descoberta de uma pista, mas também na ausência delas. As emoções também fizeram parte, perpassando por alegria, ansiedade, angústia, receio, desejo pelo fazer e principalmente, o momento do “distanciamento”, tornando nosso olhar mais crítico, deixando revelar fatos ainda não vistos.

Diante das inquietações advindas no processo de construção deste estudo, fomos percebendo que pensar os espaços escolares e suas práticas educativas possibilita uma interlocução direta com o passado. Sendo pertinente a epígrafe no início desse texto, por acreditarmos que por vezes, vivemos em novos cenários, com velhas relações. Assim como destaca o poeta Maria Quintana, trata-se de um passado que é presente: “é um olhar do hoje que procura uma visão do passado, uma construção composta de um ir e vir entre presente e passado, numa busca de sentidos sobre nossas incessantes inquietações, ideias, sentimentos” (QUINTANA, 2006, p. 174).

A cada tentativa de aproximação com o passado, este ganha novas cores e nuances, e isto se deve ao fato de que a história e memória não são estática, fixa, sendo uma produção marcada por movimentos de instabilidade e seletividade dos acontecimentos (GOULART, 2011).

O espaço escolar também é marcado pelo movimento histórico, sabemos que não é um conjunto de salas de aula onde os professores são individualmente responsáveis pela prática educativa nela desenvolvida, mas é constituída como uma entidade sociocultural formada por grupos que vivenciam códigos e sistemas de ação num processo que faz dela, ao mesmo tempo, produto e instrumento cultural (SILVA, 2009).

Ancorada nestas premissas, decorreu o surgimento da pesquisa sobre o Colégio Nossa Senhora das Vitórias. Pretendemos com esse trabalho analisar a história¹ da referida instituição em Assú/RN, entre os anos de 1927 a 1937, enfocando suas práticas educativas.

Nas próximas páginas, é apresentado o estudo sobre a história *do Colégio Nossa Senhora das Vitórias*, entre os anos de 1927 a 1937, uma instituição religiosa fundada em 09 de março de 1927 e registrada na Secretária da Educação, a partir do Decreto n. 343 de 28 de Setembro de 1927, dirigida por freiras da Congregação das Filhas do Amor Divino, vindas de Viena/Áustria, inicialmente idealizada para a educação feminina. Sua organização escolar e curricular a diferenciava das existentes na cidade de Assú, marcando uma época, enquanto modelo escolar².

Para construirmos o percurso dessa investigação, recorreremos às fontes documentais como: atas, livros com a divisão do material de ensino, livros de leitura. Somam-se a esses, notícias publicadas nos jornais no período pesquisado, livros sobre a escola e entrevistas com ex-alunos e familiares.

Consideramos, em nossa pesquisa as vozes dos sujeitos, a memória na perspectiva de Bosi (1994), que se constitui das lembranças das experiências vivenciadas. Corroborando com essa perspectiva, Halbwachs (1956 *apud* BOSI, 1994, p. 55) ressalta que, “é um refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado”.

Nóvoa (2000), por seu turno, ressalta que é necessário falar da importância do passado, porque há uma necessidade de procurar o fio condutor do percurso existencial, para valorizar o presente, ao mesmo tempo em que se pode reinventar um futuro.

É oportuno destacar que a ideia deste estudo, também se encontra entrelaçada com nossas vivências na instituição, familiares e amigos. Ao longo do nosso percurso formativo, sempre ouvíamos as expressões de professoras, dos pais, de primos, sobre a educação no Colégio das Freiras³, juntos, era uma única voz quando se referiam à instituição escolar:

No Colégio das Freiras, aprendíamos valores essenciais para a vida. No Colégio os alunos aprendiam a ler e escrever perfeitamente. As professoras explicavam muito bem os assuntos. Existia disciplina na escola, era tudo organizado. Até hoje recordo

¹ Estamos compreendendo o conceito de história como a ciência do tempo. Está estritamente ligada às diferentes concepções de tempo que existem numa sociedade, sendo um elemento essencial da aparelhagem mental dos seus historiadores (LE GOFF, 2003, p. 52).

² Para Rodrigues (2007, p. 14-15), o modelo escolar está relacionado à noção de organização pedagógica de uma instituição escolar, com regras específicas que pode passar a impor racionalmente a forma de seu funcionamento a outras escolas referente a currículo, metodologias de ensino, administração e funcionamento, dentre outros aspectos.

³ Em alguns momentos do texto adotaremos Colégio das Freiras, para nos referirmos ao Colégio Nossa Senhora das Vitórias.

do assunto que minha professora ensinou. Não esqueço as datas comemorativas, os desfiles cívicos, as aulas de pintura e dia da natureza.⁴

Dessa maneira, ao ressaltarmos essas falas, surgiram as seguintes inquietações: O que teria a nos revelar a história do Colégio sobre suas práticas educativas? Como este colégio interagiu ou não com as ideias educacionais circulantes da época? Que perfil de aluno almejou essa instituição? Que influência teve essa instituição na construção da sociedade assuense? Como essas práticas educativas contribuem para pensar a educação nos dias atuais? Não iremos responder a todos esses questionamentos, mas, serviram como norteadores para definirmos nossa pergunta de partida.

Considerando as inquietações, definirmos nosso ponto de partida: Como se constituiu a história do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, com enfoque para suas práticas educativas, entre os anos de 1927 a 1937, período que engloba sua fundação e consolidação na sociedade assuense?

Para isso, caracterizarmos o contexto sócio-histórico educacional de Assú e do Rio Grande do Norte entre os anos de 1927 a 1937, bem como descrevemos a Congregação das Filhas do Amor Divino e seu modelo educacional. Por fim, identificamos e analisamos práticas educativas do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, no período estudado.

Para a realização dessa análise, optamos por um recorte temporal, que se justifica pela preocupação de estudar o Colégio Nossa Senhora das Vitórias, nos seus primeiros anos de surgimento, pois sua gênese encontra-se em 1927. A proposta de se estender até o ano de 1937 marcando os dez anos de consolidação das suas atividades educativas e perpassa por momentos históricos no Brasil, como em 1931 com a criação do Ministério da Educação, a divulgação do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova e também por se tratar de um momento histórico em que intelectuais e políticos brasileiros discutiam e produziam propostas pedagógicas e embates entre Igreja Católica e o Estado pela laicidade do ensino⁵.

Conforme Saviani (2007a, p. 179), a mobilização da Igreja expressou-se na forma

de resistência ativa, sendo articulados dois aspectos, a pressão para o restabelecimento do ensino religioso nas escolas públicas e a difusão de seu ideário

⁴ Os trechos se referem á conversas informais com sujeitos, que frequentaram o Colégio das Freiras enquanto professores ou alunos.

⁵ Esse movimento tinha a frente o educador Anísio Teixeira e contou com a participação de um grupo de educadores do País, entre eles Fernando de Azevedo, Lourenço Filho. Esses educadores faziam severas críticas a escola tradicional e seus métodos de ensino, em que o professor era o centro do processo ensino-aprendizagem (SAVIANI, 2007a).

pedagógico mediante a publicação de livros e artigos em revistas e jornais e, em especial, com a publicação de livros didáticos.

Em consonância com esse período de embate entre Igreja e Estado, as ideias pedagógicas da escola nova, propostas pelos reformadores, ressaltava que a escola não deveria utilizar os métodos tradicionais de ensino, aulas através da contemplação da memorização, da exposição oral, da mecanização, mas sim, aulas a partir da experiência vivenciada pelos os alunos, valorizando a originalidade e a criatividade, voltada para aprendê-lo fazendo (TEIXEIRA, 1976).

A proposta privilegiada pela Escola Nova enfatizava a renovação do material da escola, com a inclusão de novos objetos, uma vez que instalava a renovação de métodos e práticas escolares. Assim,

no discurso do reformador, tabuleiros de areia, vasilhas, tubos de ensaio, trenas emergiram como objetos imprescindíveis à transformação do ensino verbalista em *ativo*. Para Azevedo e para outros educadores afinados com os ideais da reforma, atividades de excursão, laboratório, criação de animais e cultivo de plantas colocavam o aluno a posição de experimentador. Canecas, lenço, sabão e uniformes prescreviam condutas higiênicas. Esses novos materiais disciplinavam os gestos, o olhar e o corpo do estudante. Aprendia-se a objetivar o conhecimento, a observar em detalhe e a comportar-se higienicamente (VIDAL, 2007, p. 60-61).

Mediante apreciações das leituras sobre as instituições escolares, constatamos que o Rio Grande do Norte, ainda se ressentia de estudos sobre suas instituições, particularmente a cidade de Assú.

A partir de levantamento bibliográfico sobre pesquisas que discutem sobre instituições escolares no Rio Grande do Norte, percebemos que os estudos em sua maioria são oriundos de pesquisas vinculadas ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Identificamos estudos que privilegiam suas discussões em temas específicos, para quem temos: a) Escolas Normais, com estudos de Aquino (2009) e Silva (2011), b) Grupos Escolares, com Silva (2010) e Silva (2010), c) Instituições confessionais, Assis (2009) e Brito (2006). Apesar da identificação de estudos sobre as Instituições Escolares Católicas, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte consideramos que se resumem a poucos estudos e não foi encontrada nenhuma investigação sobre o Colégio Nossa Senhora das Vitórias.

Nos acervos privados na cidade de Assú, a exemplo das famílias⁶ Sá Leitão, Fonseca e Oliveira buscamos informações sobre o Colégio das Freiras e detectamos obras que apresentam informações sobre sua fundação e festividade pela passagem do aniversário da instituição, dentre elas: *Colégio Nossa Senhora das Vitórias: 50 Anos*, de Francisco Amorim e *Educandário Nossa Senhora das Vitórias: meus sessenta anos Bodas de Diamante*, de Roberto Dias de Oliveira. São obras que contribuem com a História da Educação do município de Assú.

Partindo dessas discussões a dissertação encontra-se estruturada em três capítulos intitulados: Os caminhos trilhados pelo pesquisador e o universo a ser pesquisado; Pensando o contexto histórico de Assú e do Rio Grande do Norte (1927-1937) e o Colégio Nossa Senhora das Vitórias em Assú/RN e suas práticas educativas (1927-1937).

No primeiro capítulo, narra-se o interesse pela pesquisa, o encontro com o objeto de estudo e sua relação com o pesquisador. Situamos os caminhos percorridos nos arquivos, rastreando fontes, fotografando e registrando as informações, que contribuíram para compreensão e construção da narrativa sobre a história do Colégio Nossa Senhora das Vitórias apresentando os modos de construção do objeto, articulado ao referencial teórico, os procedimentos adotados, as escolhas das fontes utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa e as relações das informações com categorias de estudo da história da educação, especificamente do campo das instituições escolares.

No segundo capítulo reconstitui a sociedade assuense e do Rio Grande do Norte na época, abordando aspectos sociais, políticos e educacionais, evidenciando os reflexos para a idealização da construção do Colégio, ressaltando o envolvimento da Igreja Católica e da sociedade local para angariar recursos para fundar a instituição escolar.

O terceiro capítulo apresenta o modelo educacional da Congregação das Filhas do Amor Divino e as orientações para as atividades desenvolvidas em sua rede de escolas, reconstruindo as práticas educativas do Colégio, evidenciando que suas práticas educativas tinham como propósito transmitir valores morais e religiosos circulantes na época, mas que não estavam distante da influência da Escola Nova. Dentre as práticas educativas identificadas estão: *As representações Dramaticais*, *Os livros de leitura*, *As comemorações cívicas* e *A Disciplina Escolar*.

Finalmente, as considerações finais enfatizando a relevância da pesquisa para a ampliação dos estudos na área da História da Educação e para a história local, apresentando

⁶ A escolha pelas famílias considerou o acervo documental sobre o Colégio Nossa Senhora das Vitórias.

os desafios e as possibilidades de outros olhares, sobre esse objeto de estudo. Concluímos ressaltando que reconstituir parte da história da fundação de tal instituição é um contributo a historiografia norte-rio-grandense, em particular aos estudos sobre instituições escolares.

1 OS CAMINHOS TRILHADOS PELO PESQUISADOR E O UNIVERSO A SER PESQUISADO

Nesse primeiro capítulo, discorreremos sobre os caminhos que trilhamos para chegar ao objeto de estudo: o Colégio Nossa Senhora das Vitórias. Isto posto, destaca-se o interesse pela pesquisa, evidenciando afinidades com o objeto, enquanto ex-aluna, bem como a relevância do curso de pedagogia para a inserção e despertar para a pesquisa, enquanto aluna de iniciação científica e aproximação com documentos que abordavam sobre a história da educação e da referida instituição escolar.

Apresentamos ainda, nossa reflexão sobre o objeto de estudo, respaldada em autores e pesquisadores nacionais e internacionais, que discutem sobre a temática instituição escolar, articulando ao nosso estudo e percebendo as aproximações e desafios do campo histórico. Para contribuir com nossa pesquisa, realizamos o Estado da Arte, com objetivo de rastrear os estudos existentes sobre instituições católicas, sob a direção de freiras no Estado do Rio Grande do Norte e posteriormente nos demais Estados brasileiros. Buscamos informações nos acervos públicos e privados da cidade de Assú, Emaús e Natal nesse Estado, com objetivo de detectar informações sobre o Colégio Nossa Senhora das Vitórias.

Após levantamento bibliográfico e documental, abordamos sobre a construção da pesquisa, discorrendo sobre o passo a passo na elaboração da pesquisa, o aporte-teórico metodológico adotado, as escolhas das fontes e a condução para catalogação, entrecruzamento e análise dos dados.

1.1 O INTERESSE PELA PESQUISA

O sentido nasce, em grande parte, tanto desse exterior cultural quanto do próprio texto e é bastante certo que seja de sentidos já adquiridos que nasça o sentido a ser adquirido (GOULEMOT, 2001).

São inúmeros os motivos que nos levam a aceitar o desafio da pesquisa e a privilegiar a compreensão da educação no movimento histórico, seja pelo os objetos de estudos que chamam mais atenção ou pela relação do pesquisador com o estudo. Conforme Nunes (1990),

o mito da objetividade histórica, no entanto mais interiorizado do que imaginamos, intimidou os historiadores de falarem sobre eles mesmos, sobre sua relação com o estudo, com receio do risco a impessoalidade e as condições da sua garantia.

A esse respeito nos fala Ítalo Calvino (1995) quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Para o autor, cada vida é uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser completamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis. Dessa maneira, pretendemos narrar nosso interesse pelo estudo e sua relação com o pesquisador.

Ao investigar sobre a história do referido Colégio revivemos os 12 anos que estudamos na instituição e tivemos uma formação que primava por valores morais, pelo amor e respeito ao próximo, pela fé em Deus. A imagem da virgem Maria era modelo da pureza, abnegação que deveríamos seguir.

De acordo com Magalhães Júnior (2002, p. 86), as ordens e colégios religiosos “sempre procuravam materializar uma representação de condutas e rituais que servissem de modelo para uma sociedade exterior às instituições, mas que percebiam nesses colégios um símbolo de moralidade e modelo puro de vida”.

Considerando os ensinamentos disseminados no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, nos indagávamos sobre a história dessa instituição, no entanto, apenas como curiosidade. Posteriormente, o interesse foi se expandido, até ingressarmos no curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte do Campus Avançado Prefeito Walter de Sá Leitão em Assú/RN. Em conversas informais com a professora Maria da Conceição Farias da Silva, então professora da disciplina *História da Educação Brasileira*, apresentamos alguns materiais que minha mãe guardava no fundo do baú, entre eles: livros sobre a fundação do Colégio, fotografias, jornais da época.

O encontro com esses materiais e as orientações da disciplina nos aproximou de algumas leituras que versavam sobre os processos educacionais ocorridos no Brasil, como a criação de instituições escolares de ordem religiosa, a participação das freiras na educação e formação destinada à mulher ainda no início do século XIX e primeiras décadas do século XX. O aprofundamento das leituras e o envolvimento em projetos de pesquisas contribuíram para nosso interesse em estudar sobre a história do Colégio Nossa Senhora das Vitórias.

Sendo assim, a origem desse estudo surgiu a partir do engajamento nas atividades de Iniciação Científica, enquanto bolsista (PIBIC/CNPq). Nessa trajetória, participamos do Projeto *Histórias de Vida e formação: professoras de Escola de Jovens e Adultos EJA de Angicos/RN* que analisou por meio das histórias de vida de professoras que atuam na

Educação de Jovens e Adultos, em Angicos/RN, espaços, tempos e práticas que marcaram seus processos de formação. Para tanto, quinze professoras participantes do *Curso de Extensão de Formação Continuada para Professores de Escola de Jovens e Adultos - EJA de Angicos*, no ano de 2006, produziram narrativas escritas das histórias de vida escolar e familiar.

Na realização do projeto mencionado, perspectivamos sua realização com professoras assuenses, o que de certo modo nos aproximou dos arquivos públicos e privados da cidade. Nas atividades de campo, detectamos documentos históricos com informações acerca da vida, dos trajetos formativos e das práticas educativas de professoras assuenses. O contato com esse material subsidiou a construção de um novo projeto, *História da educação formal de mulheres em Assú/RN (1920-1955)*.

Mediante as ações empreendidas no referido projeto, foi possível o encontro com documentos históricos sobre a cidade de Assú/RN, especialmente sobre as instituições escolares, a exemplo do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, dentre os materiais detectados estavam: atas escolares, diários de salas, regimento, fotografias, livros da época e mobília. Percebemos que tais vestígios, poderiam revelar parte da história da educação local, sobre as práticas educativas, as normas e organização da escola.

No âmbito dos projetos acima citados, destacamos nossa participação nos estudos bibliográficos no *Núcleo de Pesquisa em Educação* e na Linha de Pesquisa *Memória, formação e práticas de professores*, coordenados pela professora Maria da Conceição Farias da Silva.

Dentre os autores estudados citamos: Burke (1992) *A escrita da história*, Del Priore (2005) *História das mulheres no Brasil*, Faria Filho (1997) *Fontes para a história da educação mineira do século XIX: uma introdução*, Louro (1997) *Mulheres na Sala de aula*, Almeida (1998) *Mulher e educação: a paixão pelo possível*, Tanuri (2000, *História da formação de professores*, Perrot (2005) *As mulheres ou os silêncios da história*.

Tais leituras nos possibilitaram compreender as modificações na historiografia, com a ampliação de objetos de estudos e novas abordagens, além de analisarmos a inserção e participação da mulher empreendendo no processo educacional, a exemplo de Madre Francisca Lechner, fundadora da Congregação das Filhas do Amor Divino.

Na perspectiva de ampliar as discussões sobre o Colégio Nossa Senhora das Vitórias, buscamos outros espaços para continuar nosso processo de formação continuada. Em 2009, fomos aprovadas na seleção para a *Especialização em Educação, no campo temático Formação de Professores da UERN*.

Na oportunidade, conhecemos a professora Maria Antonia Teixeira da Costa, pesquisadora da área de História da Educação. Conseguimos nos aproximar e demonstrar nosso interesse em permanecer com os estudos na área. Sendo assim, apresentamos na Especialização o trabalho intitulado *Valores e Normas na Educação Feminina no Colégio Nossa Senhora das Vitórias em Assú/RN (1960-1961)*, o qual investigou os valores e normas presentes na educação feminina no Colégio Nossa Senhora das Vitórias em Assú/RN, nos anos de 1960 e 1961, por meio da prática educativa da professora Ernestina da Fonseca.

Com o término desse trabalho no ano de 2010, nosso propósito foi permanecer com o processo de formação continuada. Dessa maneira, o próximo passo seria o Mestrado em Educação, no qual ingressamos em 2011 e continuamos com os estudos em torno da respectiva instituição escolar, com objetivos mais amplos. A continuidade deste trabalho corrobora com a ideia de abertura de novas discussões propícias pelos temas referentes ao âmbito da História da Educação.

Na tentativa de aprofundar as discussões em torno da História da Educação, foi ofertada na grade de disciplinas do *Programa de Pós-Graduação em Educação-POSEDUC/UERN*, a disciplina intitulada *História da Profissão Docente no Rio Grande do Norte*, ministrada pela professora Maria Antonia Teixeira da Costa.

A respectiva disciplina abordou sobre o processo de construção da profissão docente no Brasil e, em particular, no Rio Grande do Norte, destacando as representações da profissão elaboradas pelos próprios professores e as crenças e valores presentes nessas representações. Ampliamos também as discussões sobre a profissionalização do professor e a construção de sua identidade a partir de contextos formativos localizados no estado do Rio Grande do Norte.

No *corpus* da disciplina, foi possível discutir a profissão docente no Rio Grande do Norte, estabelecendo relações com representações da profissão, práticas educativas e construção da identidade do professor. Sobretudo, debater a relação entre as práticas educativas de professores e as ideias pedagógicas veiculadas pelos educadores potiguares em cada contexto histórico.

Dentre os assuntos trabalhos em sala, destacamos a relevância dos estudos, em torno das *Lições de professoras do magistério primário do Rio Grande do Norte entre os anos de 1939 a 1969*, a partir da pesquisa de doutoramento da professora Maria Antonia Teixeira da Costa, onde por sua vez constatou que as professoras primárias do período pesquisado têm a nos revelar acerca do aprender, ensinar e ser professora.

É preciso destacar que tais lições precisam ser recuperadas e socializadas como necessárias à docência na atualidade, a exemplo: a dedicação, o compromisso com o seu

fazer, a atenção ao aluno, à justeza nas atitudes, a autovalorização da profissão, exigências, rigor, e controle sobre seu trabalho. Ainda em torno dessa discussão, abordamos as práticas educativas de professores e as ideias pedagógicas que influenciaram os seus modos de fazer (COSTA, 2003).

Consideramos que ao ampliarmos o repertório teórico sobre a História da Educação, retomamos nossas atividades de pesquisa com mais maturidade intelectual, contribuindo para a redefinição de nosso estudo.

Para a construção da dissertação, nos reaproximamos das fontes sobre a história da educação assuense. Além dos documentos que havíamos detectado no acervo público do Educandário Nossa Senhora das Vitórias, encontramos outras fontes valiosas, a exemplo de relatórios anuais do Colégio das Freiras, atas, divisão do material do ensino, além do livro sobre a vida de Madre Francisca Lechner, com orientações sobre como as professoras deveriam exercer a docência, revistas que tratam sobre a construção das escolas e seu modelo educacional orientado por Madre Francisca Lechner, fundadora da Congregação Filhas do Amor Divino.

Considerando o universo de informações as quais tivemos acesso, as incertezas e sobre o que pesquisar se fragmentaram e foram sendo delineadas com o recorte do objeto de estudo, que até então estavam com dois objetos, as histórias e as práticas pedagógicas das professoras.

No entanto, destacamos que a definição do caminho que iríamos trilhar, só foi possível pelo exercício constante de interações dentre eles, com a orientadora do processo de qualificação, dos eventos, na visita aos arquivos, além do aprofundamento da revisão bibliográfica. Nesse movimento, nossa compreensão sobre objeto, foi sendo amadurecida, o que parecia “invisível” aos nossos olhos, surgia com mais clareza e contribuiu para os desdobramentos do estudo.

É nesse sentido que justifica-se a relevância deste trabalho, historiar o Colégio Nossa Senhora das Vitórias em Assú/RN, instituição dedicada inicialmente à educação feminina, através de iniciativas da igreja local e de intelectuais da época, em um período que inclui embates entre a Igreja Católica e Estado por uma educação laica. Ao longo da sua existência, interagiu com esferas da sociedade brasileira, com políticas educacionais, modificações na estrutura física, na nomenclatura, no funcionamento administrativo e em caráter didático-pedagógico. Na literatura revisada, detectamos a ausência de um referencial abordando sobre o Colégio Nossa Senhora das Vitórias com enfoque para suas práticas educativas.

Portanto, reconstituir a história do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, é uma temática ainda não explorada. A nosso ver, é um contributo à historiografia da educação norte-rio-grandense, em particular na área da formação docente e das instituições escolares.

1.2 REFLETINDO SOBRE O OBJETO DE PESQUISA

[...] historiar uma instituição educativa, tomada na sua pluridimensionalidade, não significa laudatoriamente descrevê-la, mas explicá-la e integrá-la em uma realidade mais ampla, que é o seu próprio sistema educativo [...] (OLIVEIRA; GATTI JÚNIOR, 2000, p. 74).

No espaço escolar, convivemos com um universo repleto de regras específicas para seu funcionamento e organização, com as metodologias de ensino, com um currículo pensado conforme a formação que pretende cada instituição escolar. Especificamente, destacamos a história do Colégio Nossa Senhora das Vitórias em Assú/RN, com enfoque para suas práticas educativas entre os anos de 1927 a 1937.

As Instituições Escolares constituem e representam independentemente de suas origens, uma amostra significativa do que realmente acontece ou aconteceu no contexto educacional de um determinado país. Corroboramos com Furtado (2002, p. 150), quando ressalta que juntamente com seus atores, as instituições escolares produzem diversos tipos de documentos e registros de caráter administrativo, pedagógico e histórico, exigidos pela administração e pelo cotidiano, que perpassam inclusive seu âmbito pedagógico.

Acreditamos ser pertinente conceituar o que estamos compreendendo sobre instituição. Dessa maneira recorremos à gênese da palavra, conforme ressalta Saviani (2007):

A palavra ‘instituição’ guarda a ideia de algo que não estava dado e que é criado, posto, organizado, constituído pelo homem. Mas essa é ainda uma idéia muito geral, pois as coisas que o homem cria são muitas e dos mais diferentes tipos e nem todas podem ser consideradas como instituição. [...] a instituição apresenta-se como uma estrutura material que é constituída para atender a determinada necessidade humana, mas não qualquer necessidade. Trata-se de necessidade de caráter permanente. Por isso a instituição é criada para permanecer. [...] notaremos que nenhuma delas é posta em função de alguma necessidade transitória, como uma coisa passageira que, satisfeita a necessidade que justificou, é desfeita (SAVIANI, 2007, p. 4).

A ideia de instituição perpassa por algo que é criado, organizado pelo homem e que tem como objetivo atender a uma necessidade humana de caráter permanente. Acrescentamos ainda, que essa instituição, especificamente a escolar tem caráter formativo, seja intelectual ou pessoal (SAVIANI, 2007). Assim como destacado pelo autor, nenhuma instituição escolar

tem caráter transitório, passageira, a exemplo do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, que completou recentemente 86 anos de existência.

Para Gatti Júnior (2007), a relevância dos estudos sobre a história das instituições escolares, perspectivando dar conta dos vários atores envolvidos no processo educativo, investigando aquilo que se passa no interior das escolas, gerando um conhecimento mais aprofundado destes espaços sociais destinados aos processos de ensino e de aprendizagem. “Parece-nos que a ênfase dada às análises mais sistêmicas cedeu lugar às análises que privilegiam uma visão mais profunda dos espaços sociais destinados aos processos de ensino-aprendizagem” (GATTI JÚNIOR, 2007, p.7).

Desse modo, as escolas apresentam-se como espaços portadores de fontes de informações fundamentais para a formulação de pesquisas, interpretações e análises sobre elas próprias, as quais permitem a compreensão do processo de ensino, da cultura escolar e, conseqüentemente, da História da Educação.

Reconstituir as histórias das instituições escolares nos permite mergulhar na sua interioridade e nos remete a tentativa de compreender a multiplicidade de atores envolvidos, suas práticas educativas, tais como os objetos materiais, as representações dos atores do processo e dos saberes escolares que contribuem para explicarem os fatos e a realidade educativa da escola e suas relações com contexto, na qual está inserida historicamente (FRAGO, 1995; MAGALHÃES, 2005, 1998).

Para Certeau (2011, p. 41), “as práticas são maneiras de pensar e de fazer, se constituindo as diversas práticas pelas quais os sujeitos históricos, se reapropriam do espaço, fazendo uso dos produtos culturais no mercado dos bens”. As maneiras de fazer desenvolvidas no Colégio Nossa Senhora das Vitórias são, por exemplo, modos de educar, transmitir valores morais e religiosos.

Para compreensão sobre educação, nos respaldamos em Brandão (1995), para quem destaca que educação é todo conhecimento adquirido com a vivência e interação em sociedade, seja ela qual for. Sendo assim, a educação ocorre no ônibus, em casa, na igreja, na família e todos nós fazemos parte deste processo.

A partir da concepção de educação defendida pelo referido autor, compreendemos conforme os estudos de Cox (2004), que prática educativa envolve o ensinar e aprender, enquanto processos de interações humanas, onde há homens e mulheres interagindo, com ou sem a palavra, há aprendizagens e, portanto práticas educativas, as quais mesclam a vida como um todo, seja na família, na escola.

Na escola, o educar é uma rede de práticas formais, movida por aulas, saberes determinados pelo currículo, planejamentos de ensino, métodos pedagógicos, usos de equipamentos didáticos, livros, matrículas e avaliações. Essas práticas são modos de viver a escola nas múltiplas possibilidades que auxiliam a decifrar as instituições escolares e seus sujeitos (SILVA, 2011).

Assim, para nortear nosso estudo nos apoiamos na categoria central de análise da *Cultura Escolar* por possibilitar construir leituras dos modos como, por exemplo, o Colégio Nossa Senhora das Vitórias desenvolvia suas práticas educativas. Para Dominique Julia:

A cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhes são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular. Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos. (JULIA, 2001, p. 10-11).

Segundo Frago (1995) a cultura escolar, recobre as diferentes manifestações das práticas instauradas no interior das escolas, transitando de alunos a professores, de normas a teorias. Na sua interpretação, englobava-se tudo o que acontecia no interior da escola.

É interessante perceber, que a cultura escolar envolve o conjunto do fazer escolar, contribuindo assim para compreendermos, por exemplo, os fazeres do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, aquele que determina o que ensinar, o que inculcar, os fins a atingir, mais especificamente, o que transmitir considerando o contexto sociocultural que a escola se insere.

Nesse sentido, Magalhães (1996, p.2) defende que:

Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa é, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e (re) escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico.

Nas últimas três décadas do século XX, desenvolveram-se estudos sobre cultura, instituições e disciplinas escolares, especialmente na Europa, com consideráveis impactos na pesquisa brasileira nessa área, em uma direção de renovação da pesquisa em História da Educação.

Magalhães (1998), afirma que a abordagem dos processos de formação e de evolução das instituições educativas constitui um domínio do conhecimento historiográfico em

renovação no quadro da História da Educação. Uma renovação onde novas formas de questionar-se cruzam com um alargamento das problemáticas e com uma sensibilidade acrescida à diversidade dos contextos e à especificidade dos modelos e práticas educativas. Uma abordagem que permite a construção de um processo histórico que confira uma identidade às instituições educativas.

Trata-se, portanto, de acordo com Magalhães (1998, p. 61), da

“história construída da(s) memória(s) para o arquivo e do arquivo para a memória”, com a finalidade de efetivar uma síntese multidimensional que demonstre um determinado itinerário pedagógico, uma identidade histórica específica, um processo em evolução e um projeto pedagógico.

Para Gatti Júnior (2007), é perceptível, o que convencionamos intitular de história das Instituições escolares, o quanto tem ocupado cada vez mais espaço no cenário da pesquisa histórico-educacional, envolvendo uma série de pesquisadores no Brasil e na Europa. Sobretudo em quase todos os Estados do Brasil, a exemplo do Rio Grande do Norte, com o Programa de Pós- Graduação em Educação, da Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Norte.

No Brasil, ainda que com diversas dificuldades, em virtude da inexistência de fontes organizadas, historiadores e educadores têm-se lançado à tarefa de historiar a educação escolar brasileira, através da construção de interpretações acerca das principais instituições escolares espalhadas pelas diversas regiões brasileiras (GATTI JÚNIOR, 2007).

Dentre os principais autores brasileiros, que se lançaram a tarefa de historiar a educação escolar, citamos alguns estudos mais recentes, como dos pesquisadores Esther Buffa e Paollo Nosella da Universidade Federal de São Carlos, com a pesquisa sobre “*Scholla Mater: a Antiga Escola Normal- São Carlos (1911-1933)*” e “*Industrialização e Educação: a Escola Profissional de São Carlos (1932-1971)*”. Há que se mencionar também a pesquisa de Elizete Silva Passos, “*A Educação das Virgens: um estudo do cotidiano do Colégio Nossa Senhora das Mercês*”, da cidade de Salvador/BA (GATTI JÚNIOR, 2007).

Ao rastrear as produções existentes sobre instituições escolares, percebemos que quase todos os estudos são oriundos dos Programas de Pós- Graduação em Educação e tem privilegiado a instituição escolar, desde sua materialidade até o contexto histórico e as circunstâncias específicas da criação e da instalação da escola; seu processo evolutivo, os alunos, os professores, sua formação, a organização, currículo, disciplinas, livros didáticos, métodos e instrumentos de ensino, as normas disciplinares, os eventos (NOSELLA; BUFFA, 2005, p. 16).

Detectamos também, que os Grupos de pesquisa sobre o tema das instituições escolares multiplicam-se nos vários Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil, assim como nos congressos de educadores, através do Grupo de Trabalho em História da Educação, no seio da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Com a criação, em 1986, do Grupo de Estudos e Pesquisas História em Educação, são apresentados inúmeros trabalhos de pós-graduandos sobre as mais diversas instituições escolares de todo o país: públicas, particulares, religiosas, militares (GATTI JÚNIOR, 2007).

Alguns Grupos de Estudos e Pesquisas de Universidades renomadas como a Universidade de Campinas, se destacam em historiar as instituições escolares no país como exemplo, “*História, Sociedade e Educação no Brasil*”, organizado em 1986 e institucionalizado em 1991, tendo como coordenadores o professor Dermeval Saviani e o professor José Claudinei Lombardi, contam com a participação de pesquisadores em todo o país.

A partir do levantamento exploratório realizado no banco de dados da UNICAMP, detectamos o estudo de Alessandra Cristina Furtado em 2001, que privilegiou investigar sobre “*História e memórias de um espaço escolar feminino: o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Ribeirão Preto/SP (1918-1960)*”. Nesse trabalho a autora preocupou-se em analisar a vinda das Salesianas para o Brasil, relacionando a atuação dessas religiosas junto à juventude feminina com o processo de consolidação do catolicismo. Com a intenção de recuperar a historicidade do Colégio, bem como sua instalação e inserção na cidade; analisando também a formação religiosa das jovens que ocorriam ao lado da instrução pedagógica.

Citamos também, o estudo de doutoramento de Celeida Maria Costa de Souza, em 2009 sobre a “*História das práticas pedagógicas e cultura escolar do Colégio Salesiano de Santa Teresa, Corumbá- MS (1972-1987)*”, o qual a analisou as práticas pedagógicas e a cultura escolar do Colégio Salesiano de Santa Teresa, localizado em Corumbá-MS. Uma instituição confessional católica em atividades educacionais desde 1899.

Destacamos o Grupo de Estudos da *História da Educação e da Religião*, criado em 2008 e sediado na Faculdade de Educação da USP. A produção de doutorado de Paula Leonardi, no ano de 2008 sobre “*Além dos espelhos: Memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas francesas no Brasil*”, que tem como objetivo do estudo analisar sobre a atuação de Congregações Católicas no campo educacional e mais especificamente voltado para a educação da mulher.

Percebemos que tais investigações, se aproximam do nosso estudo em vários aspectos: em primeiro lugar, apresentam a história de instituições escolares sobre a direção de

Congregações religiosas vindas de outros países, especificamente da Europa; em segundo lugar, a pesquisa privilegia compreender por meio da história da instituição escolar, suas práticas educativas, considerando a categoria central de análise a cultura escolar, assim como nosso estudo.

Assim como os trabalhos que vêm sendo produzidos nos grandes centros universitários, ressaltamos a nossa preocupação em recuperar e historiar as Instituições Escolares locais, trabalhos que vêm sendo construído através do *Grupo de Pesquisa Formação e Profissionalização Docente* da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, coordenado pela professora Maria Antonia Teixeira da Costa.

Dentre os trabalhos, registramos os estudos sobre a Escola Normal de Mossoró/RN, Grupo Escolar 30 de Setembro em Mossoró/RN, O Colégio Nossa Senhora das Vitórias em Assú/RN, O Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia em Assú/RN. Mesmo embrionariamente, essas produções sobre as instituições escolares locais, tem conseguido expandir suas discussões em eventos acadêmicos nacionais e internacionais em História da Educação.

Nessa perspectiva, nosso estudo tem como ponto de partida investigar como se constituiu a história do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, com destaque para as suas práticas educativas, entre os anos de 1927 a 1937, período que engloba sua fundação e a consolidação desta instituição na sociedade assuense.

Para compreendermos esse questionamento, se faz necessário uma reconstrução histórica da vinda de Congregações religiosas para o Brasil, especificamente a Congregação das Filhas do Amor Divino e a implantação do referido Colégio das Freiras em Assú idealizado para educação das meninas e da influência da Igreja Católica nos meios escolares.

Iremos perceber que a inserção da Igreja Católica nos espaços educativos e a chegada das Congregações Religiosas no Brasil, se confundem com o processo de educação da mulher.

Segundo Áries (1981), a ausência da educação feminina pode ser explicada pela exclusão da mulher do processo educativo pelo menos até o final do século XVII, quase dois séculos de diferença em relação ao homem. Sobre a temática, a partir das leituras sobre a educação feminina, conforme registram Almeida (1998) e Louro (1997), nos revelando que o ideário da educação feminina no Brasil e mesmo na Europa, não ocorreu de forma harmônica, elas tiveram que lutar por oportunidades no espaço público.

Com o desenvolvimento industrial e urbano ocorrido no início do século XX abriu espaço para o acesso das mulheres a uma maior escolaridade, fazendo surgir novas profissões no mercado de trabalho. A busca das mulheres por um espaço de atuação, mais efetiva no

âmbito público foi uma realidade constante, que muito contribuiu para a garantia de algumas conquistas sociais como o direito ao voto, a participação em órgãos públicos, antes confiados apenas ao homem, além de outras reivindicações que foram se concretizando historicamente (ALMEIDA, 2006).

Essas conquistas históricas são relevantes, porque significam o avanço das mulheres em suas reivindicações femininas, no entanto, vale enfatizar que apesar das conquistas, as mulheres ainda se depararam com grandes dificuldades no acesso aos espaços públicos. Isso porque, os grupos conservadores não aprovavam a emancipação da mulher, a exemplo da igreja católica.

A igreja católica via na crescente emancipação feminina a desestruturação das bases do casamento sadio. O discurso higiênico moderno reforçava essa associação, afirmando que o lugar da mulher era o lar e sua função prioritária era cuidar dos filhos e das filhas. Na família ideal, a mulher não deveria trabalhar fora. A guarda da prole e sua educação seriam atividades naturais da mulher, que passaria todo o seu tempo lendo e brincando com os filhos e filhas (VIDAL; CARVALHO, 2001, p. 215).

Essa condição da mulher de cuidar do lar e educar dos filhos estava expressa em sua formação. Visando disciplinar sua atuação no âmbito social, em particular no universo público, o qual “exigia” uma mulher educada, recatada, com práticas de civilidade e colaboradora do processo de modernização do país.

A formação escolar de uma mulher, muitas vezes se dava para além dela, dos seus anseios ou necessidades. Tratava-se de uma educação articulada com a proposta educativa social e econômica do Brasil Republicano (LOURO, 1997).

Para orientar essa educação feminina tivemos a expansão do ensino religioso. A presença da Igreja católica nos meios escolares está fortemente ligada com a História da Educação no Brasil, primeiramente com os jesuítas e a partir do século XIX com outras Ordens e Congregações religiosas, por exemplo, padres Lazaristas, frades Capuchinhos e filhas da Caridade.

Para Moura (2000, p. 98), “a atuação da Igreja Católica no campo da educação, na qual, percebia que o setor da educação constituiu peça vital para o trabalho de evangelização”. Ainda conforme o autor era normal que o catolicismo montasse o seu esquema de escolas particulares, pagas ou gratuitas, que atenderiam em larga escala às classes ou camadas intermediárias nas quais a Igreja se apoiava.

Mediante a discussão acima, Moura (2000) destaca, com semelhante esquema de salvaguardaria a instrução e formação cristã da juventude e mais ainda, a rede de

estabelecimentos privados de ensino que cobriria uma lacuna imensa, dada a precariedade e insuficiência de instituições públicas.

É impressionante, comparando-se a outras tarefas o número de institutos religiosos que se fixam ou são criadas no Brasil para atender o mercado das escolas e Colégios. Será por meio deles que o catolicismo prestará serviços preciosos à classe média e alta, sem esquecer-se de atender, também, às camadas desfavorecidas. (MOURA, 2000, p. 99).

Foi possível constatar que a fundação da Congregação das Filhas do Amor Divino, inicialmente se dedicava ao atendimento das camadas desfavorecidas, posteriormente expandiu pelo mundo seus colégios e creches, estando à frente Madre Teresina Werner e um grupo de freiras, que sentiam-se convidadas a missão no Brasil, como declaravam elas mesmas (OLIVEIRA, 1999).

Merece destacar que esse grupo de freiras primeiramente se instala na cidade de Caicó/RN, no ano de 1923 e, após solicitações do pároco da cidade de Assú/RN, aceitam o convite para assumir a direção do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, sendo então fundado no ano de 1927, com o intuito de educar moças, para serem boas cristãs, mães e esposas dedicadas aos filhos e o marido, contribuindo para a construção de uma sociedade letrada e com regras de civilidade, de acordo com o ideário formativo da época.

O objeto dessa pesquisa, ao primeiro olhar pode parecer fechado em si mesmo, particularizado na análise da história de uma instituição escolar. Entretanto, não se trata apenas da história de uma instituição, mas inclui compreender o movimento da história da educação, configurando o contexto socioeducacional de Assú e do Rio Grande do Norte, mas que estavam articuladas com discussões vivenciadas no Brasil na época pesquisada.

São perspectivas de estudos que contribuem para a reconstituição da história das instituições escolares e da própria história da educação, campo de produção científica ainda restrita no Rio Grande do Norte, e pouco focado nas disciplinas de fundamentos da educação e nos cursos de formação de professores.

1.3 A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Alcançar a clareza sobre a pesquisa “não é uma coisa que se produza de uma assentada, por ser um ato teórico, é um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correções, de emendas” (BOURDIEU, 1989, p. 26-27).

Quando iniciamos o processo de construção da pesquisa, dentre os inúmeros questionamentos sobre o objeto de estudo, surgiram outras inquietações: Por onde começar? Que metodologia utilizar? Quais serão os sujeitos da pesquisa? Que fontes e arquivos investigar? A partir do aprofundamento do referencial teórico e a definição dos objetivos esses questionamentos foram sendo definidos.

Os primeiros diálogos com o objeto dessa dissertação, a história do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, já se configuravam na investigação como primeiras aproximações, compreendendo que pesquisar, assim como alerta Rodrigues (2007, p. 15) “ultrapassa etapas de coleta e análise de dados, seleções do objeto, definições, delimitações do corpus teórico, problematizações iniciais, até consolidar-se nas etapas seguintes”, na aproximação com o objeto numa construção diária, anteriormente planejada, mas não fechada, como ressalta Bogdan e Biklen (1994, p. 249):

Uma pesquisa qualitativa é, sobretudo, uma construção teórico-metodológica, um processo no qual nada é definitivo, porém passível de modificações, mesmo no instante em que põe o ponto final no seu relatório ali está começando uma nova pesquisa sua ou de outrem.

Esse estudo está norteado pela abordagem qualitativa, isso porque compreendemos sua contribuição no campo da pesquisa em educação. Sendo assim, nos apoiamos em Bogdan e Biklen (1994), no qual ressaltam que a investigação qualitativa enfatiza a descrição, a indução, a teoria, fundamentada e os estudos das percepções pessoais. Para tanto, se entende que um estudo dessa natureza visa averiguar a complexidade dos objetos em estudo e que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características.

Essa perspectiva de estudo desvincula dos referenciais positivistas e tendem para o estudo de questões delimitadas, locais, apreendendo o sujeito no ambiente natural em que vivem nas suas interações interpessoais e sócias, nas quais urdem de significados e constroem a realidade.

Vale ressaltar, que a pesquisa em discussão se situa na perspectiva exploratória, no qual, se pretende pesquisar informações sobre a temática em estudo e ampliar os conhecimentos em relação ao problema em questão. Para contribuir com a pertinência da fase exploratória da pesquisa Minayo destaca:

A fase exploratória de uma pesquisa termina quando o pesquisador define seu objeto de pesquisa, constrói seu marco teórico conceitual, define os instrumentos de coleta de dados, escolhe o espaço e o grupo de pesquisa, define a amostragem e estabelece estratégias para entrada em campo. (MINAYO, 2012, p. 32).

Ao discorrer sobre importância da pesquisa exploratória, como um dos recursos dentro do processo da pesquisa, Minayo (2012, p. 42-43), define como sendo “mais que uma descrição formal dos métodos e técnicas a serem utilizados, indica as opções e a leitura operacional que o pesquisador fez do quadro teórico”. Portanto, compreendemos segundo as observações da referida autora, que a metodologia, é a explicitação minuciosa, detalhada e rigorosa dos caminhos a serem percorridos na perspectiva de atingir objetivos e encontrar respostas.

Ainda para conduzir o estudo, nos guiamos pelo aporte teórico-metodológico da História Cultural, por entender “que os eventos, ou tudo que se refira à atividade humana são considerados objetos de análise histórica”, (MORAIS, 2006, p. 3), a exemplo desta pesquisa, sobre a história Colégio Nossa Senhora das Vitórias, com enfoque para suas práticas educativas.

A busca pelas fontes necessárias para historiar o Colégio Nossa Senhora das Vitórias, seria um grande desafio. As inquietações não estavam somente nos dados visíveis, mas os que silenciavam, e exigia aprofundamento da complexidade que os cercavam para compreender em sua essência, nas suas relações e interdependências, o caminho sobre a história do Colégio das Freiras e suas práticas educativas situado num tempo histórico. Ao longo do percurso, foram idas e vindas, delineamentos no universo da pesquisa, encontros, escolhas e definições de fontes documentais, considerando os objetivos da pesquisa.

Nesse processo de reconstituir a história do Colégio das Freiras, as socializações das intenções de pesquisa foram significativas, seja no espaço acadêmico ou fora dele. Dentre os momentos destacamos os estudos e discussões na disciplina Pesquisa e Educação, ofertada pelo *Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC*, sendo então, compartilhados os projetos de pesquisa entre os colegas de sala e professores ministrantes da disciplina. Outro momento ímpar para esse processo, foi a qualificação do projeto de pesquisa, sendo convidados professores da Universidade Federal do Ceará e da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, para contribuir com observações e considerações pertinentes para os encaminhamentos e desdobramentos da pesquisa. Também participamos das discussões do *II Formação em Debate*⁷, organizado pelo *Grupo de Pesquisa Formação e Profissionalização do Professor*, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

⁷Esta atividade nasceu no primeiro semestre de 2010, a partir de debates e tem como objetivo contribuir com a formação docente através da divulgação de pesquisas e estudos realizados pelos professores e alunos integrantes do *Grupo de Pesquisa Formação e Profissionalização do Professor*.

Consideramos o partilhar das inquietações epistemológicas e do trajeto da escrita da dissertação, salutar para repensarmos nossa questão de estudo, objetivos e os caminhos que iríamos seguir, a exemplo da mudança da metodologia.

No processo de construção da dissertação, tínhamos feito à opção da Metodologia da História Oral. No entanto, no trajeto, percebemos sua inviabilidade, considerando a dificuldade de encontrar ainda com vida os sujeitos que viveram ou conviveram com pessoas que fizeram parte da história do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, no período histórico selecionado para o estudo. Ao rastreamos alguns ex-alunos da segunda turma do Colégio, em virtude da saúde debilitada, não foi possível realizar entrevista. Outros ex-alunos e familiares foram detectados, mas a distância geográfica e dificuldade de comunicação não permitiram a realização das entrevistas.

Dessa maneira, repensamos o percurso metodológico juntamente com a orientadora e redirecionamos os caminhos da pesquisa. Sendo assim, decidimos optar pela pesquisa documental, considerando o acervo sobre o Colégio Nossa Senhora das Vitórias. Porém, não descartamos a possibilidade de utilizar a entrevista.

Dentre os percursos desse estudo, os questionamentos sobre o que pretendíamos pesquisar, os desafios, as possibilidades, limites e contribuições do estudo, foram se tornando mais claro, na medida, em que reorganizamos os redirecionamentos da investigação, a exemplo dos caminhos para realização da pesquisa, a exemplo do levantamento sobre estudos que discutiam sobre instituições escolares, as fontes documentais existentes sobre o Colégio das freiras, a escolha do aporte teórico-metodológico, as visitas aos arquivos públicos e privados da cidade de Assú e de Natal e a persistência no rastreamento de ex-alunos e familiares.

Este estudo dialoga com referenciais que concebem as realidades vividas em espaços e tempos determinados, articulados a construções sociais complexas. Conforme destaca Silva (2011, p. 30) “essas contribuem para refletir as realidades escolares, nas formas como são pensadas e construídas, a fim de alargar o conhecimento que temos sobre elas”, como seu funcionamento, a organização curricular, suas práticas educativas, o cotidiano de alunos e professores.

Corroboramos com Sanfaceli (2007), quando ressalta que no interior das instituições escolares há um quebra-cabeça a ser decifrado, no qual nos deparamos com legislações, padrões disciplinares, conteúdos escolares, relações de poder, ordenamento da rotina. Pode-se considerar a instituição escolar a síntese de múltiplas determinações, seja através de instâncias

políticas, econômicas, culturais, religiosas, da educação, interagindo entre si e construindo sua identidade, assim como nosso objeto de estudo.

Nos arquivos públicos e privados da cidade de Assú e Natal mergulhamos no interior da instituição na tentativa de montar o quebra-cabeça que ali se lhe apresentava. No entanto, percebemos que precisávamos ir além, buscar ar como destaca Sanfelice (2007), para não se afogar em águas turvas. Tivemos esse cuidado no momento em que estávamos no arquivo buscando informações sobre o Colégio Nossa Senhora das Vitórias, procurávamos olhar para fora da instituição, isso porque assim como ressalta Sanfelice (2007, p. 77-78) “nenhuma instituição manifesta sua identidade plena apenas no interior dos seus muros, por isso é fundamental olhar para seu o entorno”.

Olhar para o intramuro da escola, envolve percebê-la interagindo com os fenômenos educacionais e questões sócias mais complexas e contribuindo para construção da sociedade. Nesse sentido plural, que se insere o estudo das instituições escolares, a exemplo do Colégio Nossa Senhora das Vitórias.

Nesse campo de pesquisa, “o historiador tem de socorrer-se das mais diversas fontes de informação, desde os elementos físicos e sociais aos fragmentos escritos e aos testemunhos biográficos. Uma verdadeira arqueologia do saber” (MAGALHÃES, 1999, p. 52).

As fontes detectadas sobre a história do Colégio Nossa Senhora das Vitória, a exemplo, das fotografias, livros de leitura, atas, relatórios anuais, são tão válidos quanto às fontes oficiais, as que Burke (1992) denomina de fontes produzidas pelos governantes. Para esse autor, ambas podem ser usadas pelos pesquisadores, mas precisam ser questionadas, lidas nas entrelinhas, interpretadas, entrecruzadas.

Para Certeau (2002, p. 81) “em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em documentos certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho”.

Com o propósito de produzir uma leitura sobre o Colégio Nossa Senhora das Vitórias entre os anos de 1927 a 1937, percorremos vários espaços, dentre eles o arquivo da própria instituição, onde está o acervo sobre sua história. Fotografamos informações de livros de matrícula contendo informações como nome dos alunos, ano de nascimento e referências dos pais, a exemplo de profissão e endereço residencial. Nos relatórios anuais apresentam informações sobre as atividades realizadas durante o ano letivo, como as comemorações cívicas e religiosas. Outro material encontrado, o livro a divisão do material de ensino enfoca dados sobre as disciplinas, conteúdos e indicações de materiais de ensino. Além disso,

visitamos as residências de ex-alunos, familiares, o que facilitou as entrevistas e o acesso a documentos e fotografias.

Entrevistamos Marta Cortez Alves, ex-aluna do ano de 1937; Irmã Ernestina da Fonseca (*In memoriam*)⁸ ex-aluna ano de 1929, além da ex-aluna Irmã Miguelina Medeiros, interna do Colégio Nossa Senhora das Neves da Congregação das Filhas do Amor em 1933; Marta Salem, filha de Marta Wanderley Salem, primeira aluna do Colégio Nossa Senhora das Vitórias no ano de 1927. Consideramos que as entrevistas possibilitaram uma aproximação com o passado. No entanto, em virtude do recorte temporal da pesquisa, existiu a dificuldade em recuperar memórias do tempo vivido. Dessa maneira, inserimos poucos trechos das falas, apenas o que contemplava a questão de estudo.

Para a realização das entrevistas, tínhamos um contato inicial através de telefonemas ou email, no qual, combinávamos os horários e espaços onde realizaríamos as entrevista, com o recurso de um gravador digital.

Com a conclusão das transcrições, retornamos os dados aos informantes para possíveis esclarecimentos. Conforme orienta Toutier-Bonazzi (2006, p. 239), a “transcrição deve ser feita logo em seguida sua realização, de preferência pelo próprio entrevistador, considerando os aspectos da entrevista como os silêncios, os gestos”.

Assim como afirma Rodrigues (2007, p. 26), a memória emerge como elemento “mediador das lembranças sob efeito de uma série de pensamentos individuais e coletivos, com unidade e multiplicidades que o tempo muitas vezes, contribui para apagar”. Sendo assim, o pesquisador fica com a tarefa de reavivar as tintas desse passado, destacando que as lembranças fazem parte das memórias dos sujeitos e não são lineares.

Para Thompson (2002, p. 254), o pesquisador pode escolher diferentes maneiras e métodos para conduzir a entrevista, “desde as que se faz sob a forma de conversa amigável, até o estilo mais formal e controlado de perguntar”.

Conforme Toutier-Bonazzi (2006, p. 234), “torna-se indispensável criar uma relação de confiança entre depoente e entrevistador”. Dessa maneira, nosso primeiro contato, foi através de ligações e e-mails, favorecendo uma relação de confiança e credibilidade.

Produzimos o roteiro da entrevista a partir de uma preparação minuciosa, consulta aos arquivos, à leitura sobre o contexto histórico da época, sobre o Colégio das Freiras, sobre o entrevistado, colaborando com o direcionamento e desdobramento da entrevista (TOURTIER-BONAZZI, 2006).

⁸ Em virtude, do estado de saúde e falecimento de Irmã Ernestina, não foi possível concluir a entrevista. No entanto, como tínhamos alguns registros do seu depoimento inserimos na dissertação.

Inicialmente, tivemos uma conversa preparatória sobre a pesquisa, esclarecendo o tema e nosso interesse em discutir sobre o assunto. No momento da entrevista, inserimos fotografias com a intenção de contribuir no resgate da memória.

Considerando o arcabouço da pesquisa, decidimos trabalhar com a entrevista semi-estruturada, esse tipo de entrevista permite uma maior flexibilidade no momento de responder questões e proximidade entre os participantes. Construímos um roteiro de perguntas abertas, para que pudéssemos nos aproximar do objetivo do nosso estudo, privilegamos aspectos da história da cidade de Assú e recordações do Colégio Nossa Senhora das Vitórias:

Quadro 1- Lista de perguntas para entrevista semi-estruturada.

Recuperando a história de Assú	Recordações do Colégio Nossa Senhora das Vitórias
Gostaria que me falasse seu nome completo,	Como era escola do seu tempo?
Quando e onde nasceu?	Como era a rotina da escola e da sala de aula?
Quais os acontecimentos mais marcantes na cidade de Assú?	Como era a disciplina escolar?
Como eram as festividades?	Que materiais utilizavam na sala de aula?
Como era Assú naquele tempo?	Como eram as datas comemorativas no Colégio?
Existiam muitas escolas em Assú?	Como era o ensino no Colégio Nossa Senhora das Vitórias?
O que representou para a cidade de Assú a fundação do Colégio das Freiras?	Que valores foram ensinados no Colégio?

A consulta a outras fontes contribuiu para melhorar a formular as próprias questões da entrevista e melhor compreender suas respostas. Por outro lado, os depoimentos não podem ser tomados como mera ilustração para reafirmar aquilo que já se tem como verdade, construída principalmente a partir das fontes consideradas mais confiáveis.

Posterior às entrevistas, em meio a busca por mais fontes, encontramos o livro *Viajando o Sertão* de Luis da Câmara Cascudo. O livro apresenta dezoito crônicas publicadas originalmente no jornal *A República* entre 31 de maio e 29 de junho de 1934, para quem

constitui o relato de uma viagem pelo Sertão nordestino, empreendido por Câmara Cascudo, ao lado do interventor federal e autoridades da educação e agricultura. O autor faz um relato minucioso da vida sertaneja, sobre santeiros, arte religiosa, igreja, educação, família, práticas de sociabilidade, cultura local. A leitura desse material contribuiu para contextualizar o Rio Grande do Norte no período da pesquisa.

Na residência da família Sá Leitão, encontramos os livros *O Colégio Nossa Senhora das Vitórias: 50 anos*, autoria de Francisco Amorim, *O Município de Assú: notícia até 1928*, autoria de Pedro Amorim e o jornal *A Cidade* do ano de 1922, somam-se, a essas fotografias do Colégio e ex-alunas.

Visitamos o acervo da Fundação Vingt-un Rosado em Mossoró/RN, foi possível encontrar livros que versavam sobre a história de Assú e contribuíram para configurar o período da pesquisa nos aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais e educacionais, a exemplo de *Assú da minha meninice: memórias*, *Titulares do Assu*, ambos de Francisco Amorim; bem como *O Município de Assu*, de Pedro Amorim, *Assú: Atenas Norte-RioGrandese*, autoria de João Carlos de Vasconcelos, *Lembranças e tradições de Assú*, autoria de Maria Eugênia Montenegro.

No acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, digitalizamos, o livro como Leis e decretos do governo, referente ao Colégio Nossa Senhora das Vitórias, como a subversão pelo Estado no ano de 1927 e modificação na nomenclatura passando a ser intitulado de Educandário em 1942. Nos jornais de 1927 a 1933, lemos matérias acerca da divulgação das festividades cívicas, resultados dos exames das alunas, sobre visita das freiras a outras instituições escolares em Assú e outros municípios como Mossoró/RN.

No acervo da Biblioteca Câmara Cascudo em Natal, fotografamos o livro *Assú*, autoria de Nestor dos Santos Lima, isso porque pesquisamos através do catálogo disponível na biblioteca livros sobre Assú e sobre o Colégio das Freiras, auxiliando no rastreamento das informações.

Visitamos a Casa provincial da Congregação das Filhas do Amor Divino em Emaús/RN, no qual detectamos no acervo da instituição livros como *Madre Francisca Lechner: mulher fundadora, Espiritualidade perceptível na obra desenvolvida por Madre Francisca Lechner*, autoria Irmã Maria Thereza Hetzel, *Uma bela vida*, autoria Irmã Zoeli Maria Plestsch, *A peregrina do Retorno*, autoria de Irmã Vilma Lúcia de Oliveria, que narra a história de vida da fundadora da Congregação das Filhas do Amor Divino e a missão de Irmã Teresina Werner em expandir a Congregação em outros países a exemplo do Brasil. Outro livro encontrado, *Cartas Circulares da Madre Francisca Lechner*, se refere a uma coletânea

de cartas escritas e veiculadas na Congregação das Filhas do Amor em Viena, desde sua fundação até o falecimento de Madre Francisca Lechner. Todo esse material, contribuiu para compreender a história da Congregação das Filhas do Amor Divino e seu modelo educacional.

Para análise dos documentos mencionados, nos apoiamos na compreensão de que a pesquisa histórica em educação se estabelece sobre um tripé, cujas bases são as fontes, a interpretação dos dados e a narração, materialização da escrita. Para operar uma cisão entre esses elementos principais, o desafio do pesquisador será a escolha dos guias teóricos, das táticas e das estratégias interpretativas (NUNES, 1997).

No processo de construção da pesquisa, realizamos uma leitura atenta de todo os materiais, catalogamos as fontes orais e documentais e construímos um quadro com informações de cada um deles. Esse procedimento possibilita uma visão do geral e específico dos dados pertinentes para o estudo.

Quadro 2 - Da catalogação das fontes⁹

Documentos	Informações
Divisão do Material do Ensino anos de 1927 a 1942.	O material registra os conteúdos ministrados nas respectivas disciplinas: religião, português, aritmética, história do Brasil, história universal, geografia do Brasil e Univ., Frances, hit. Natural, física, caligrafia, desenho, ginástica, bordado, canto conforme o método.
Livro para relatório do Colégio (1927-1942).	O material apresenta relatório ao Estado do RN. Apresenta o objetivo do colégio para a formação das mulheres. O relatório data entre os anos de 1941-1942. Os relatórios apresentam modelo de ofício para ser enviado ao secretário do estado, bem como ao prefeito de Assú. Dentro do livro, contem ainda o diário de classe com informações sobre o cotidiano da aula, a exemplo de conteúdo, metodologia, indicação dos materiais didáticos utilizados. Apresenta explicações sobre o livro de matrícula, com nome do aluno, nascimento, filiação, naturalidade, nacionalidade, religião, classe. No livro, ainda registra ofício enviado ao então secretário da Ed. Da época Antonio Fagundes a mudança do nome de Colégio para Educandário ano de 1942.
Livro de matrícula entre (1927- 1937)	O material apresenta os nomes dos alunos matriculados, filiação, emprego do pai, data de nascimento, disciplinas.
Ata de Reunião do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, ano de 1928.	Constam as reuniões da instituição, enfatizando suas atividades durante o referido ano, a exemplo das comemorações cívicas, representações dramáticas.

⁹ Apresentamos algumas das principais fontes catalogadas.

Relatórios anuais do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, ano de 1928 a 1937.	Apresentam o cotidiano da instituição, enfocando as datas comemorativas, a exemplo do dia da natureza, dia da bandeira, as festas religiosas, as representações dramáticas e as atividades desenvolvidas nas respectivas datas.
Livro: Educandário Nossa Senhora das Vitórias: meus sessenta anos Bodas de Diamante. Assú/RN: Roberto Dias de Oliveira, 1987	Releitura sobre a fundação do colégio, enfatizando a comemoração pelo aniversário de 60 anos.
Jornal: A Cidade, Assú, n 360, 07 de setembro de 1922.	Constam informações sobre o cotidiano de Assú e a primeira reunião para construção do Colégio.
RIO GRANDE DO NORTE, Decreto n. 343 de 28 de Setembro de 1927. Concede subvenção ao Collegio “Nossa Senhora das Victorias” e as escolas mantidas pelo Centro Operário, de S. José de Mipibú e Centro Operário Assuense.	Informações sobre a subvenção do Colégio Nossa Senhora das Vitórias em Assú.
Revista Caminhando com Madre Francisca Nº 54. Julho/Agosto/Setembro 2007- Viena/Aústria.(p.17-18)	Apresenta a história da fundação e orientações da Madre Francisca Lechner para suas escolas.
Plano de instrução elaborado por Madre Francisca Lechner, como diretiva as Irmãs Professoras: (BINDER, p. 128).	Apresenta o modelo educacional da congregação das filhas do amor e as diretivas de como desenvolver as práticas educativas nas escolas da referida congregação.
Fotografias de Assú no período pesquisado	Entre os anos de 1927-1937
Fotografias de Colégio no período pesquisado	Primeira fachada da instituição, momentos em sala de aula, a exemplo na aula de pintura, registro das professoras com as alunas em momentos de lazer.
Livro: O Colégio Nossa Senhora das Vitórias: seus 50 anos de Francisco Amorim (1977).	Apresenta história da fundação do Colégio Nossa Senhora das Vitórias em Assú, desde sua primeira reunião e as pessoas envolvidas para sua construção, a mobilização na cidade para angariar recursos para custear as obras do colégio, as primeiras professoras, alunas e superiores da instituição.

Corroboramos com Holanda (2002, p. 31), ao nos alertar que fazer análise histórica é possível, sendo que nenhuma fonte deve ser deixada de lado, “isso porque mesmos os objetos mais simples, são culturalmente construídos, tendo sentido e função para a sociedade que os originou, havendo uma relação da parte com o todo”.

É nesse sentido que Lopes e Galvão (2001, p. 93) alertam que “um trabalho é mais rico e mais confiável quanto maior for o número e o tipo de fontes a que se recorreu e com maior rigor tenha sido o trabalho de confronto entre elas”.

Ressaltamos que nas pesquisas nos arquivos públicos, nos deparamos com o descuido aos acervos históricos. Percebemos que algumas pessoas não compreendem o valor das fontes históricas. Corroboramos com Nunes (1990), ao destacar que aos que se dedicam à pesquisa histórica já passou pela angustiante experiência de não encontrá-los pelo descuido intencional, sistemático e criminoso com que os acervos da História e da memória da Cultura e da Educação e da educação brasileira vêm sendo dilapidados em todo o país.

No entanto, paradoxalmente, poucos de nós viveram outra angústia: a de vasculhar os arquivos existentes, organizados e disponíveis. Seja por desconhecimento, impaciência, preguiça, desinteresse, descuido, ou até falta de oportunidade, muitos pequenos grandes tesouros permanecem escondidos numa vasta gama de documentação (NUNES, 1990, p. 38).

Compreendemos a pesquisa através dos arquivos de fundamental relevância. Conforme pontua Nunes (1990), esses acervos contêm informações inestimáveis e, muitas vezes, inéditas e necessárias ao cotejo e a crítica de informações provenientes de outras fontes e da própria historiografia já produzida.

Apesar das dificuldades encontradas no acervo do Educandário Nossa Senhora das Vitórias, tínhamos convicção que aquele espaço escondia tesouros históricos. Mesmo assim persistimos na busca por mais pistas sobre nosso objeto de estudo.

Dentre os materiais encontrados, destacamos o livro biografado pela Irmã Ludovica Binder, intitulado *Madre Francisca Lechner: fundadora da Congregação Filhas do Amor Divino*, com tradução livre e adaptada do Alemão “Muther Franzisca Lechner”, editora Paulina, Fortaleza, 1948.

Essa obra narra à vida da Madre Francisca, sua peregrinação para construir a Congregação e suas escolas pelo mundo. Porém, um dos aspectos mais relevantes que detectamos, foi às diretivas de como as freiras professoras deveriam exercer a docência.

Continuamos as visitas à cidade de Assú, agora nos arquivos privados. Elencamos residências na cidade como, por exemplo, a de Roberto Dias de Oliveira. Nessa visita, detectamos fotos de ex-alunas, livros que falavam sobre a escola.

Após a apreciação de todo o material encontrado, o informante Roberto Dias de Oliveira, disponibilizou gentilmente alguns dos materiais para fotocópias. Ressaltamos que essa relação de cumplicidade e confiança entre pesquisador e informante, nem sempre é recíproca. Foram muitas tentativas de contatos com ex-alunas sem resposta positiva. No entanto, essas dificuldades devem ser encaradas com naturalidade e não como motivo para uma possível desistência.

As fontes, por sinalizarem aspectos dos elementos internos e externos do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, guiaram-nos à categoria central de análise *cultura escolar*, norteadora da pesquisa. Segundo Silva (2011, p. 36), por ser uma categoria da história da educação, “possibilita construir leituras dos modos como a escola funciona e como os sujeitos fazem uso dos objetos culturais produzidos no âmbito social e no cotidiano escolar”.

Para Julia (2001, p. 10), a cultura escolar é “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a

transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”. De acordo com Silvia (2011, p. 36), “esse conceito entende que a formação do sujeito e a cultura escolar se constroem nas teias da realidade social ligadas às finalidades religiosas, sociais e políticas da sociedade”.

Sob a luz da categoria de análise *cultura escolar*, a apreciação das fontes da pesquisa subsidiou catalogar as informações, referentes ao Colégio Nossa Senhora das Vitórias. Posteriormente, iniciamos o processo de articulação com o aporte teórico-metodológico, no qual realizamos a leitura e releitura dos dados. Conforme Lopes e Galvão (2001, p. 23) “é a partir da leitura e releitura constante dos documentos e da formulação e reformulação das questões que o pesquisador colocou inicialmente para o estudo, é que emergirão aos poucos, com mais nitidez as categorias para o estudo”.

De acordo com Silva (2011, p. 38), a partir da sistematização, surgem às “categorias de análise, elaboradas não apenas com a organização de informações recorrentes nas fontes, mas também com o diálogo entre os conceitos teóricos utilizados e o objeto de estudo em questão”. Após a catalogação e sistematização, surgem as categorias de análise específicas deste estudo, a saber, *As Representações Dramaticais, Os livros de leitura, A comemorações cívicas e A disciplina Escolar*. A partir da definição das categorias de estudo, teve início o processo de análise norteado pelo aporte-teórico adotado na pesquisa.

Nesse processo de análise, foi interessante perceber, que a cultura escolar envolve o conjunto do fazer escolar, contribuindo para compreender os fazeres das instituições escolares, a exemplo do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, aquele que determina o que ensinar, o que transmitir, os fins a atingir, considerando o contexto sociocultural que a escola se insere.

Nesse sentido, investigar sobre a história do Colégio Nossa Senhora das Vitórias enfocando suas práticas educativas, tornar-se uma pesquisa tão relevante quanto qualquer outro objeto histórico, na medida em que evidencia aspectos da cultura escolar, seus atores e a multiplicidades de saberes que envolvem a escola, destacando aspectos da história da educação local e norte-rio-grandense.

2 PENSANDO O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO E EDUCACIONAL DE ASSÚ E DO RIO GRANDE DO NORTE ENTRE 1927 A 1937

Neste segundo capítulo, apresentamos o contexto sócio-histórico educacional de Assú e do Rio Grande do Norte, destacando ações dos governadores do estado entre os anos de 1927 a 1937, nos setores da economia, educação, cultura e como as mudanças ocorridas nesse período receberam influência das discussões das grandes cidades do Brasil. Dentre os aspectos, na pauta de debates nessa época estava o setor educacional, a exemplo dos apoiadores de um ensino longe da influência da igreja católica e os defensores pela permanência da igreja no setor educacional, sendo possível que essa discussão tenha influenciado a idealização de colégios católicos pelo Brasil, a exemplo do Colégio Nossa Senhora das Vitórias em Assú/RN.

Outro ponto ressaltado neste capítulo se refere a gênese do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, apresentando as primeiras iniciativas de intelectuais e da igreja católica local para angariar recursos para instalação da referida instituição, pensada para educação feminina. Concomitante a essa discussão, destacamos a história da fundação da Congregação das Filhas do Amor Divino, ordem religiosa vinda de Viena/Aústria para a direção do Colégio em Assú. Apresentamos os caminhos percorridos pela madre Francisca Lechner para fundar a respectiva Congregação e os desafios da época, até a vinda da Congregação para o Brasil, através de Irmã Teresina Werner, com a finalidade de disseminar o modelo educacional da Congregação e os ensinamentos da madre fundadora.

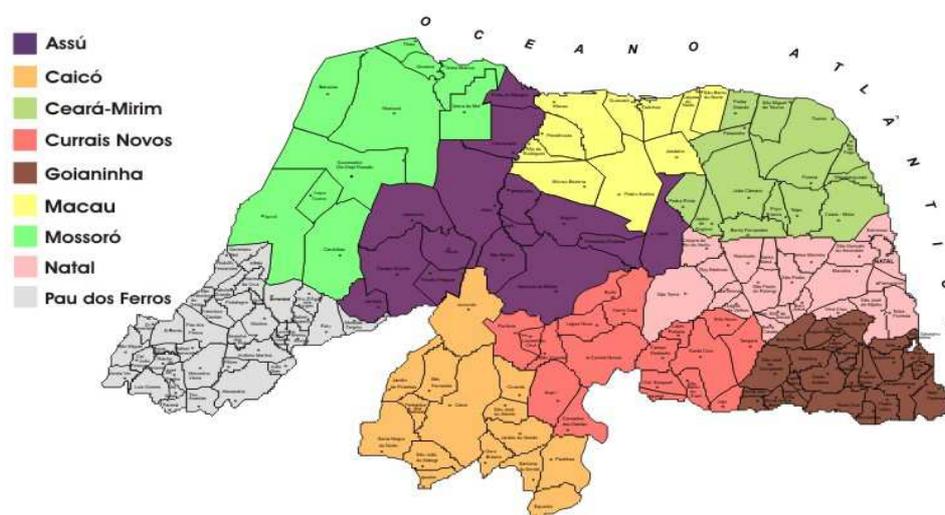
2.1 O CONTEXTO SÓCIO- HISTÓRICO DE ASSÚ E DO RIO GRANDE DO NORTE: os reflexos para a idealização do colégio Nossa Senhora das Vitórias

O espaço se projeta, se vê ou se imagina, o lugar se constrói. É, pois uma construção realizada a partir do espaço como suporte para converte-se em lugar, para ser construído e utilizado (FERNANDEZ ALBA, 1984, p 14).

A cidade de Assú está localizada a 220 quilômetros de Natal, capital do Rio Grande do Norte, e 73 quilômetros de Mossoró. Está na mesorregião do Oeste Potiguar e no Polo Costa

Branca, sendo banhada pelo rio Piranhas - Açu, cuja nascente fica no estado da Paraíba, onde é denominado de rio Piranhas. A cidade é conhecida pela sua riqueza cultural e, pelo histórico de poetas, denominada de “Atenas Norte-Rio-Grandense” (LIMA, 1929).

FIGURA 1 - Mapa do Rio Grande do Norte.



Fonte: TRT 21°. Disponível em: <http://coisaspraver.blogspot.com.br/2012/09/mapa-do-rio-grande-do-norte-para.html>. Acesso em: 20 jul. 2013.

O município de Assú tem área territorial correspondente a 1.269,24 km² e população, a 53.282 habitantes, conforme registra os dados básicos do Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE) em 2010. Atua em setores importantes, como da agricultura e a pecuária, voltada para a exportação. Destacam-se ainda a indústria com a fabricação de telhas e tijolos de cerâmica vermelha e a petrolífera com o setor de serviços, além do comércio, a plantação de frutas e a pesca, servindo como polo econômico e de serviços para municípios circunvizinho, auxiliando na rede bancária e no sistema de ensino superior através da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e da Faculdade Católica Nossa Senhora das Vitórias (IBGE/INFOGRÁFICOS DA CIDADE, AÇU-RN, 2009).

O Assú foi povoado no ano de 1650 por índios, chamados de Janduís, que formando grande tribo, se estendiam do vale do Assú à ribeira de Mossoró. Denominaram a grande aldeia ou taba, de “Taba-Assú” (AMORIM, 1929 b, p. 3).

Segundo Pinheiro (1997, p. 54), o nome Assú é de origem Tupi, língua falada pelos Janduís, cujo significado do vocábulo, que batiza o município, tem duas interpretações:

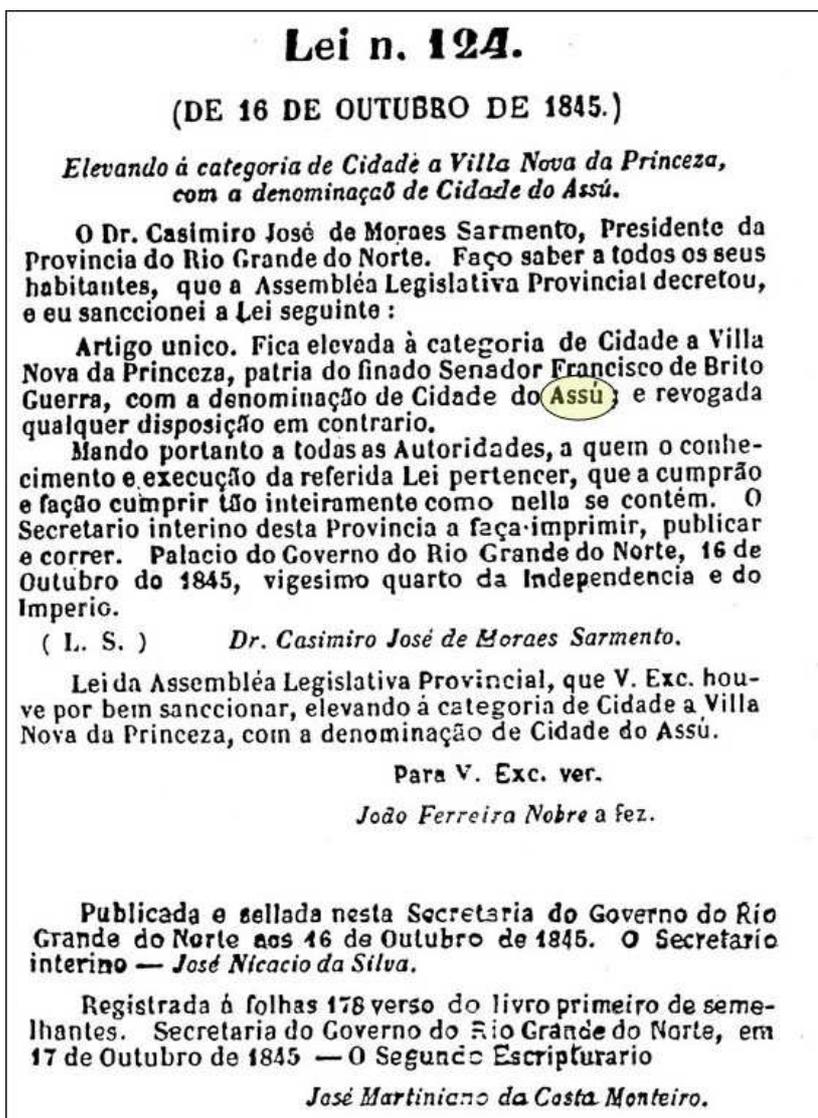
[...] uma diz significar “grande”, segundo consta à literatura oficial da história da cidade; a outra, de acordo com Padre A. Lemos Barbosa, significa “mão esquerda”, justificada pela fala do índio, quando assim se referia em relação ao curso do rio no sentido sul-norte, ficando Assu a sua margem esquerda.

Conforme Pinheiro (1997, p. 54), “a grafia do topônimo Assú é polêmica, quanto ao emprego dois dos esses ou da cedilha. Nos primórdios de sua elevação à condição de cidade, era grafada com dois esses, conforme consta da Lei de sua emancipação política”.

Para Lima (1929, p. 1), “não há uma notícia certa e incontestável dos primeiros fundamentos da colonização da Ribeira do Assú”. Lima (1929, p. 1) pontua ainda que, “em 1696 Bernardo Viera de Melo, então governador da Capitania do Rio Grande do Norte, fundou o Arraial do Assú e lançou para tal fim o Capitão General de Pernambuco e trinta soldados a missão de em seis de fevereiro de 1696 seguirem para ribeira do Assú”. O Arraial logo recebeu o nome de Nossa Senhora dos Prazeres, o qual recebeu outras denominações, dentre elas, Santa Margarida, Povoação de São João Batista da Ribeira do Assú, Vila Nova da Princesa, e Assú (AMORIM, 1929 b, p. 3).

O Assú foi criado enquanto município em 22 de Julho de 1776, sendo instalado a 11 de agosto de 1778, denominado de “Vila Nova da Princesa”. Conforme o conselho presencial, em sessão de 25 de outubro de 1831, registra a resolução. Foi considerada enquanto cidade através da Lei nº 124, de 16 de outubro de 1845, de autoria de João Carlos Wanderley, com a demoninação de Cidade do Assú como destaca o texto da Lei. nº. 124, de 16 de outubro (AMORIM, 1929, p. 4).

FIGURA 2 - Lei n. 124 de 16 de outubro de 1845.



Fonte - Pinheiro (1997, p. 55).

O final do século XIX apresentou transformações relevantes para a sociedade asuense, nos aspectos do planejamento da cidade e no convívio social. A cidade registrava os sinais de progresso que começavam a chegar. Em 1862, ocorreu à construção do cemitério Público e nesse mesmo ano o Colégio das Irmãs de Caridade como era conhecido, fundado pelo padre José Maria Antonio Ibiapina. Essa congregação tratava dos desvalidos da cidade e dedicava-se a dar instrução às moças pobres, que permaneciam até a idade de casar (MORAIS, 2010).

Em 1865, Assú passou, a contar com uma tipografia montada por João Carlos Wanderley, sendo publicados periódicos, a exemplo do *Assuense*. Segundo Amorim (1929), esse periódico foi primeiro jornal do interior do estado.

Em 28 de julho de 1874, foi inaugurada a Biblioteca Pública, tendo o Mercado Público começando a ser construído um ano depois. A estação de Telegráfo Nacional, em virtude de pedidos dos governadores provisórios do Estado, como Xavier da Silveira e Pedro velho, foi instalada em 11 de Dezembro de 1890, na Rua São Paulo (LIMA, 1929). A reorganização da vida social estendeu-se pela prática do teatro amador, Assú foi uma das primeiras cidades do Rio Grande do Norte a possuir um teatro (MONTENEGRO, 1978, p.109).

Dentre as peças encenadas pela primeira vez na cidade do Assú, “A Lapinha”, teve sua estreia em 1898, organizada por Joaquim de Sá Leitão (MONTENEGRO, 1978). A peça constava de três atos, narrando sobre o nascimento de Jesus. O vestuário era branco e nos aventais, a cor do partido que representavam, sendo elas a cor vermelha e azul. Trazem maracás e fitas coloridas, com cores correspondentes e chapéu de palha, também com fita da cor do partido.

FIGURA 3 - Apresentação teatral “Lapinha” (S/D).



Fonte: Acervo de Cristovão Gomes Ramalho

Nos intervalos da apresentação aparecem duas ciganas, representando cada uma o seu partido. Junto às pessoas recebiam, em salvas de prata, as ofertas. A vitória final caberá à cigana que fizer mais dinheiro para o seu cordão e embaladas pela animação do público cantam todos juntos (MONTENEGRO, 1978, p.114).

Vamos, ciganas do Egito,
De tão longe a Belém
Adorar o Deus menino
A Jesus, o nosso bem

Em 1905, o município de Assú estimava uma população de 12.787 moradores, os quais contavam com duas escolas de primeiras letras, funcionando no centro da cidade, regidas por Manoel Ferreira de Macedo Jalles e Maria Bezerra Varella Coelho (AMORIM, 1928b; LIMA, 1929). No ano de 1911, foi então inaugurado em Assú o Grupo Escolar, por iniciativa do juiz de direito Tenente Coronel José Correia, que considerando que o município estava desprovido de estabelecimento educativo público, destinado à minoria social.

Segundo Amorim (1977, p. 13), “a cidade de Assú almejava uma instituição escolar, com instalações físicas modernas, que representasse os sinais de mudanças que a cidade pretendia alcançar”. Para tanto, surge o interesse em implantar o Colégio Nossa Senhora das Vitórias, que iria atender às novas exigências das regras de higiene, materiais pedagógicos e a organização do ensino, perspectiva circulante em Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte.

A preocupação no setor educacional, especificamente com o ensino primário¹⁰ registra que nas primeiras décadas do século XX, existia a tentativa de organizar o ensino primário no Rio Grande do Norte, por meio do decreto 174, de 05 de março de 1908, com a criação do Grupo escolar Augusto Severo, o primeiro do gênero no estado. Logo em seguida o decreto 178, de 29 de abril, criou a Escola Normal de Natal, com a incumbência de formar os mestres, com novos modos de ensino (SILVA, 2004).

Não se poderia pensar em reforma no ensino sem considerar a importância de uma escola preparatória, ou seja, uma boa formação dos mestres primários (LIMA, 1927). Outro fator destacado referia-se à organização do funcionamento das escolas elementares, ou escolas de primeiras letras femininas, masculinas e mistas. Conforme destaca Silva (2004, p. 46), “as escolas de primeiras letras funcionavam muitas vezes em residências dos mestres ou em espaços inadequados, com ausência de infraestrutura, no que se refere à iluminação, ventilação, higiene e a recursos didáticos”.

De acordo com Silva (2011, p. 57), a educação formal foi um dos pontos do projeto de modernização do Rio Grande do Norte, dentre eles se destacando os aspectos de melhoramento, a abertura de estradas, a construção de linhas férreas, de praças e ruas, a iluminação elétrica e as práticas de higienização e de civilidade da população.

¹⁰ Até 1927, no Rio Grande do Norte, o ensino primário estava organizado a partir da Lei 405, de 19 de novembro de 1916, dividindo-se em primário, secundário e profissional. O ensino privado é inteiramente livre quanto aos métodos e regime didático, conforme afirmam os artigos 1º e 2º do capítulo da citada Lei. De acordo com o artigo 3º, o ensino primário era ministrado em grupos escolares e escolas isoladas, por meio de cursos graduados, elementar e complementar com duração de quatro anos (COSTA, 2009).

No âmbito da sociedade norte-rio-grandense nos anos de 1920, as inovações não se constituíram um fato isolado. No Brasil, na primeira República, atingiu a diversos setores sociais, como a urbanização, saúde, educação, do comércio e da indústria. Conforme Silva, M. (2004), o Rio Grande do Norte como em outros centros urbanos, intelectuais e dirigentes, objetivavam incluir o estado no projeto de modernidade¹¹.

As instituições de ensino fizeram parte desse conjunto de melhoramentos urbanos, compondo o cenário de progresso das cidades, constituindo-se símbolo de modernização cultural e social para as cidades. Segundo Gaeta (1991, p. 24) “a sociedade acreditava ser a educação escolarizada um dos instrumentos civilizatórios possíveis para a cidade em processo de urbanização”. No entanto, sabemos que essa compreensão de educação como instrumento civilizatório não foi generalizada e comum a todos.

Nesse movimento de renovação faziam parte às cidades, com a arquitetura dos prédios, a organização de ruas, de espaços para convívio social e dos meios de transportes. “Já na década de 1920, as principais ruas de Assú dispunham de calçadas feitas de pedras, com dez palmos de largura, uniformes e contínuos, o que contribuiu para o novo estilo vida e convívio social” (AMORIM, 1929, p. 20).

As pessoas especialmente os rapazes e moças, passeavam nas tardes de domingo. O passeio dominical expressa que o surgimento da calçada nas ruas de Assú, contribuiu para mudanças nas formas de vida daquela cidade. As moças particularmente saem do seu enclausuramento doméstico, para verem e serem vistas, e para comunicarem-se num encontro face a face, expressando ainda, que a calçada tem uma finalidade que garante a sociabilidade, o encontro e o desencontro, prestando-se igualmente a um espaço de lazer, conversa, namoro. Essas ruas, em 1925, receberam placas de identificação com suas denominações e as casas com numeração, evidenciando a organização urbana (PINHEIRO, 1997, p. 63).

Em 13 de dezembro de 1925, a cidade de Assú inaugurava-se a iluminação elétrica. No setor da agricultura o algodão foi a principal fonte de riqueza, destacando como um dos produtores do Estado na época. No comércio, se destacava na produção da cera de carnaúba¹², sendo a principal indústria extrativa do município. Na visão de Amorim (1929, p. 15), “o centro urbano se configurava salubre com reformas exigidas pelos tempos modernos”.

Nesse período, além dos diversos prédios públicos que a cidade já possuía a exemplo da intendência municipal, havia também o quartel do destacamento policial, a Igreja Matriz de

¹¹ A modernidade pode descrevê-la como um estilo, um costume de vida ou organização social, surgido na Europa a partir do século XVII e que devido a sua influência veio a se tornar mundial.

¹² A carnaubeira é uma palmeira da qual tudo é útil e aproveitado. A haste é utilizada na construção de linhas, caibros e ripas. A palma, que contem o pó de cera, utilizado para cobertura de choupanas, esteiras e etc (AMORIM, 1929, p. 13).

São João Batista, o edifício da mesa de rendas estaduais, uma coletoria e o Cine-Teatro, que se encontrava em construção (AMORIM, 1929).

Nos anos de 1920 a cidade de Assú, contava com os seguintes estabelecimentos de ensino: o *Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia*, primeira escola pública do município. Já nas comunidades rurais da cidade de Assú encontrava-se a *Escola Rudimentar do Piató de Baixo* dirigida pela Professora Luiza de França Siqueira de Farias, com matriculas de 57 alunos, suas despesas compartilhadas entre Estado e Município. O estado pagava o salário da professora e o município o mobiliário e o material de expediente (AMORIM, 1929).

A *Escola Rudimentar de Comboieiro* dirigida pelo professor João Ignácio Pereira Neto, com matricula de 40 alunos, atendia a meninos e meninas. A *Escola Rudimentar de Rosário* coordenada pelo Professor José de Calazans de Oliveira, com uma matricula de 30 alunos, era mista e a *Escola Rudimentar de Canto do Mangue* dirigida pelo Professor Virgílio Bráulio dos Santos, com uma matricula de 37 alunos, era mista (AMORIM, 1929).

Todos os dirigentes das Escolas Rudimentares eram professores particulares contratados pelo Departamento da Educação do Estado e o custeio era dividido com o município, no qual contribuía com o espaço (casa), mobiliário e material de expediente (AMORIM, 1929).

Conforme os registros do censo nos anos de 1920, a cidade de Assú apresentava-se com uma população de 24.779 mil habitantes, sendo entre eles do sexo masculino 11.992 e feminino 12.787, entre crianças 11.655 que estavam em idade escolar registrava-se 4.874 e entre os adultos que sabiam ler e escrever apenas 3.383 e analfabetos 9.741 pessoas (AMORIM, 1929).

Considerando os registros da situação escolar, no qual a população se encontrava, se fazia necessário, mais investimento do governo estadual e municipal no setor educacional, com escolas de primeiras letras, com métodos mais modernos, para atender ao avanço populacional da cidade e acompanhar o crescimento econômico e social que já apresentava em outras cidades do Brasil (AMORIM, 1929).

Para Amorim (1929), a cidade de Assú sentia a necessidade de um estabelecimento de ensino, que estivesse à altura do desenvolvimento econômico e cultural que pretendia alcançar. Não se compreendia o avanço urbanístico e econômico sem a presença de uma escola moderna, de acordo o ideário formativo da época.

Nos documentos detectados sobre o Colégio Nossa Senhora das Vitórias, é recorrente a denominação de moderno, seja na estrutura, nos métodos de ensino, nos materiais escolares.

No entanto, percebemos que a ideia de moderno para os idealizadores da referida instituição, estava associada a algo diferente do oferecido em termos de educação escolar na cidade para a educação feminina.

Para tanto, percebe-se que a idealização do Colégio das Freiras estava vinculada ao contexto histórico da época, aos intelectuais assuenses e aos interesses da Igreja local, que objetivava disseminar os preceitos católicos através da educação. Conforme a ata de reunião sobre a fundação do Colégio das Freiras em Assú, o então monsenhor Joaquim Honório da Silveira, vigário da cidade de Assú no referido período do estudo, estava à frente da mobilização e sensibilização da sociedade assuense para angariar recursos para fundar o Colégio.

Em três de Julho de 1922 aconteceu a primeira reunião para a construção do Colégio, que logo foi denominado de Nossa Senhora das Vitórias. A sua construção foi uma iniciativa de representantes políticos, religiosos e intelectuais locais, dentre eles: Pedro Soares de Araújo, Ernesto Emilio da Fonseca, custeado por meio de doações privadas e verbas públicas (AMORIM, 1977).

O propósito de instalar um Colégio católico em Assú, dirigido por freiras vinda da Europa, não ocorreu isoladamente, fazia parte do projeto *Restauração Católica* que se projeta até os anos de 1940 em todo o País. A partir de levantamento bibliográfico foi possível perceber a expansão da Igreja Católica nos meios escolares no Brasil nos anos de 1920 e 1930 no período da primeira república em diferentes estados brasileiros, a exemplo do Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Alagoas, Rio Grande do Norte, Ceará, Bahia, Mato Grosso entre outros.

A Igreja Católica, diante do novo contexto internacional e brasileiro, disseminou sua política de restauração através da educação. Isso evidencia como a atividade educativa explica e reconstrói modelos ou ideologias, tornando-se essencial para atender as expectativas dominantes e suas representações na sociedade, a exemplo de Assú. Assim como ressalta Ramalho, (1976, p. 16), “educação é um produto da ideologia de seus promotores”. Portanto, uma relação de poder ou dominação, sendo através do emaranhado do processo educativo que as atuações podem ser corroboradas ou habitualizadas por determinados grupos.

Dessa maneira, é possível entender a relevância que a educação assumiu no contexto brasileiro, sobretudo a partir dos últimos anos do século XIX, os vários conflitos entre Igreja e República, diante de suas ideologias, construíram seus modelos de escolas. Sendo o modelo de escola pública para uma estrutura de sociedade que firmava seus valores para o

desenvolvimento, ou o modelo de escola confessional que atendia às aspirações reformadoras da Igreja Católica (ROSSI; INÁCIO FILHO, 2006, p. 79).

O contexto educacional no Brasil e especificamente no Rio Grande do Norte na década de 1920 foi marcado pelo tema da escolarização e da renovação da educação. Scharzman (2000, p. 70), concebe que

em virtude da quase inexistência de um sistema organizado de educação pública no País, havia desde a década de 1920 um amplo espaço para um movimento nacional em prol da educação, onde a diferença de orientação não tivesse uma disparidade com a educação do povo.

Ainda segundo Scharzman (2000), o mesmo destaca a criação em 1924 da Associação Brasileira de Educação (ABE), por Heitor Lira. Tinha como principal função trazer para o centro das discussões a questão educacional, através de conferências nacionais, publicações de revistas. No entanto, tempos depois, as divergências de opinião iriam cristalizando, até a polarização que finalmente se estabelece entre os representantes do chamado Movimento da Escola Nova e a Igreja Católica.

Concomitante as efervescentes discussões no setor educacional em âmbito, percebe-se a preocupação no Estado do Rio Grande do Norte em propor reformas no setor da educação durante o governo de José Augusto Bezerra de Medeiros (1924-1928), que era adepto da Escola Nova, objetivava reformar o modelo tradicional de educação, na tentativa de ampliar a instrução primária e construir uma escola que atendesse as mudanças da vida social, sendo um dos integrantes do movimento de renovação da educação no País, juntamente a Afrânio Peixoto, Lourenço Filho entre outros (ARAÚJO, 1998).

O então governador do Rio Grande do Norte, José Augusto Bezerra de Medeiros, definiu como prioridades essenciais da sua gestão, a melhoria da educação no combate ao analfabetismo e da saúde pública. Ressaltando ainda, a relevância moral, intelectual e econômica da educação como importante para o crescimento das cidades potiguares. Com a perspectiva de avanço no setor educacional foi convidado para ficar a frente da Diretoria da Instrução Pública, o professor da cadeira de Pedagogia, Nestor dos Santos Lima, então diretor da Escola Normal do Rio Grande do Norte (ARAÚJO, 1998).

Segundo Araújo (1998), a indicação de Nestor dos Santos Lima para a Diretoria de Instrução Pública, considerou em parte, a sua especialidade em assuntos educacionais, sendo considerado como um dos precursores, no Estado, dos estudos e da aplicação do ideário da chamada Escola Nova nas práticas pedagógicas da disciplina em que lecionava em Pedagogia e outro fator relevante foram as viagens de estudo realizadas por ele a São Paulo, Rio de

Janeiro e Belo Horizonte, com o objetivo de observar os melhoramentos técnicos do ensino primário e normais naquelas cidades (ARAÚJO, 1998).

Entre as medidas no Governo de José Augusto Bezerra de Medeiros, enfatiza a autora citada, estavam às voltadas para a homogeneização e inspeção das práticas pedagógicas e administrativas da escola primária, com a criação do Conselho de Educação, com o propósito de fiscalizar as escolas da jurisdição municipal, podendo aplicar punições aos estabelecimentos de ensino, ou mesmo aos professores, funcionários e alunos que não cumprissem as atribuições legais (ARAÚJO, 1998).

No arquivo privado do Educandário¹³ Nossa Senhora das Vitórias, detectamos através dos registros escolares livros de matrícula, relatórios, atas, que a fiscalização ocorria anualmente, com o visto do então diretor de Instrução Pública, Nestor dos Santos Lima.

Neste sentido, conforme registrado no livro de matrícula, o visto do diretor de instrução pública Nestor dos Santos Lima, estava presente em todas as páginas do livro, com data, mês e ano e parecer sobre as atividades desenvolvidas no Colégio. Embora o Colégio Nossa Senhora das Vitórias fosse subvencionada pelo Estado através do Decreto n. 343 de 28 de Setembro de 1927, não podemos afirmar que todas normativas e orientações para educação exigidas pelo então governador foram aplicadas. Percebemos a partir da leitura atenta dos documentos, o que era concebido como pertinente aplicar foi acatado, isso porque o Colégio das Freiras enquanto instituição privada tinha autonomia para os seus direcionamentos.

Conforme os propósitos do governo de José Augusto, em acompanhar de perto as atividades escolares, estavam pautados na melhoria da qualidade do ensino, “voltam-se para a elevação das pessoas de forma a integra-las na vida moderna da qual depende o progresso do Rio Grande do Norte” (LIMA, 1929, p.12).

A partir dos investimentos no campo da educação, sobressai-se, portanto, uma influência direta sobre a educação e a mudança na mentalidade, atitudes e valores das pessoas, sobremaneira nos aspectos da superação do atraso econômico e social, tornando-se também um eficiente instrumento de controle social.

Em 1º de janeiro de 1928, Juvenal Lamartine de Faria torna-se governador, e sua gestão foi fundamentada por um programa de ações socioeducacionais inovadoras, inserindo ações como o desenvolvimento dos transportes, a ampliação do crédito agrícola, a instituição

¹³ Este estabelecimento de ensino modificou o nome de Colégio, para Educandário Nossa Senhora das Vitórias, conforme a lei nº 2224, publicado no jornal “A Republica” em 16 de abril de 1942.

do voto feminino¹⁴, o melhoramento da saúde e principalmente, a ampliação do sistema educacional como fatores que dariam impulso a expansão da economia norte-rio-grandense (MEDEIROS; ARAÚJO, 2002 p. 7).

Segundo o estudo de Medeiros e Araújo (2002) os interesses do governador Juvenal Lamartine de Faria, através de seu programa administrativo estavam inserir definitivamente, o Rio Grande do Norte no cenário da modernidade que estava em curso. Não medindo esforços no sentido de criar condições necessárias e de estabelecer inovações para o Estado, que embora em condições precárias conseguisse se fortalecer e se projetar no cenário nacional.

Na gestão do governador Juvenal Lamartine de Faria, o grande obstáculo para o desenvolvimento econômico era a falta de estradas para o transporte dos produtos agrícolas. Nesse sentido, ampliou o número de estradas ligando a capital do Estado, Natal, a várias cidades do interior, além de ligar as cidades mais importantes do interior como a estrada de Mossoró a Apodi, de Caraúbas a Augusto Severo e Assú (MEDEIROS; ARAÚJO, 2002).

A ampliação da escolarização primária para crianças, como para jovens e adultos, nos diversos segmentos da sociedade, e a formação de operários e técnicos agrícolas e industriais, e professores primários, tornava o programa de governo permeado por conjecturas de caráter social, além de econômico. Com objetivos mais gerais direcionados para a ampliação da economia potiguar (MEDEIROS; ARAÚJO, 2002)

Em outubro de 1930, ocorrem às tomadas do governo por Getúlio Vargas, depondo Washington Luís através de um movimento armado, e com ele é deposto todos os governantes estaduais que não apoiavam a causa getulista. Sendo assim, chega ao fim à atuação de Juvenal Lamartine de Faria como governante norte-rio-grandense. (MEDEIROS; ARAÚJO, 2002),

Esse movimento se convencionou chamar Revolução de 1930, sendo uma série de revoluções e movimentos armados que, perdurou o período compreendido entre 1920 e 1964, se empenhando em promover rompimentos políticos e econômicos com a velha ordem social oligárquica. Foram esses movimentos que, em seu conjunto e pelos vários objetivos existentes, iriam caracterizar a Revolução Brasileira, sendo seu maior foco a implantação do capitalismo no Brasil. E com isso, sobretudo na Revolução de 1930, procurou-se um reajustamento dos novos setores da sociedade com o setor tradicional (ROMANELLI, 2010).

¹⁴ No Rio Grande do Norte o direito ao voto feminino foi em 1927, sendo o primeiro estado brasileiro a permitir que as mulheres votassem nas eleições. Naquele mesmo ano, a professora Celina Guimarães de Mossoró/RN)se tornou a primeira brasileira a fazer o alistamento eleitoral. Além de ter sido a primeira mulher eleitora. Sendo assim, o Rio Grande do Norte teve a primeira mulher escolhida para ocupar um cargo eletivo no Brasil, Alzira Soriano foi eleita prefeita do município de Lajes, em 1928, pelo Partido Republicano (FIRMINO, 2003).

Do ponto de vista educacional, várias mudanças e exigências ocorreram em virtude desses movimentos provenientes da expansão capitalista, que não na mesma proporção, mas atingiram estados, a exemplo do Rio Grande do Norte e cidades brasileiras. As mudanças introduzidas nas relações de produção e na concentração da população em centros urbanos, tornou-se necessário eliminar o analfabetismo e dar um mínimo de qualificação para o mercado de trabalho, ao maior número de pessoas.

Frente a esse cenário, o que se verificou foi à expansão do sistema escolar, de forma improvisada, crescendo o número de oportunidades educacionais, mas, não se fez de forma satisfatória, nem em termos de quantidade e nem de qualidade de ensino.

Os reflexos do contexto brasileiro no campo educacional são perceptíveis na gestão dos então interventores¹⁵ do Rio Grande do Norte, Mário Leopoldo Pereira Câmara (1933-1935) e Rafael Fernandes Gurjão (1935-1943), tendo em vista o ideário de renovação nacional empreendido por Getúlio Vargas, a partir de 1930.

Conforme Moraes (1992, p. 29) tem início um processo de constituição de um Estado “propriamente capitalista no País e, como consequência, efetiva-se pouco a pouco a concentração dos vários níveis da administração pública nas mãos do Executivo federal, bem como sobre as políticas econômica e social”.

Para Moraes (1992, p. 292) neste processo, ficou evidenciado “os conflitos e antagonismos entre as frações de classe em luta pela hegemonia na condução dos destinos do País, entre outras formas, se expressaram em diferentes projetos de modernização e desenvolvimento econômico”.

Na década de 1930, a sociedade brasileira almejava e respirava os ares da modernidade e renovação, isso porque a década de 30 conteve em si a tentativa de atualizar a modernidade prometida pela República de 1889.

Apresentando como projeto o “Plano de Reconstrução Nacional”, no qual almejava à modernização do país através da reestruturação dos vários ramos da sociedade, o governo passa a privilegiar os setores que viriam a garantir sua legitimação e uma doutrinação política. A educação foi um desses setores e serviu de veículo para a propagação do ideário renovador, por Vargas implantado (MEDEIROS; RIBEIRO 2002).

Sendo então, uma das primeiras providências do Governo Federal foi à criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, em 14 de novembro de 1930, tendo como seu primeiro dirigente, Francisco Campos, um representante do escolanovismo no País. A criação

¹⁵ Durante o governo de Getúlio Vargas era nomeado um delegado do presidente da República para assumir provisoriamente o governo de um Estado membro em regime de exceção.

do Ministério da Educação e Saúde Pública representou conforme ressalta Moraes (1992, p. 293)

o ponto de partida de um intenso movimento de construção, no Executivo federal – até 1945 – de um aparelho nacional de ensino, com códigos e leis elaboradas tendo em vista estabelecer diretrizes, normas de funcionamento e formas de organização para os diversos ramos e níveis da educação no País.

No Rio Grande do Norte nos anos de 1930, os interventores Mário Leopoldo Pereira Câmara (1933- 1935) e Rafael Fernandes Gurjão (1935-1943), estabeleceram propostas estratégicas para o crescimento escolar.

Desde a instalação da República, em fins do século XIX, havia projetos de mudanças na educação escolar. Em 1920, vários estados brasileiros, passaram por reformas, como é possível perceber no Rio Grande do Norte e de certo modo, influenciados por ideais escolanovistas. O manifesto dos pioneiros da Educação Nova, em 1932, reuniu em apenas um documento diretriz que deveria nortear a política escolar brasileira.

De acordo com Fernando de Azevedo, o manifesto não foi apenas “declaração de princípios”, que teve grande repercussão e suscitou numerosos debates, nem somente um documento pelo qual um grupo de educadores tomou posição em face dos mais graves problemas da educação nacional, mas ainda um vigoroso esforço para constituir uma política educacional e propor à execução um dos mais largos planos que se traçaram no Brasil (AZEVEDO, 1937).

Os interventores Mário Leopoldo Pereira Câmara (1933- 1935) e Rafael Fernandes Gurjão (1935-1943) disseminaram através de suas políticas, medidas para ampliar a criação de escolas e melhoramentos dos prédios escolares, a ampliação do magistério primário, com criação de escolas isoladas, reforma das Escolas Normais, conversão de Escolas Reunidas às Escolas Isoladas, conversão de Escolas Reunidas em Grupos Escolares (MEDEIROS; RIBEIRO, 2002).

Em Assú nos anos de 1930, foi então criado o primeiro Curso Normal feminino em nível ginásial, no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, sendo subvencionado pelo Estado, com o propósito de formar e melhorar o corpo docente das escolas primárias. No acervo da instituição, há registros que em 1937 funcionava uma turma de 3º ano, cuja formatura realizou-se no final de 1938.

Apesar dos investimentos no setor educacional, a situação das escolas primárias no estado causava preocupação, a ausência de salas de aula arejadas, iluminadas, higienizadas. Há muito que a população almejava por mais investimentos, em virtude do número de escolas

não dispor de instalações apropriadas para o ensino. A situação de deficiente e precariedade da infraestrutura das escolas propiciando um baixo rendimento escolar dos alunos encontrou alívio das tensões naquelas medidas ou promessas, cujas perspectivas de realização, reverteram em total apoio do governo nacional, através do local (MEDEIROS, RIBEIRO, 2002, p, 5).

Conforme Medeiros e Ribeiro (2002, p. 5) “o propósito de melhorar as condições das escolas, seguido o princípio de modernizar, o Governo também investiu na construção de novos prédios escolares”. Tomamos como exemplo os prédios do Atheneu Norte-riograndense e da Escola Normal de Natal. Essa última mudou-se para um prédio amplo, isolado e de boas condições de higiene.

Foram feitos consertos e reconstruções em 44 outros estabelecimentos de ensino, em 26 municípios, e foram distribuídos materiais escolares em todo o Estado. Foram ainda criadas, de 1936 a junho de 1937, 89 classes e escolas, em sua maioria no interior do Estado, pois, a disseminação de sua política educacional deveria alcançar os mais remotos lugares (MEDEIROS; RIBEIRO, 2002, p. 5).

No ano de 1934 na gestão do então interventor Mário Leopoldo Pereira Câmara, realizou viagem de observação pelo interior do Estado do Rio Grande do Norte, convidando técnicos em educação, agricultura e açudagem, para acompanhar os problemas mais latentes do Estado. A cidade de Assú foi um dos primeiros municípios visitados e dentre os intelectuais da época estava presente o professor catedrático Luís da Câmara Cascudo,

Segundo Cascudo (1999, p. 23), em visita a escolas noturnas da cidade o secretário de Educação, Anfilóquio Câmara, “ficou admirado com a dedicação dos alunos, homens de trabalho, curvados, na meia-luz, sobre os livros, garantindo providencias imediatas para melhoria da condição de ensino”.

As gestões dos Interventores Mário Câmara (1933-1935) e Rafael Fernandes (1935-1943), à luz do Programa de Reconstrução Nacional do Governo Provisório de Getúlio Vargas, investiu na ampliação das oportunidades educacionais através da construção, higienização, ampliação e manutenção de escolas em todas as cidades, vilas e fazendas, como estratégia de dar visibilidade às populações locais da sua política educacional (MEDEIROS; RIBEIRO, 2002).

No entanto, não podemos afirmar que as melhorias chegaram para todos e nas mesmas condições. Nos registros encontrados sobre as gestões no período entre 1927 a 1937, é possível perceber que existia uma preocupação em amenizar os problemas sociais, em particular da educação. Para tanto, existia um jogo político e de interesses demonstrando que

ora se unia as reivindicações da população, ora se articulava a partir das conveniências e dos acordos firmados com os aliados políticos.

Ao configurarmos o contexto sócio-histórico educacional de Assú e do Rio Grande do Norte entre os anos de 1927 a 1937, percebemos sua influência para idealização do Colégio Nossa Senhora das Vitórias em Assú. As mudanças ocorridas em Assú e no Rio Grande do Norte influenciaram nos modos de pensar e agir das instituições escolares e suas práticas educativas que estavam relacionadas às discussões e transformações ocorridas no país, assim como os embates entre a Igreja Católica e os defensores da Escola Nova, sugerindo novas perspectivas de ensino, de métodos pedagógicos. Além da influência da educação estética da época, com o propósito de reformar as cidades e a população para a civilidade, seja através das peças teatrais, a contemplação da arte, com a pintura ou apreciação de uma boa música se destacaram.

Outro ponto de destaque é a influência do civismo, no então governo de Getúlio Vargas, ressaltando a construção de cidadãos que contribuíssem com a ordem e o progresso do Brasil, também evidenciados através da disciplina escolar, com objetivo de civilizar os sujeitos para o convívio social.

2.2 A GÊNESE DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS

Será este templo majestoso, onde o saber e as virtudes das abnegadas “Filhas do Amor Divino”, que de tão longe vieram para espargir no coração em formação de nossas filhas o balsamo santificador da instrução (AMORIM, 1977, p. 28).

A presença das instituições formadoras de cunho católico, nos meios escolares está fortemente ligada com a História da Educação no Brasil, através de Ordens e Congregações religiosas. Permeando o campo pedagógico com objetivo de educar a chamada civilização cristã brasileira, considerando que a educação possibilitava a elevação dos padrões culturais. A vinda dessas instituições para ao Brasil, está relacionada com a preocupação da Igreja Católica em fortalecer os seus ideais e com a atenção à educação as moças da elite.

Na primeira metade do século XX, vários colégios foram instalados e se espalharam pelo Brasil, entre eles: os Padres da Missão - Lazaristas, os Frades Capuchinhos e as Filhas da Caridade - o ramo feminino da obra de São Vicente de Paula. Os Jesuítas também retornaram após terem sido expulsos em 1789 pelo Marquês de Pombal. Mais tarde vieram outros, como

as Irmãs de São José de Chamberry, os Salesianos, Dominicanos, Carlistas, Missionários do Coração de Maria, Irmãos Maristas entre outros. A esse respeito Furtado (2001, p. 2) destaca:

O Colégio Nossa Senhora do Patrocínio foi o primeiro de uma extensa rede de colégios criados tanto pelas Irmãs de São José de Chamberry, como por outras congregações religiosas. Em algumas regiões do país, o elemento religioso se tornou fundamental no processo de escolarização e os estabelecimentos de ensino religioso se constituíram em um marco de renovação da instrução feminina.

A classe dirigente brasileira, em aliança com a ala conservadora da Igreja Católica, proporcionava a vinda de congregações religiosas femininas para se encarregar da instrução das jovens de elite (FURTADO, 2002).

Conforme Rodrigues ressalta (1962, p.112), no que se refere à instrução das meninas “só teve realmente resultados positivos, quando iniciativas particulares, principalmente das congregações religiosas docentes, suprimindo o ensino oficial se da juventude dedicaram à educação”.

No Brasil, especificamente no Estado do Rio Grande do Norte, predominava o imperativo de instituições particulares, principalmente sob a égide da Igreja Católica, direcionada a atender uma pequena classe da elite. Como exemplo das instituições particulares do Rio Grande do Norte tínhamos o Colégio Imaculada Conceição, criado em 1902, primeiro educandário feminino na capital, o Colégio Diocesano Santo Antonio, criado em 1913, o Sagrado Coração de Maria, em 1912, na cidade de Mossoró, a Escola Doméstica em 1914, na cidade de Natal, o Colégio Santa Terezinha, em 1925, em Caicó (RODRIGUES, 2007).

A instalação do Colégio Nossa Senhora das Vitórias na cidade de Assú no Rio Grande do Norte, em 1927, sob a direção da Congregação Filhas do Amor Divino fazia parte de um projeto envolvendo, intelectuais, políticos e religiosos, que visava atender aos anseios da elite assuense e aos interesses da Igreja Católica local, sendo o principal idealizador o vigário da época Monsenhor Joaquim Honório da Silveira.

Para melhor compreendemos os interesses da fundação da referida instituição escolar na cidade de Assú, pesquisamos sobre quem foi Monsenhor Joaquim Honório da Silveira. Nasceu em 14 de Janeiro de 1879, na cidade de Macau, no Rio Grande do Norte, descendente de uma das principais famílias do município *Honório da Silveira*. Os registros indicam que ele viveu para o sacerdócio, fez deste seu ideal de vida. Sua vida religiosa teve início em 29 de março de 1895, quando ingressa no Seminário Episcopal de Pernambuco, através do padre

Francisco de Assis e Albuquerque, vigário de Macau/RN na época (ASSIS; MORAIS, 2009, p. 57).

Segundo Palmério Filho, jornalista e poeta assunense, foi Monsenhor Joaquim Honório da Silveira o principal idealizador do Colégio em Assú:

Todo mundo sabe e creio eu mesmo, que ninguém ignora, que a realização do “Educandário Nossa Senhora das Vitórias”, foi obra do monsenhor Joaquim Honório da Silveira, quando diretor espiritual da paróquia de Açu de 1914 a 1926. É bem verdade que ele nunca reivindicou para si o mérito desta iniciativa grandiosa, que tão bons e assinalados serviços vem prestando à juventude da nossa terra. Nós, porém assistimos e acompanhamos os seus passos em prol da realização desta maravilhosa ideia, damos aqui o testemunho inconcusso de sua incansável atividade para que o “Educandário” se fizesse e tivesse o resultado desejado (PALMERIO FILHO, 2002, p. 33).

Em 1914, Monsenhor Joaquim Honório da Silveira, assumiu a paróquia de Assú, tendo que se ausentar em 1923, para exercer a diretoria espiritual do Seminário São Pedro de Natal, e posteriormente Colégio Diocesano de Santo Antonio. Retornou para Assú e ficou até 26 de março de 1926 (ASSIS; MORAIS, 2009, p. 61).

Assim, como um trabalho arqueológico foi necessário ir juntando as peças do mosaico, a exemplo de como a ideia da fundação do Colégio das Freiras em Assú, estava articulada com interesses mais complexos vivenciados no Brasil e em Roma. Inicialmente, percebemos que o interesse em fundar o Colégio das Freiras em Assú/RN, fazia parte de relações entre, Igreja Católica, Estado e de famílias de elite, em meio a diversas mudanças em meados do século XX, dentre elas: a romanização do clero que foi reorganizando gradativamente seu campo de poder, juntamente com uma elite de proprietários de terra.

Nos livros de matricula do Colégio das Freiras, foi possível constatar que os alunos pertenciam á famílias de classes sociais economicamente favorecidas, dado o seu caráter de escola particular. Os pais eram, em sua maioria, fazendeiros, comerciantes, funcionários públicos.

FIGURA 4 - Livro de matricula ano de 1927

Nomes das alunas.			Profissao	Estado civil	Data matricula	Idade	Letras	Alfabeto	Diferença
1.	Marta de Sa' Letia Wanderley	29. VII. 1911.	Comerciante	solteira	23. I. 1927.	15	Letras 10	108	15
2.	Maria Helena Carvalho Costa	7. IV. 1913.	Agricultora	solteira	1. II. 1927.	14	Letras 10		
3.	Gerlanda da Motta Fernandes	29. II. 1915.	Comerciante	solteira	2. II. 1927.	12	Letras 10		
4.	Maria Klor Mendes	21. II. 1913.	Comerciante	solteira	2. II. 1927.	14	Letras 10		
5.	Maria Loret de Amorim	2. III. 1912.	Agricultora	solteira	2. II. 1927.	15	Letras 10		
6.	Marta Loret de Amorim	21. III. 1915.	Comerciante	solteira	2. II. 1927.	12	Letras 10		
7.	Maria Jacinthia da Silva	22. III. 1913.	Comerciante	solteira	2. II. 1927.	14	Letras 10		
8.	Maria Jacinthia da Silva	30. IV. 1916.	Comerciante	solteira	3. II. 1927.	11	Letras 10		
9.	Maria Thelma de Amorim	30. I. 1917.	Comerciante	solteira	3. II. 1927.	10	Letras 10		
10.	Maria Thelma de Amorim	21. III. 1907.	Comerciante	solteira	4. II. 1927.	20	Letras 15		
11.	Maria Thelma de Amorim	4. IV. 1912.	Comerciante	solteira	4. II. 1927.	15	Letras 10		
12.	Francisca Fonseca Labral de Moura	7. I. 1916.	Industrial	solteira	10. II. 1927.	11	Letras 10		
13.	Irani Macedo	16. V. 1917.	Comerciante	solteira	10. II. 1927.	10	Letras 10		
14.	Maria dos Torres Labral	2. X. 1916.	Agricultora	solteira	10. II. 1927.	11	Letras 10		
15.	Maria da Sabedoria Labral	5. II. 1917.	Comerciante	solteira	11. II. 1927.	10	Letras 10		
16.	Rachel Pascheta Soares de Macedo	5. V. 1911.	Comerciante	solteira	11. II. 1927.	16	Letras 10		
17.	Maria Helena Soares de Macedo	15. VI. 1916.	Empregada	solteira	11. II. 1927.	11	Letras 10		
18.	Ademias da Fousca Labral	30. VI. 1917.	Comerciante	solteira	12. II. 1927.	10	Letras 10		
19.	Maria Landida Pinheiro	27. VII. 1915.	Comerciante	solteira	29. II. 1927.	12	Letras 10		
20.	Jolanda Fernandes de Medeiros	11. I. 1914.	Comerciante	solteira	30. II. 1927.	13	Letras 10		
21.	Maria de Lourdes Dantas Amorim	21. II. 1907.	Comerciante	solteira	2. III. 1927.	20	Letras 10		
22.	Laura Soares	3. I. 1917.	Comerciante	solteira	3. III. 1927.	10	Letras 10		
23.	Maria Landida Silva	15. III. 1915.	Comerciante	solteira	16. III. 1927.	12	Letras 10		
24.	Manuella Martins de Sa'	15. III. 1900.	Agricultora	solteira	22. III. 1927.	27	Letras 10		
25.	Maria Martins de Sa'	25. III. 1907.	Agricultora	solteira	23. III. 1927.	20	Letras 10		
26.	Rita Maria de Sousa	22. V. 1916.	Comerciante	solteira	24. III. 1927.	11	Letras 10		

Fonte - Acervo do Educandário Nossa Senhora das Vitórias

Existia uma preocupação da elite com o avanço da modernidade política e econômica, no entanto, também se pretendia a manutenção das organizações privadas, como a família, preservando suas tradições. Sendo assim, era necessário pensar na educação feminina como continuação dos costumes e valores da época.

Por outro lado, a Igreja Católica fragilizada em virtude das consequências da Revolução Francesa e com o avanço do liberalismo atravessava, desde meados do século XIX, por um período de reorganização de sua filosofia, buscando, através de novas ações (escolas, obras vocacionais e orfanatos), meios de garantia de seu capital simbólico e econômico, que não a aliança institucionalizada com o Estado, através do chamado *ultramontanismo* ou *romanização* (ROSSO, 2006).

Entre os reformadores católicos envolvidos com a criação de Colégios de cunho católico no Brasil estavam: o bispo de São Paulo, Dom Antônio Joaquim de Melo, responsável pela expansão do *ultramontano* no país e a vinda de Congregações como o das irmãs de São José de Chambéry, que vieram para o Brasil em 1859, para assumirem a direção de um Colégio já construído em terreno doado pelo próprio bispo.

No nordeste, Dom José Pereira Alves, nascido em Pernambuco em 1885, ordenado sacerdote em 1907, assumiu a cátedra no Seminário de Olinda, Cônego da Sé, Deão do

Cabido, Monsenhor Pronotário Apostólico, Governador do Bispado e Vigário Capitular da Arquidiocese de Olinda e Recife, tudo entre os anos de 1907 a 1921. Em Olinda dirigiu as revistas “Maria”, “Tribuna Religiosa” e “Mês do Clero”, além de publicações em outros veículos de difusão católica, exerceu o Episcopado como Diocesano de Natal/RN, nos anos de 1923 a 1928.

Detectamos através do livro *Colégio Nossa Senhora das Vitórias: 50 anos*, autoria de Francisco Amorim, o registro do envolvimento de Dom José Pereira Alves, com a vinda da Congregação Filhas do Amor Divino para assumir a direção do Colégio das Freiras em Assú. Dessa maneira, foi possível aproximar a relação entre Dom José Pereira Alves, com Dom Sebastião Leme da Oliveira Cintra e o movimento católico que eclodiu no período da efetivação do Colégio das Freiras em Assú, no ano de 1922, a exemplo da criação do Centro Dom Vidal (1922), objetivando atrair a intelectualidade leiga católica brasileira.

Nesse período de idelaização do Colégio das Freiras em Assú, o cenário brasileiro ver-se-á assolada por uma intensa mobilização da sociedade civil. Revelando uma ambiência de insatisfação e de busca de novas alternativas, as camadas urbanas se organizam em partidos de âmbito estadual, em movimentos político-sociais, procurando impor seus projetos e demandas.

Os conflitos sociais e a efervescência ideológica se manifestam nas greves operárias e no maior grau de perturbação provocado pelas campanhas presidenciais. O ano de 1922 é expressivo desse clima geral: presencia-se a concretização da inquietude cultural e estética com a Semana da Arte Moderna, a fundação do Partido Comunista do Brasil e a agitação nos quartéis, colocando em cena os movimentos tenentistas.

Esses grupos descontentes ignoravam ou excluía a Igreja de seus programas e soluções. Considerando que, as camadas mais importantes da intelectualidade brasileira provinham, nesse momento, de círculos positivistas, evolucionistas ou, pelo menos, indiferentes ao catolicismo (SALEM, 1982).

Em julho de 1930, Sebastião Leme de Oliveira Cintra Clérigo católico, foi elevado o cardeal pelo papa Pio XI. Moveu intensa campanha contra o trabalho do pedagogo Anísio Teixeira à frente da Secretária de Educação do Distrito Federal, durante o governo de Pedro Ernesto Batista. Alinhado ao Movimento da Escola Nova, Anísio Teixeira defendia um ensino público gratuito e laico, o que se chocava frontalmente com o projeto educacional da Igreja (CPDOC- O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil).

Vislumbrando a situação desse cenário e sob a ameaça de se ver marginalizada do processo político nacional, as cúpulas eclesiástica e laica deslançam uma estratégia de

autodefesa e se organizam dando início ao que se convencionou chamar de "reação católica". Segundo Salem (1982, p. 4), "esse movimento assumiu posição de destaque no contexto brasileiro a partir dos anos 20, configurando-se em um importante núcleo aglutinador da sociedade civil, ainda que restrito, basicamente, aos estratos médios e superiores". O "renascimento católico" se formalizou com a criação da revista *A Ordem* (1921) e do Centro D. Vital (1922), instituição que congregou a intelectualidade católica e da qual se irradiou, nas duas décadas seguintes, um amplo movimento de apostolado.

Nesse período em Assú, a Igreja católica mobilizava os intelectuais para a fundação de um Colégio confessional destinado a educação das meninas, através do vigário da época, monsenhor Joaquim Honório da Silveira. Em 3 de julho de 1922, marcou a primeira reunião para a construção do Colégio na Matriz de São João Batista e logo foi denominado de Nossa Senhora das Vitórias, a comissão era composta por intelectuais e políticos como, Pedro Soares de Araújo, Ernesto Emilio da Fonseca, José Correia de Araújo Furtado, Luiz Paulino Cabral, José Soares Filgueira Sobrinho, Ezequiel Epaminondas da Fonseca que colaboraram na construção da escola.

Houve por partes de seus idealizadores grande dedicação para oferecer ao município um estabelecimento de ensino com organização pedagógica moderna. A juventude feminina esperava ansiosa à concretização desse empreendimento que iria oferecer novos conhecimentos e aprimoramento intelectual as mulheres (AMORIM, 1977).

Podemos sinalizar também, que os interesses dos idealizadores estavam além de oferecer uma instituição com moldes pedagógicos modernos. Mas a preocupação com a formação feminina fazia parte da Igreja e dos conservadores católicos, esses colégios seriam determinantes nos rumos da educação feminina de elite. As famílias tradicionais resguardavam as jovens atreladas ao poder do catolicismo, como forma de amenizar os ideais emancipatórios (ALMEIDA, 2006).

Nos arquivos do Colégio das Freiras, detectamos a ata da primeira reunião para sua construção que encontra-se registrada a presença da elite assunense discutido e decidindo os rumos para a construção do Colégio que iria oferecer a educação das meninas. Um dos aspectos em pauta foi à discussão sobre a localização geográfica em que seria construído.

Foram sugeridos diversos locais, entre eles, onde hoje é edificado, na antiga Praça Augusto Severo. Definida a localização, todos se movimentavam a procura de recursos financeiros para dar início às obras. Estavam então abertas iniciativas para coleta de donativos e de materiais apropriadas à construção. A compreensão e o apoio financeiro da sociedade

local foram indispensáveis à edificação do prédio (ATA DE REUNIÃO PARA CONSTRUÇÃO DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS, 1922).

Figura 5 - Fachada do Colégio Nossa Senhora das Vitórias em Assú/RN ano de 1927.



Fonte - Acervo particular de Maria da Anunciação de Sá Leitão Morais.

O projeto arquitetônico do Colégio das Freiras atendia as exigências da época, tornando-se referência monumental na cidade de Assú. Está presente no contexto urbano, ocupando espaço central, dotado de uma arquitetura imponente, resultado do padrão social da classe dirigente. O Colégio construído para atender a classe mais abastada, sendo assim, sua arquitetura tinha que representar seu status na sociedade.

A distribuição dos espaços do edifício escolar compunha-se de salas de aulas distribuídas ao redor de um pátio central, segundo Frago (1998, p. 100), esse tipo de arquitetura “[...] se pode encontrar em alguns colégios de ordens ou congregações religiosas, construídos nos anos finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX”. Ao redor do pátio encontrava-se o gabinete da Madre Superiora Jaromira Ondra, secretária, biblioteca e a Capela dedicada à Nossa Senhora das Vitórias. Outros espaços eram compostos do internato com dormitórios e salas de estudo das alunas internas (AMORIM, 1977).

Por ocasião das festividades do centenário da independência, em 7 de setembro de 1922, foi colocada a pedra fundamental da construção do Colégio. Como registra o semanário *A Cidade*, jornal mais antigo do interior do estado, dirigido por Palmério Filho e seus irmãos Francisco e Otávio Amorim:

Na sua edição 17 do referido mês, fazendo um minucioso relato das comemorações, assim se expressou: às 16 horas começou a fluir á Praça da Independência, hoje praça do Rosário, o povo que ali ia tomando parte e se incorporar ao grande cortejo que dali partiria para a Praça Augusto Severo, onde teria lugar o lançamento da primeira pedra do Colégio Nossa Senhora das Vitórias. (AMORIM, 1977, p. 8).

Após a leitura da ata de lançamento, o médico Pedro Amorim pronunciou um longo discurso enaltecendo as vantagens do estabelecimento de instrução para as meninas. Segundo Pedro Amorim, a escola iria oferecer um padrão mais elevado de ensino para as mulheres, objetivando a educação de uma boa esposa, mãe virtuosa e, conseqüentemente, a formação de mulheres que participassem da sociedade letrada de futuras gerações. Neste sentido, a reflexão de Louro (1997), é representativa para compreender a função da educação concedida à mulher:

Ela precisava ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educadora de gerações do futuro. A educação da mulher seria feita, portanto para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seu próprio anseio ou necessidade, mas em função social de educadora dos filhos e na função dos futuros cidadãos (LOURO, 1997, pp. 446-447).

Almeida (1998, p. 18-19), discutindo a condição da mulher e as maneiras de educá-las para as atividades do espaço privado e para a maternidade, também aborda que, esse “pensamento educativo, compreendia a mulher assumindo os papéis de mãe e esposa. Para quem o lar era o altar no qual depositava sua esperança de felicidade e, sendo o casamento sua principal aspiração, era indicada para ser a primeira educadora da infância, o sustentáculo da família e da pátria”.

O objetivo de fundar o Colégio das freiras estava pautado nesse ideário de formação para as meninas e não foram medidos esforços para a efetivação desse projeto, como ressalta Amorim (1977), as obras caminhavam em ritmo acelerado e faziam-se necessários mais recursos financeiros para dá continuidade à construção do Colégio. A comunidade se empenhava para angariar recursos, promovendo quermesses, pescas, festivais e representações dramáticas. Os recursos também foram solicitados à Assembleia Legislativa do Estado, por intermédio do então deputado estadual, Pedro Amorim. Foram assim destinados dois contos de réis, moeda da época, para colaborar com a efetivação do prédio.

No processo de construção do Colégio os maiores obstáculos já haviam sido superados, o que antes era apenas um sonho, já ostentava linhas arquitetônicas. Segundo Amorim (1977, p. 12), “a escola foi construída obedecendo às exigências peculiares aos

estabelecimentos destinados à convivência escolar, com instalações que vão desde arejados salões de estudos até os sofisticados pátios de recreação”.

Com as obras próximo de seu desfecho, foi necessário promover um festival que contribuísse com recursos para os seus retoques finais. Realizou-se então uma reunião na matriz de São João Batista, obtendo uma grande participação da comunidade, foram então divididas as tarefas do festival. A Barraca “Poço de Jacó” serviria licores, ficando a cargo da senhora dona Beatriz Amorim, “A Barraca dos Sonhos”, consistia em gentis e espirituosas leituras da sorte, dirigidas pelas filhas do médico Adalberto Amorim, Maria e Marta, que trajavam vestes de cigana (AMORIM, 1977). Dentre as mensagens de sorte encontrava-se o seguinte texto:

Em tua consciência um feio sacrilégio
Teus brios de assuense hão de certo acusar,
Se para prosseguir nas obras do Colégio
O franco auxílio teu não souberes ofertar.

Em 9 de Março de 1927, inaugurou-se a tão esperada instituição educativa com o nome de Colégio Nossa Senhora das Vitórias que, segundo Amorim (1929, p. 23) “o intuito era oferecer a educação literária, cívica e doméstica da mulher sertaneja”.

Estiveram presentes personalidades como José Augusto Bezerra de Medeiros, governador do estado do Rio Grande do Norte, Nestor dos Santos Lima, diretor do Departamento de Educação Pública, professor Alfredo Simonetti, diretor do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia. As comemorações foram iniciadas com a benção do prédio e a missa na capela do Colégio às 07h: 30 da manhã, celebrada pelo Monsenhor Joaquim Honório e Pe. Júlio Alves Bezerra, vigário da paróquia local. Durante a cerimônia houve cânticos entoados pelas Irmãs professoras do colégio, terminando com o hino nacional que foi ouvido de pé, pelos convidados (A DIOCESE DE MOSSORÓ, 1927).

Para Amorim (1977, p. 15) a manifestação era contagiante, todos sentiam o desejo de enaltecer esse empreendimento. O governador do estado José Augusto de Bezerra Medeiros, iniciou seu discurso congratulando-se com o povo assuense e dignificando o estabelecimento de ensino de instrução às meninas. Como bem destacadas nas palavras Amorim (1977, p. 26-27):

Nada se iguala á instrução, é por ela que a grandiosidade das artes, o progresso se desenvolve em todas as atividades humanas e quando ela se reflete no coração e alma da mulher, que soma de benefícios não prodigaliza.

Segundo Amorim (1977), chegada a hora do pronunciamento do Dr. Adalberto Amorim, sobre a importância da inauguração do Colégio, ressaltando aos pais que o melhor patrimônio que podem legar aos seus filhos, é incontestavelmente, a educação e a instrução de suas filhas.

Não vacilaram e conduzir até aqui a porção melhor de sua alma, o encanto de seus lares- as suas filhas- para aperfeiçoarem, nesta OFICINA DE LUZ, o seu espírito e serem uteis não só a família como a sociedade em que vivem. Tenho para mim que este COLÉGIO, inaugurado sob os melhores auspícios, será a fonte e inesgotável de benefícios, a sentinela indômita dessa peleja contra o analfabetismo, que não mudará jamais, onde quer que haja uma ESCOLA E UMA MULHER INSTRUIDA (AMORIM, 1977, p. 27, *grifo do autor*).

Essa relação escola, Igreja e educação feminina fazia parte das crenças ilusórias que o imaginário republicano brasileiro entreteceu e que se estendeu ao século XX. A destinação vocacionada feminina para educar a infância, ancorado no potencial de redenção pela pureza e amor ao próximo, atributos dos quais as mulheres eram/são possuidoras, e teve o efeito maximizar a importância feminina na educação. A mulher era convidada a moralizar os costumes da sociedade e a responsabilidade de guiar a criança, com isso contribuir para a civilidade da população e o progresso econômico e social do Brasil (ALMEIDA, 2006).

Palavras como abnegação, virtude, maternidade e patriotismo surgem constituindo um quadro de representações sobre a mulher e se imbricando na educação formal que elas tinham acesso. A educação formal, – entendida aqui como processos educativos institucionalizados de acordo com a cultura escolar. Tinha como finalidade inserir a mulher na cultura letrada, possibilitando-lhe acesso aos saberes sistematizado, disseminando práticas, usos e costumes em voga para as meninas, segundo o modo de pensar e de fazer daquele tempo (SILVA, 2007).

O Colégio Nossa Senhora das Vitórias em Assú, não diferente da realidade dos colégios confessionais brasileiro, não fugiu aos padrões estabelecidos à época, sobre educação da mulher e as exigências do seu papel: dócil, abnegada, boa mãe e esposa. Nesse contexto, verificamos que os interesses católicos projetaram um ser mulher, conseguidos através das propostas educativas implantadas pela instituição, cumpri rigorosamente suas atribuições na preservação da “sagrada família”, e a propagação do ideário católico e seus valores.

As professoras da Congregação das Filhas do Amor Divino encontravam-se em condições favoráveis para iniciarem suas atuações educativas em Assú e com isso contribuir com a educação das jovens, a civilidade da população e o progresso da cidade.

O excelente educandário entrou triunfante na florida senda do progresso, evidenciado nos constantes melhoramentos materiais das instalações, no copioso caudal de conhecimento das alunas, e no aperfeiçoamento espiritual das mesmas, resultante da primorosa educação moral em que era processada a formação do seu caráter, plasmando-lhes uma definida personalidade com o cultivo da piedade e das virtudes essenciais para torna-las capazes de, no futuro, cumprir a sua natural e sagrada missão de mães piedosas e dirigentes de um lar exemplarmente cristão, base de toda sociedade organizada (A DIOCESE DE MOSSORÓ, 1927, p. 119).

A proposta de fundar o Colégio Nossa Senhora das Vitórias fazia parte desse ideário de formação para meninas. Os documentos encontrados no Colégio, como atas, relatórios, expressam o propósito de educação que se pretendia na referida instituição escolar. Com o intuito de educar moças, para serem boas cristãs, mães e esposas dedicadas aos filhos e o marido, contribuindo para a construção de uma sociedade letrada e com regras de civilidade, de acordo com o ideário formativo da época.

Essa instituição em 1927 voltava-se para um corpo discente inicialmente só de meninas, sendo então implantado no ano seguinte o regime de co-educação, recebendo desse modo meninas e meninos. Funcionava em regimes de externato, internato e semi-externato, ou seja, nesse último regime, o aluno passaria o dia no colégio e a noite voltaria à sua residência.

Inicialmente matricularam-se 32 alunas, entre elas estavam Marta de Sá Leitão Wanderley, Maria Helena Carvalho Costa, Deolinda da Mata Fernandes, Laura da Mota Fernandes, Maria Silva Mendes, Maria Cortez Amorim, Maria Brígida Soares Filgueira. A procura por parte de alunas moradoras em outras localidades fez com que a Madre Superiora, Irmã Jaromira Ondra aceitasse aquelas como semi-internas e também internas.

No ato da matrícula as estudantes apresentavam certidão de batismo, atestado de vacina e comprovante de que não eram portadoras de doenças infecto-contagiosa. Para as alunas internas era exigido um enxoval composto dos seguintes itens:

1 colchão de 1m 80cm x 70cm; 1 travesseiro; 1 coberto de lã; 1 colcha branca; 2 lençóis; 6 fronhas; 4 guardanapos; 4 pares de meia; 12 toalhas de rosto; 4 toalhas de banho; 2 combinações; 12 camisas de dormir; 6 calças; 1 sombrinha; 1 par de calçados preto (salto baixo); 2 pares de tênis; 1 saco de roupa servida; 2 copos de alumínio; 2 pentes (grosso e fino); tesourinha; escova; pasta para dentes; escova de roupa; graxa; bacia; jarro; sabonete; talher; 1 colher para sopa; 1 colher para chá; pratos e xícaras; 1 cadeira — Uniforme — Aventais conforme modelo do Colégio — Saia de casimira azul-marino; Blusas de tricoline e de seda branca; 3 veos de filó. Todo o enxoval deve ser marcado com o número que for dado à aluna por ocasião da admissão (ATA DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS, 1928, fl. 5).

O rigor com o fardamento escolar expressava a organização do Colégio das freiras, ressaltando aspectos relevantes sobre a aparência e higiene. Nas atividades escolares as alunas

vestiam um uniforme composto por uma saia de Casimiro azul-marinho, blusa de tricoline branca e sapato preto baixo. Para as solenidades festivas e comemorativas, as alunas vestiriam a saia de Casimiro azul-marinho com uma blusa de seda branca e uma boina azul-marinho. Nas atividades destinadas ao trabalho manual de pintura acrescentavam um avental ao fardamento. O horário das atividades escolares tinha início no turno matutino às 7h30min e terminava às 11h20min (ATA DE REUNIÃO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS, 1928).

Em se tratando de Colégios católicos destinados para a aplicação de princípios disciplinares garantidores de uma formação integral dos seus educandos, Conforme entrevista com a ex-aluna Marta Cortez Alves, sobre o sistema de internado vivenciado por sua irmã, comenta:

“Minha irmã estudou no Colégio no ano de 1930, era interna, e não visitávamos com frequência, era difícil vir a Assú, apenas nas férias que ela vinha. Eu sei que as normas no internato, eram rígidas, como era naquele tempo. Mas mesmo assim, todo mundo tinha direito a sair, conversar com as pessoas [...]”

A filha da ex-aluna Martha Wanderley Salem, também comentou o tempo em que sua mãe foi aluna interna.

“Mamãe foi aluna interna do Colégio das freiras apenas um ano, não recordo detalhes, mas lembro de que comentava sobre a rigidez e disciplina que as alunas deveriam seguir”.

Como não podia deixar de ser, no internato “cada passo era medido, estipulado por um conjunto de regras destinadas a modelar a mulher que, além dos ornamentos culturais, da polidez, portasse a marca indelével da educação conservadora” (MANOEL, 1969, p. 78).

O traço do rigor da educação oferecida no Colégio das Freiras, também expressava através das disciplinas, ressaltando o perfil de aluna que desejava educar. As disciplinas que constituía o programa de ensino das meninas incluíam o português, o francês, inglês, aritmética, história, geografia, religião, piano, bandolim, música, pintura, bordado e trabalhos domésticos.

Para conduzir as atividades educativas no Colégio Nossa Senhora das Vitórias em 1927 a direção foi entregue a Madre Jaromira Ondra e o corpo docente foi constituído por irmã Digna Taudes, assistente, organista e professora de bordado, irmã Alberta Garimberta, professora de francês e pintura, irmã Mercedes Fonta, professora do curso primário e no ano de 1928, foi professora do curso secundário e responsável pelas alunas, a irmã Volkmar Stonoschek, era coordenadora da cozinha, cuidava das plantações e do gado que havia sido doado para o Colégio. Em 1929, para auxiliar o corpo docente do Colégio das Freiras,

chegaram às irmãs Carmela Trampus e Berchna para lecionar pintura, bordado e português (AMORIM, 1977).

Louro (1997, p. 446) discute os modos de fazer dessas mulheres na época em que, as “habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as de mando das criadas e serviçais, faziam parte da educação das moças, acrescidas de elementos, que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido”, mas também uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente.

Percebemos que os trabalhos manuais desenvolvidos, não visavam um fim profissional e sim educativo, ajudando a mulher na administração do seu lar e na educação dos filhos. A formação de uma mulher letrada seria para além dela, dos seus anseios ou necessidades, mais com os propósitos formativos de futuros cidadãos brasileiros, embasados em uma educação moral e cívica (ALMEIDA, 1998, LOURO, 1997).

2.3 A CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DO AMOR DIVINO E O CONVITE PARA A DIREÇÃO DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS

Aqueles que foram iluminados brilharão como o clarão do firmamento; e aqueles que instruíram na justiça a muitos, brilharão como estrelas, sempre e eternamente. Dan. 12-

A idealização da Congregação das Filhas do Amor Divino surgiu, conforme os registros da época, por ocasião do crescente êxodo rural, provocado pela industrialização europeia, Francisca Lechner, sentindo a situação das mulheres desfavorecidas, que migravam para capital austríaca, teve a iniciativa de acolhe-lhas e de fundar uma comunidade religiosa e escolas que pudesse abrigá-las, com o intuito de preservá-las dos vícios e do “mau caminho” (OLIVEIRA, 1999).

No entanto, indagávamos se seria apenas esse o motivo para fundação da Congregação das Filhas do Amor Divino? Talvez existissem outras motivações, quais? Com o aprofundamento e leitura atenta dos documentos sobre a Congregação e o entrecruzamento de leituras de teóricos abordando o contexto da época, foi possível entender que existiam interesses mais complexos, entorno da fundação da Congregação, como o interesse da Igreja em disseminar a religião com a criação de Ordens religiosas, Congregações, escolas, orfanatos, a preocupação com a preservação da família e com a ordem social e a mulher seria fundamental para alcançar esses objetivos.

De acordo com Rodrigues (2007, p. 95),

a proposta concebida de educar a mulher para o lar esteve associada às mudanças de crescimento populacional e urbano que o continente europeu atravessou no século XIX, numa conjuntura social e econômica pautada pelo crescimento acirrado e desordenados das cidades europeias, com a industrialização e o advento do capitalismo, ocorrendo assim um número expressivo de migrações para outras cidades, a exemplo de Viena/ Áustria.

Nesse período, milhares de pobres provindos das diversas partes do Império, chegam a Viena/Áustria para encontrar trabalho e pão que, em sua casa, nos povoados, se torna sempre mais escasso. Como naquela época, as mulheres estavam em situações de maior perigo e desvantagem, as jovens migrantes do interior, sem preparo profissional, sem recursos, era a preocupação de Madre Francisca. Para isso necessitava de uma casa para abriga-las e de pessoas para ensinar as suas jovens o necessário para exercer o serviço doméstico e quanto antes colocar jovens preparadas para este tão solicitado trabalho (REVISTA CAMINHANDO COM MADRE FRANCISCA – REVISTA DA CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DO AMOR DIVINO, Nº 87, pp. 4 - 5).

A mulher caberia à missão de cuidar e zelar dos afazeres domésticos, promovendo o bem estar da família, mantendo a paz, o equilíbrio psicológico. Além de ser uma boa esposa, mãe e a responsabilidade de educar os seus filhos e transmitir valores morais para contribuir com a ordem social.

Para Rodrigues (2007, p. 96), “o movimento higienista do século XIX também ascendeu à ênfase à economia doméstica, favorecendo o bem estar das famílias proletariadas, com programas assistencialistas nas áreas de educação, saúde, habitação”. Com isso a instituição escolar seria aliada nesse projeto, com estruturas e funções definidas, para desempenhar práticas para o bem estar da família, entrando em cena a educação feminina. Assim sendo, com algumas restrições, a educação das meninas deveria ser exercitada nos papéis de mãe e professora. Isso porque a emancipação feminina poderia trazer desajustes no âmbito familiar e social.

O discurso higienista moderno reforçava essa associação, afirmando que o lugar da mulher era no lar e sua função prioritária o cuidado com os filhos e filhas. Na família ideal, a mulher não deveria trabalhar fora. A guarda da prole e sua educação seriam atividades naturais da mulher, que passaria todo o seu tempo amando e brincando com os filhos e filhas (VIDAL; CARVALHO, 2001, p. 215).

A proposta do modelo educacional da Congregação das Filhas do Amor Divino, também estava preocupada com a manutenção da família, com a marginalização da mulher desempregada, a classe mais vulnerável, aos riscos da corrente exclusão causada pelo fenômeno da Revolução Industrial, e a mulher fosse ela criança, jovem ou idosa, era a principal da compaixão da Madre Francisca. Pela própria condição da mulher, as

consequências da migração do campo para a cidade aumentavam ainda mais os riscos da influência negativa (OLIVEIRA, 1987).

Mas quem foi Francisca Lechner? Nasceu no dia 1 de janeiro de 1833, em Edling, sul da Baviera, na Alemanha. Filha de Franz Xaver Lechner e Maria Fussetter Lechner, uma família cristã (OLIVEIRA, 1987 p. 60).

Conforme registra Oliveira (1987, p. 61),

diante das influências domésticas, da atuação do pai na comunidade, das viagens, da sua vivacidade, de suas capacidades, é possível destacar que Francisca Lechner, obteve influência da complexidade social, política e eclesiástica da sua época. Mesmo indiretamente respirava o clima de um processo que colocava a Igreja numa busca decisiva, para readquirir as reservas das devoções populares e disseminar obras para privilegiar o seu reflorescimento.

Neste ambiente nasceu e cresceu a fundadora da Congregação das Filhas do Amor Divino. Segundo Oliveira (1987, p. 61), “uma congregação que objetivou uma lúcida resposta de fé diante de uma particular carência, em particular momento e em particular situação da Igreja e da Sociedade”.

O período histórico vivido por Francisca Lechner na sua infância e juventude substancialmente compreende a “*fase da Restauração Católica*” (aproximadamente 1815-1848), e o “*ultramontanismo*¹⁶”, mais tarde, a partir de 1848. A Restauração se refere a uma fase na qual, a Igreja, permanecia aliada aos velhos poderes e tenta conservar ou retomar a sua antiga influência sobre a sociedade. Desenvolveu-se principalmente na França, Alemanha, Áustria e outros países, na luta contra os antipapistas.

Nos tempos entre a adolescência e juventude de Francisca Lechner, é possível perceber a retomada da Igreja e suas influências sobre a sociedade, em virtude do crescente número de Associações, Congregações e missões católicas espalhadas pela Europa.

Em Munique no ano de 1849, Francisca Lechner, entrou para candidatura na Comunidade das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, fez a vestição e em 1851 e em 1854 emitiu os votos para ser freira. Em 1855, participou do exame profissional da Escola de Artes Industriais.

Há de se considerar que é possível o contato de Francisca Lechner com as Irmãs Escolares de Nossa Senhora, tenha tomado conhecimento, da situação política envolvendo as Instituições religiosas nesse período de tensões da Igreja, com o fechamento das escolas nos conventos (OLIVEIRA, 1999).

¹⁶ O termo designa, no catolicismo, especialmente francês, os fiéis que atribuem ao papa um importante papel na direção da fé e do comportamento do homem.

Essa situação poderia ter motivado e sensibilizado Francisca Lechner a seguir com seu ideal de fundar uma instituição e introduzir as escolas nas casas religiosas. Com isso se preparou para a docência e iniciou a exercer como professora juntamente com as Irmãs Escolares de Nossa Senhora (OLIVEIRA, 1999).

Esse ideário da Madre Francisca Lechner representa um período em que a preocupação em educar a mulher estava associada à busca de uma formação moral¹⁷, através da cristianização católica, preservando-a de ações externas, disseminando o ideário católico e formando através dos preceitos da Igreja, tomando como referencial a figura de Maria, símbolo de abnegação e conduta.

Para consolidar seu projeto de fundar a Congregação, Francisca Lechner buscou apoio com Padre J.F. Depouz e fundou em 1876 na Suíça a *Sociedade Beneficente do Amor Divino*, que funcionava uma escola particular, onde instalou um jardim de infância, aulas de trabalhos manuais e fundou filial na Áustria e na Alemanha. Em carta circular Madre Francisca Lecnher (1876), descreve o objetivo inicial da sua obra de Deus em Viena:

Nada eu trouxe para cá a não ser 200 florins em uma sincera e firme vontade de fundar um instituto para jovens pobres que estão a procura de emprego. Instituto no qual elas, durante o tempo de desemprego, seriam, não somente instruídas em todo o tipo de trabalhos manuais femininos, mas também incentivadas ao cumprimento dos seus deveres religiosos. Eu conhecia os perigos aos quais estas jovens inexperientes estão expostas quando chegam a uma cidade grande. Por este motivo pensei que a fundação de semelhante instituto fosse uma obra agradável a Deus. Se isto resultasse em êxito, extensão do meu plano seria acolher crianças pobres órfãs e educá-las para membros úteis à sociedade humana (CARTA CIRCULAR MADRE FRANCISCA LECNHER, 1876).

O intuito de Madre Francisca Lechner em fundar a Congregação está associado à localização temporal, a contextos e espaços que estiveram marcados pelos surgimentos das escolas confessionais católicas destinadas a formar mulheres. Conforme Magalhães Junior (2002, p. 78) estas razões estão entrelaçadas com os preceitos acéticos e salvacionistas da própria religião católica e de um Estado que prezava pela higienização e normatização social. Existia a necessidade de um público dócil, as novas normas tornam as mulheres um alvo privilegiado da ação da igreja.

Sendo assim, em 21 de novembro de 1868, nasceu a Congregação das Filhas do Amor Divino, em Viena, Áustria. Acolheu as jovens e crianças órfãs ou abandonadas. Fundou

¹⁷ Formação Moral entendida aqui, como os costumes, valores e normas de conduta específico de uma sociedade ou cultura (JAPIASSU; MARCONDES, 2006, p. 193).

escolas, jardins de infância, creches, orfanatos, escolas dominicais e escolas de trabalho (AMORIM, 1977).

Madre Francisca Lechner, preocupada com a situação da Congregação e com as influências dos ares da modernidade, logo começa enviar suas Irmãs para completar seus estudos, a fim de compor o corpo de professoras para atender a demanda de crianças e jovens, para a obtenção do diploma de ensino formal nos seus institutos. Percebemos que a educação tornou-se o caminho trilhado para disseminar os preceitos da Congregação e da Igreja Católica.

Em 1894, morre Francisca Lechner, deixando o legado para as irmãs das Filhas do Amor Divino perpetuar através das missões pelo mundo.

A decisão de expandir as obras da Congregação para outros países, como Brasil, foi marcada por inúmeros conflitos entre Irmã Teresina Werner e a Superiora Geral Madre Ignatia Egger. Pode-se dizer conforme as cartas deixadas pela Irmã Teresina Werner, que ela apresentava características do contexto histórico que viveu, na qual a mulher registrava aos poucos o interesse de liberdade, espírito empreendedor.

Para Oliveira (1999, p. 146), Teresina Werner “trazia consigo o ardor das rebeldias e contradições de uma época e demonstrava ser uma mulher em crescimento no caminho das descobertas [...]”. Oliveira (1999) acrescenta que os registros sobre a vida de Teresina Werner, ainda encontra-se na penumbra, talvez uma das razões do silêncio da sua história, do domínio de si, controlando seus impulsos.

Podemos compreender que as relações sociais entre os indivíduos, na Congregação das Filhas do Amor Divino, são marcadas por relações de “interdependência” e “tensões”, ora os unindo, ora os opondo (ELIAS, 2001, p. 134).

Para Teresina Werner, o conservadorismo e o receio de arriscar de Madre Ignaria Egger significava retardo e ameaça ao futuro da Congregação. Dessa maneira, lançava-se, com insistência, percebendo as transformações do seu tempo histórico. Os registros documentais apontam que entre o período de 1912 a 1915, foi um período que o processo missionário ocorre intensamente, seguido pela dinâmica de expansão das Filhas do Amor Divino para fora das terras do Império austro-húngaro (OLIVEIRA, 1999, p. 212).

Como surgiu o convite de vir para o Brasil? Em 1913, Padre Schimmoller esteve em Viena, especialmente para solicitar irmãs para o Brasil, juntamente com o Padre Joseph Von Lasserg, a vinda para as cidades de Passo Fundo e Serro Azul/RS.

No entanto, a Madre Superiora Ignaria Egger, não concorda com novas fundações, em especial o Brasil, por ser um país distante, desconhecido para ela e demonstrava insatisfação na implantação da fundação no Brasil.

Através das cartas é possível analisar o campo de tensão gerado pela insistência das Irmãs Teresina Werner e Ludovica Binder, com a Madre Superiora Ignaria Egger, o teor das cartas apresenta a relação de poder, apresentando deduções como, por exemplo, decisões sem o consentimento da Madre Superiora para implantação da fundação no Brasil (OLIVEIRA, 1999, p. 238).

Após longo período de conflitos, a Irmã Teresina Werner decidiu vir para o Brasil e na busca de colaboradores para viagem, conheceu a jovem, que ainda não era religiosa Hedwing Hardegg, mais tarde Irmã Berchmana Hardegg. Depois mais duas pretendentes se dispuseram a ir para as missões, como a candidatas á vida religiosa, são elas: Margarida Engel e Erna Eck (OLIVEIRA, 1999, p. 247).

Em 1920 a partir da documentação tem o registro do ato formal indicando que irmã Teresina Werner, recebeu a licença para esta nova fundação e para viajar para o Brasil. Em 19 de abril de 1920, segue da Áustria em direção a Gênova na Itália, local do embarque para o Brasil; de São Paulo, Novo Hamburgo, Uruguaiana, Santo Ângelo até o dia 19 de julho ao chegarem a Serro Azul, hoje Cerro Largo /Rio Grande do Sul, de navio e por fim desembarcam em São Paulo, no Porto de Santos, em junho de 1920 e fundaram a primeira escola da Congregação no Brasil (OLIVEIRA, 1999).

O contexto histórico vivenciado no Brasil pelas Irmãs das Filhas do Amor Divino registrava a Igreja na fase de transição, entre os períodos identificados como: reorganização da Igreja entre 1890 a 1921 e da restauração católica 1922 a 1961. Em 1920, a Igreja no Brasil já tinha passado por todo o processo da reorganização, cujo marco de início é a separação entre Igreja e Estado (OLIVEIRA, 1999, p. 269).

Nesse período registra-se a formação de sacerdotes em Roma, a multiplicação de dioceses, a chegada de Institutos Religiosos no Brasil, onde multiplicam-se escolas católicas, sob direção de religiosos, como contribuição hierárquica, preocupada em fazer frente ao ensino leigo oficial e a multiplicação das escolas protestantes, realidade vivenciada também no Rio Grande do Norte.

Conforme Oliveira (1999, p. 34), entre 1920 a 1930 o episcopado brasileiro, juntamente “com o clero, religiosos, leigos, busca recriar uma nova imagem da Igreja católica através de uma série de iniciativas de caráter social e religioso. O Rio de Janeiro foi palco dos principais eventos”. Após a conclusão da revolução de 1930 a Igreja sob a hábil liderança do

Cardeal Leme, oportunizou que a Igreja voltasse ao domínio público, reconquistando as estruturas do Estado, a fim de criar e de exercer influência.

No Rio Grande do Norte, Dom Jose Pereira Alves, entre os anos de 1923 a 1928, esteve à frente do Episcopado na Diocese de Natal, articulando a vinda de Congregações para o Estado, a fim de expandir a criação de escolas, conforme orientações do então Cardeal Dom Sebastião Leme, com o objetivo de disseminar os ideais católicos e preservar as famílias, em especial as mulheres das influências negativas do mundo moderno.

No período de 1920 a 1927, a Congregação das Filhas do Amor Divino fundaram no Brasil os respectivos Colégios: O Colégio Maria Anunciação, hoje Instituto Nossa Senhora da Anunciação, em Cerro Largo/RS, o Colégio Nossa Senhora da Visitação, em Santo Ângelo, o Colégio em Rosário do Sul. No Rio Grande do Norte fundaram o Colégio Santa Teresinha em Caicó, e o Colégio Nossa Senhora das Vitórias em Assú.

Em 1925, o sertão do seridó potiguar recebe um grupo de freiras vindas do sul do Brasil, dentre elas a austríaca Teresina Werner. Do clima gelado da Europa ao sol quente dos sertões, a austríaca vem decidida a mudar a temperatura da educação regional. Com a missão de educar moças para a vida e facilitar a instrução a suas filhas (BURITI, 2007).

Após a implantação do Colégio em Caicó, em 1926, chega ao Brasil a Superiora Geral Madre Kostsha Bauer que iniciou seu itinerário de visitação das instituições instaladas no Brasil, especificamente no Rio Grande do Norte. Essa visita tinha objetivos mais complexos como ressalta o documento de Protocolo da Reunião Geral no ano de 1925, em Viena:

[...] colocar ordem pessoalmente nas situações lá reinantes e depois a Ir. Teresina Werner que abusou durante estes anos do seu poder e permitiu a penetração da indisciplina e introduzir no seu lugar a Ir. Christina Wlastinik. Como é de prever que a Ir. Teresina irá se opor às ordens da Superiora Geral, as abaixo assinadas decidem a imediata demissão de Ir. Teresina para o caso de que neste assunto importante ela realmente nega obediência [...] (PROTOCOLO DA REUNIÃO GERAL, 1925).

O mal-estar causado com a vinda da Superiora ao Rio Grande do Norte e as reclamações sobre a atuação da Irmã Teresina Werner, foram suficientes para seu retorno a Europa. No entanto, conforme os registros tiveram uma longa conversa e ficou decidido que Teresina Werner ficaria mais dois anos a frente do Colégio em Caicó e posteriormente iria retornar para Viena.

Em 1926, a Madre Kostka, recebe o convite do Bispo Dom Jose Pereira Alves, para assumirem a direção do Colégio Nossa Senhora das Vitorias em Assú. Sendo assim, aceitaram a solicitação e no dia 17 de fevereiro de 1927, desembarcaram em Recife quatro

Irmãs: Alberti Garimberta, Digna Taudes Volkmar Stanoscheck e Mercedes Fontan. Oliveira (1999, p. 342), narra à chegada das Irmãs no Rio Grande do Norte:

Após uma tranquila viagem marítima as irmãs chegaram a Recife no dia 17 de fevereiro, onde foram esperados por sua nova Superiora, Irmã Jaromira Ondra, tendo sido chamada de Serro Azul, para este fim, pela Rev. Madre Geral. No dia 19 de fevereiro três irmãs prosseguiram viagem [...] No dia 22 de fevereiro chegaram a Açú e com elas a tão esperada chuva, dois acontecimentos alegres, como foi contato pelas Irmãs. As Irmãs foram saudadas da maneira mais amável, mas para elas também de modo mais estranho. Somente Irmã Teresina, Superiora de Caico, que introduziu as Irmãs aqui, podia comunicar-se com o povo; as Irmãs não dominavam a língua portuguesa e entre os Açúenses ninguém sabia falar Alemão [...] (CRÔNICA I, 1926, COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS, AÇU, p.1).

O cenário assuense encontrado pelas Irmãs austríacas apresentava os inúmeros desafios que enfrentariam, para se instalarem na cidade, dentre eles, o longo período de seca, clima quente e dificuldade de comunicação.

Nos arquivos encontrados sobre a vinda das freiras para a cidade de Assú, não detectamos vestígios da participação de Irmã Teresina Werner nesta fundação, pois tudo coincide com o tempo de permanência da Madre Geral Kostka. Segundo Oliveira (1999, p. 342), “é a primeira fundação no Brasil, em que a Irmã Teresina Werner, não foi a principal articuladora e que de agora em diante praticamente sai de cena, no sentido de que outras levam adiante a sua tão ansiada quanto sofrida missão”. Logo, a Superiora Geral convoca a vinda de outras irmãs para contribuir com as atividades educacionais em Assú e madre Teresina Werner retorna para a Viena.

No dia 13 de março de 1929, chegaram a Natal duas a irmãs vindas da Europa, Imaculada Widder e Carmela Trampusch e no dia 5 de abril vindo de Serro Azul chegaram as Irmãs Cristina Wlastnik e Amabilis Jakubec, vinda de Praga e foram para Assú.

O Colégio Nossa Senhora das Vitórias em Assú, ficou sendo o centro de convergência das Filhas do Amor Divino no Brasil, isso porque a Madre Christina ficou como vigária até 1938. Em 1939, com a nomeação de Madre Christina como superiora Provincial, a Casa de Assú passou a ser também a casa Provincial e, portanto sede da Província, até 1950.

Analisando criticamente as tensões e tomadas de decisões vivenciadas pela Congregação das Filhas do Amor Divino, até o convite para a direção do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, percebe-se que as ações dos sujeitos não são fechadas em si mesmas, mas, são construídas nas relações recíprocas. Como destaca Elias (2001, p. 56), o homem não é “totalmente livre ou independente nas tomadas de decisões, por não haver pessoas isoladas e ações fechadas em si mesmas. Nas relações recíprocas, os sujeitos possuem “um grau de

autonomia, uma margem de manobra de seus atos, dentro da qual pode precisar tomar decisões”.

Percebe-se a partir das fontes sobre Madre Francisca Lechner, que a finalidade em fundar a Congregação das Filhas do Amor Divino, surge para atender aos anseios pessoais, motivados pela Igreja Católica e esta se situa sempre no sentido de testemunhar a fé, a partir de um serviço que atenda às necessidades de um determinado momento histórico. Sendo assim, espera-se que, por esse anúncio e presença, o número de fiéis aumente e, para os outros a fé não se perca. É nessa perspectiva que a igreja parte apara a Educação. Seus colégios seriam grandes redomas a proteger a infância e a juventude do mal do mundo, projeção do espírito “fuga mundi” da vida religiosa de outrora, onde também iriam crescer, na fé e no amor à Igreja Católica.

Com o aprofundamento das leituras das fontes encontradas sobre a Congregação das Filhas do Amor Divino, foi possível perceber, que as práticas educativas desenvolvidas no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, tem sua base de educação inspirada nos ensinamentos de Madre Francisca Lechner, trás marcas do contexto histórico em que foi pensada a Congregação e suas orientações para suas escolas. Influências da orientação católica e os valores morais, compreendido como o conjunto de regras adquiridas através da cultura, da educação, da tradição e do cotidiano, e que orientam o comportamento humano dentro de uma sociedade, a exemplo da honestidade, da bondade, do respeito e da virtude.

3 O COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS EM ASSÚ/RN E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS (1927-1937)

No terceiro capítulo, discorreremos sobre o modelo educacional da Congregação das Filhas do Amor divino, que tem sua base a partir da fundadora Madre Francisca Lechner e suas diretivas sobre como os colégios pertencentes à referida Congregação deveriam desenvolver suas práticas educativas. A partir dos documentos encontrados é possível que as teorias educacionais em voga no tempo de Madre Francisca Lechner, tenham influenciado o modelo educacional da Congregação das Filhas do Amor Divino, considerando a educação presente no cenário europeu do século XIX. Sendo representado pelos seguintes teóricos, Pestalozzi (1746 – 1827), Herbart (1776 – 1840) e Froebel (1782 -1852).

A partir do modelo educacional construindo pela Madre Francisca Lechner, servirão como diretivas para os Colégios da Congregação, a exemplo do Nossa Senhora das Vitórias

em Assú, provavelmente receberam influência para as práticas educativas que desenvolveram no universo da escola ou fora dela.

Ao mergulhar na interioridade do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, nos remete a tentativa de compreender a multiplicidade de atores envolvidos, suas práticas educativas, que contribuem para explicarem os fatos e a realidade educativa da escola e suas relações com contexto histórico da pesquisa.

Corroboramos com Certeau (2011, p. 41), quando ressalta que as práticas são maneiras “de pensar e de fazer, se constituindo as diversas práticas pelas quais os sujeitos históricos, se reapropriam do espaço”. As maneiras de fazer desenvolvidas no Colégio Nossa Senhora das Vitórias são, por exemplo, modos de educar, transmitir valores morais e religiosos.

Através dos documentos detectados nos acervos públicos e privados, foi possível identificar as práticas educativas desenvolvidas no Colégio Nossa Senhora das Vitórias dentre elas: *As representações Dramaticais*, *Os livros de leitura* *As comemorações cívicas* e *A Disciplina Escolar*. As práticas educativas da referida instituição, estavam direcionadas a transferir para os alunos valores morais e religiosos, a saber: o respeito ao próximo, a natureza, ressaltando o patriotismo e o amor á Deus, imprimindo um perfil de aluno, que a escola almejava, conforme as ideias circulantes da época, perpassando desde os preceitos católicos e aproximações com as ideias da escola nova. A reconstituição da identidade histórica dessa instituição contribui para a configuração da história da educação escolar norteario-grandense.

3.1 O MODELO EDUCACIONAL DA CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DO AMOR DIVINO

O amor à juventude seja guiado por motivos sobrenaturais, à imitação do Amigo das crianças que as abraçava, mesmo sentido extenuado pelos labores do dia (LECHNER, 1888).

Para compreendermos as práticas educativas no Colégio Nossa Senhora das Vitórias entre 1927 a 1937, convém apreendermos o fio condutor da Congregação das Filhas do Amor Divino, que tem sua raiz no modo próprio de sua fundadora a Madre Francisca Lechner de conduzir a educação nos primórdios da Congregação em Viena/Áustria. A partir da história da Congregação, percebemos a essência do Colégio Nossa Senhora das Vitórias e como formou suas bases, adequando-se, em alguns aspectos, seja estrutura física, currículo, à realidade local e o contexto histórico da época.

É forçoso destacar a relevância de recuperar a pedagogia e ensinamentos que contribui para compreensão de educação deixada pela madre Francisca Lechner, como ressalta Hetzel (2000):

O jeito de educar ou a pedagogia das Filhas do Amor Divino tem sua raiz no modo próprio de Madre Francisca Lechner conduzir a educação nos primórdios da Congregação. É de suma importância visitar as fontes inspiradoras do ensino das Filhas do Amor Divino a fim de não perdermos a linha-mestra que se traduz na natureza da missão no campo educativo (HETZEL, 2000, p. 1).

O modo de organização educacional de madre Francisca Lechner alicerça-se sobre a dimensão formativa como condição intrínseca à promoção humana. Assim, visualizou três etapas da vida humana a serem alcançadas pela sua proposta educacional a infância, a juventude e do adulto no mundo do trabalho. Abrangendo essas três etapas da vida, ela delineou as seguintes características da Congregação em 1868 (HETZEL, 2000).

Hetzel (2000) destaca que para a infância foi pensado os serviços de internatos, creches e Jardins de Infância, para juventude a Escola fundamental particular nível básico (1ª a 3ª série) e nível avançado (4ª a 8ª série), considerando o contexto austro-húngaro do Século XIX, para o adulto criou os Institutos Marianos, que as abrigava, promovendo a educação profissionalizante para aquelas em idade de trabalhar com ênfase em Artes Industriais (habilitação profissional de Madre Francisca).

Para a efetivação das atividades educacionais nas Escolas da Congregação Madre Francisca Lechner, orientava as primeiras Irmãs para que adquirisse a habilitação necessária para o exercício da docência. É possível visualizar Madre Francisca Lechner, preocupada com a formação intelectual dentro dos padrões pedagógicos de sua época (OLIVEIRA, 1999).

Todavia, o acesso ao ensino superior ainda não era permitido às mulheres, o que só ocorreu no início do século XX. Mesmo as mulheres que chegaram ao nível superior enfrentavam diferenças aos homens. Para as moças no cenário europeu, tomando como exemplo a Alemanha do século XIX:

Na Prússia, a educação superior para as moças estava bem atrás dos meninos e recebia pouca atenção do Estado ou Município, exceto quando necessitava de professoras nas escolas elementares. Assim apareceram na Prússia escolas secundárias para as moças, distribuídas administrativamente como parte sistema da escola elementar. [...] As professoras sempre lutaram em tudo, em batalha desigual com os homens, principalmente nas escolas, onde a maior parte do pessoal academicamente qualificado era homem. Da mulher se exigia maior esforço, mesmo tendo conseguido a instituição de um novo exame para professoras. Estudo universitário, embora não prescritos, foram de fato essenciais e ainda, as mulheres não tinha direito à Universidade na Alemanha. Elas eram admitidas a fazer o exame de licença para serem preparadas em instituições privadas, mas sua admissão à

Universidade cabia ao professor universitário. A desejada mudança não foi efetuada, antes do século XX (HETZEL, 2000 p. 3)

No Brasil, a inserção das freiras na docência esta concomitantemente relacionada à história da profissão docente, a exemplo: da criação de escolas confessionais de primeiras letras, considerando que essas freiras estavam exercendo a docência desprendidas de salários, mas pelo amor a deus. A incumbência da mulher era educar essas crianças para formação de futuras gerações, para servir a pátria republicana e os preceitos da educação estética da época (ALMEIDA, 2006, LOURO, 1997).

Esse mesmo argumento seria utilizado juntamente com a condição transitória do trabalho feminino para manter os baixos salários das mulheres, uma vez que, reforçava a ideia de que o magistério representava apenas uma complementação salarial. Dessa forma, o sustento da casa considerado como responsabilidade do homem, caracterizava sua capacidade provedora, apontada como sinal de masculinidade. Em contrapartida, ao considerar o salário da mulher como complementar, deixava-se de levar em conta, inclusive, as situações em que as mulheres eram provedoras da manutenção do lar.

A atividade docente passaria, a partir de então, a ser associada a características tidas como naturalmente femininas, tais como: a paciência, a afetividade, a abnegação, a doação, o jeito para lidar com crianças. Estas características, associadas à religião, fomentariam a ideia de que a docência constituía-se como sacerdócio e não como profissão. “A representação do magistério é, então, transformada. As professoras são compreendidas como mães espirituais – cada aluno ou aluna deve ser percebido como seu próprio filho ou filha” (LOURO, 1997, p. 97).

Assim, as Filhas do Amor Divino têm a missão de educar bem no início de sua história com Madre Francisca Lechner, sendo essa a primeira fase de cunho social, no qual foram ministrados os primeiros rudimentos da educação formal e o envio das suas formandas para o ensino público e a segunda fase, de cunho educacional mais estruturada a partir de 1883.

Segundo Hetzel (2000, p. 3), “as teorias educacionais em voga no tempo de Madre Francisca Lechner, podem ter influenciado o modelo educacional da Congregação das Filhas do Amor Divino, considerando a educação presente no cenário europeu do século XIX”, sendo representado pelos seguintes teóricos, o educador suíço Johan Heinrich Pestalozzi (1746 – 1827), o filósofo e educador alemão Johan Friedrich Herbart (1776 – 1840) e o educador alemão Friedrich Froebel (1782 -1852).

Na perspectiva do envolvimento de Pestalozzi na educação, considera-se desde os tempos de estudante, a participação no movimento da reforma política e social, destacando-se

como defensor dos desamparados. Em 1805, fundou o internato de Yverdon na Suíça. O currículo adotado dava ênfase à atividade de caráter manual, artístico e aspectos da natureza, como o desenho, a escrita, o canto, a educação física, a modelagem, a cartografia e excursões ao livre.

O filósofo e educador alemão John Friedrich Herbart, como teórico da educação defendeu a ideia de que o objetivo da pedagogia é o desenvolvimento do caráter moral. Para tanto, o ensino deveria se fundamentar na aplicação dos conhecimentos da psicologia. Sendo assim, criou o sistema que denominou de instrução educativa, no qual, consiste no ensino, por situações sucessivas e mediadas pelo professor, com objetivo de fortalecer a inteligência e pelo cultivo contribuísse para formação do caráter.

O educador alemão Friedrich Froebel, foi um dos seguidores do pensamento de Pestalozzi. Defendia que os primeiros anos de uma criança eram decisivos para o desenvolvimento de sua personalidade. Em 1837, criou o primeiro “Jardim de Infância”, termo que logo se universalizou. A ideia educacional do seu Jardim de Infância consistia em três tipos de atividades, entre elas com os brinquedos, brincando com a música e seus sons, o contato a natureza e o carinho com os animais.

Com a influência dos teóricos da época e as bases fundamentadas nos ensinamentos de Deus, Madre Francisca Lechner traça o *Plano Educacional das Escolas e Institutos da Congregação das Filhas do Amor Divino*, afirmando inicialmente que “o bom êxito da nossa atividade educacional, exige que seja desenvolvida numa certa uniformidade, orientada por determinadas regras em todas as nossas casas” (BINDER S/D *apud* LECHNER, 1883).

Dessa maneira, o modelo educacional, embasou as práticas educativas desenvolvidas nas Escolas e Institutos, sob a direção das Filhas do Amor Divino, a exemplo do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, considerando que esse documento foi detectado no acervo da referida instituição e até os dias atuais, com adequações ao contexto histórico, servindo de norte para as atividades educativas dos respectivos colégios sob a direção da Congregação.

O referido documento foi criado em 1883, por Madre Francisca Lechner e reproduzido em 1905, para a *Revista Caminhando com Madre Francisca Lechner* pela irmã Ludovica Binder. Sendo composto por diretivas de como os colégios e as irmãs deveriam exercer a prática educativa:

- A Irmã responsabilizada com a direção da Escola ou Instituto esteja atenta para que a vigilância sobre as crianças seja conduzida com prudência, consciência e amor, tanto dentro quanto fora de sala de aula.

- Antes de tudo, insista no tratamento imparcial das crianças e procure evitar qualquer preferência de alguma educanda. Perspicaz e penetrante é o olhar da juventude e sabe, por razão natural, que entre iguais não deveria haver preferência alguma.
- Bons progressos na aprendizagem dos conteúdos e bom tom no relacionamento não devem deixar de ser valorizados e cultivados, porém, o dever mais importante da educadora permanece sempre a formação e o aprimoramento do coração das educandas; pois o que aproveitaria à criança sair do instituto enriquecida de conhecimentos e aparentemente bem formada, mas carecendo de bons princípios morais e religiosos.
- Uma das mais belas virtudes da juventude é a gratidão. Por isso, as Irmãs contemplem como um dever primordial o de incentivar as crianças à gratidão para com os seus pais, educadores e benfeitores, bem como ao Instituto onde receberam sua formação. Sejam conscientizadas considerarem a quem devem a felicidade de uma boa educação
- Todas as Irmãs empenhadas na educação compreendam profundamente a grandeza, sublimidade e responsabilidade da sua missão e, antes de tudo, aspirem à sua própria santificação; pois somente quem está habituado a andar no caminho certo, pode servir de guia seguro a outros neste caminho.
- De modo especial, conservem a paz interior e a verdadeira humildade do coração, assegurando-se assim a assistência do Espírito Santo em todos os seus atos e procedimentos.

Percebe-se nas orientações deixadas pela madre Francisca Lechner, o rigor e a responsabilidade com a educação e a influência dos teóricos como Pestalozzi (1746 – 1827), Herbart (1776 – 1840) e Froebel (1782 -1852), no tocante ao respeito, ao amor ao próximo, o cuidado com a formação da criança e a da influência da religião católica, ressaltando os princípios morais, a obediência e, sobretudo o amor a Deus. Conforme ressalta a oração construída pela madre Francisca Lechner:

Nenhuma manhã, sem oração fervorosa.
 Nenhum trabalho, sem boa intenção.
 Nenhuma alegria, sem um obrigado a Deus.
 Nenhuma palavra, sem lembrar do Onipresente.
 Nenhum sofrimento, sem serena resignação.
 Nenhuma ofensa, sem perdão.
 Nenhuma falta, sem arrependimento.
 Nenhuma ação do próximo, sem ser interpretada benignamente.
 Nenhuma obra boa, em humildade.
 Nenhum pobre, sem auxílio
 Nenhum coração sofredor, sem uma palavra de conforto.
 Nenhuma noite, sem exame de consciência
 (LECHNER, S/D).

Tais orientações foram possíveis perceber nas práticas educativas desenvolvidas no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, isso com modificações em consideração ao contexto histórico da pesquisa, mas não se distanciando do modelo educacional deixado pela madre Francisca Lechner.

3.2 RECONSTRUINDO AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS

3.2.1 As representações dramáticas

A arte dramática é a arte educativa por excelência.
(João Caetano)

Ao nos debruçarmos na investigação sobre a história do Colégio Nossa Senhora das Vitórias em Assú/RN entre 1927 a 1937, mergulhamos no universo da sua *cultura escolar*, enfocando suas práticas educativas, nos permitindo um olhar diferenciado sobre essa escola.

Totalidade em organização, a instituição educativa apresenta uma cultura pedagógica que compreende um ideário e práticas de diversa natureza, dados os fins, os actores, os conteúdos, inserida num contexto histórico e desenvolvendo uma relação educacional adequada aos públicos, aos fins, aos condicionalismos e às circunstâncias. (MAGALHÃES, 1999, p. 68-69).

Reconstituir a história dessa instituição, enfocando suas práticas educativas, significou enveredar-se no universo dessa totalidade, assim como ressalta Silva (2011, p. 30), “repleta de dispositivos socioeducativos, tais como os objetos materiais, as práticas mobilizadoras das apropriações, as representações dos atores do processo e dos saberes escolares”. As instituições escolares compostas de materialidades, de práticas educativas e de representações, estabelecem interações permanentemente, com o entorno social, com as demandas do tempo histórico e com os grupos que forjam os modelos educativos (FRAGO, 1995; MAGALHÃES, 2005, 1998).

Para construir a leitura sobre a referida instituição escolar e suas práticas educativas, sistematizamos as informações, tomando como referência a categoria de análise *cultura escolar*, a elaboração das categorias de estudo da pesquisa foi entrecruzada a partir do diálogo com as fontes e o referencial teórico adotado na pesquisa.

A aproximação com as fontes, à catalogação das informações, foi nos conduzindo para a definição das categorias de estudo. No entanto, não foi tarefa fácil, exigiu familiaridade com os documentos, aprofundamento nas leituras, retornar ao arquivo e sistematizar as informações recorrentes, que se articulava com os significados da cultura escolar. A escolha das categorias de estudo também surge, a partir da percepção e o desejo do pesquisador, como ressalta Silva (2011):

É impossível não perceber as categorias de um estudo como algo também arbitrário, que emerge da percepção do pesquisador e do desejo de construir certa narrativa e não outra. Poderiam ser outras categorias, mas, de alguma forma, construímos as nossas, elaboradas entre os significados das fontes e da nossa subjetividade (SILVA, 2011, p. 72).

A construção da nossa primeira categoria de estudo, *Representações Dramaticais*, foi a partir dos relatórios anuais, dos livros sobre o Colégio e entrevistas com ex-alunas da época. Percebemos que as *Representações Dramaticais* eram recorrentes no Colégio Nossa Senhora das Vitórias e na cidade de Assú conforme o contexto histórico da época estavam associadas a uma prática educativa, que tinha como objetivo transmitir valores morais, religiosos e atender a uma educação estética, especificamente para a educação feminina em voga desde Brasil república.

As mulheres deveriam ter uma educação estética, como condição de uma formação integral e útil a família e ao lar, cujo objetivo seria ornar o espírito (esse pensamento estava articulado aos objetivos da igreja católica), despertar emoções do gozo artístico que suscitaram um estímulo para a vida espiritual e moralmente superior (VEIGA 2011, p. 408).

Aprofundamos a leitura sobre a categoria de estudo, e foi possível constatar que as atividades que envolviam apresentações artísticas estavam em acesão no Brasil no período pesquisado. As palavras circulantes à cidade e a escola exprimem educação, cultura, bons costumes, valores, civilidade, elegância. Esses valores e atitudes desenvolveram-se em redes de sociabilidade, com destaque para a modernidade a partir do século XVI.

Podemos ressaltar que as *Representações Dramaticais* desenvolvida no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, estão de acordo com sua cultura escolar. De acordo com Julia (2001, p. 10), a cultura escolar é “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”.

Para Veiga (2003, p. 399), “em fins do século XVIII e durante o século XIX, o medo das multidões, dos seus hábitos e gestos grosseiros, das suas formas de protestos tornaram as cidades uma experiência de fascínio e medo”. Nesse contexto de receio de toda ordem, que se insere o debate educacional na construção do cidadão:

Dentre as várias estratégias constituídas para isso esteve à difusão da educação estética, as festas escolares e as festas escolares na cidade [...] O objetivo era dar visibilidade à modernidade concretizar o espaço urbano novas atitudes e valores– a elegância, os bons costumes, o patriotismo, a civilidade [...] (VEIGA, 2011, p. 400).

Nas cidades a perspectiva da educação estética, estava associada aos padrões de civilidade e fazia parte do projeto de modernidade, com a contemplação, seja através das exposições de quadros, trabalhos manuais, peças teatrais. Em Assú, a sua primeira representação dramática realizou-se em 16 de março de 1884, promovida pela sociedade *Recreio Familiar*, momento em que se fundava o *Teatro São José*. Outras organizações teatrais, foram surgindo como o teatro *Alhambra*, em 1 de dezembro de 1912, com exibição do drama *Boêmia*, e a comédia *Matuto na Praça*, posteriormente teve a inauguração do *Clube Dramático Artur Azevedo* (AMORIM, 1982).

Concomitante ao anseio das cidades, em desenvolver a civilidade nos espaços urbanos, as escolas foram convidadas a fazer parte do projeto. No Colégio Nossa Senhora das Vitórias, evidenciamos que desde sua fundação eram desenvolvidas as *Representações Dramaticais*:

Aos três de maio, no salão do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, foi apresentado brilhantemente pelas alunas uma Representação Dramatical, “A Virgem Maria”, a narrativa foi construída a partir da bíblia, consta de um ato, narrando sobre a vida de Maria mãe de Jesus, era uma mulher que foi descrita por Deus, como cheia de graça, virgem pura, abnegada, cheia de fé, amor e compaixão. Após o encerramento da apresentação todos aplaudiram com entusiasmo as alunas que transmitiram a pureza e o amor sublime da virgem Maria (RELATÓRIO ANUAL DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS, 1928).

Analisando o propósito do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, em realizar uma representação dramatical, que retratasse a vida da virgem Maria, percebe-se que sempre procuraram materializar uma representação de condutas e rituais que servissem de modelo para a sociedade, especificamente para a educação das meninas, que enxergavam nestas um símbolo de moralidade e modelo “puro de vida”. Essa prática educativa, na maioria das vezes não estava articulada com as ideias circulantes ao universo externo da instituição escolar, isso porque nesse contexto histórico, vivenciavam uma mudança de valores, em virtude da complexidade social, impulsionada pela urbanização crescente.

Para Nunes (1997, p. 497), “o ideal religioso exprimia-se na negação de valores, comportamentos e normas correntes na sociedade; os costumes conventuais e as formas de comportamentos das religiosas deveriam ser diferentes para marcar distinção com o mundo”.

Figura 6 - Representação Dramatical no Colégio Nossa Senhora das Vitórias (S/D).



Fonte - Acervo do Educandário Nossa Senhora das Vitórias

Conforme percebemos na fotografia, as meninas apresentam semblante de pureza, modéstia, sutileza no sentar, imprimindo o ideário católico da época, tomando como referência a pureza da virgem Maria e construindo assim uma identidade de aluna do Colégio das Freiras. Dessa maneira, o Colégio Nossa Senhora das Vitórias, evidencia desde sua fundação o propósito das suas práticas educativas, não apenas uma soma de conhecimentos, mas a formação do espírito para se tornarem mulheres sadias, boas mães e esposas e dignas servidoras da pátria:

O Colégio Nossa Senhora das Vitórias, fundado a 9 de março de 1927, está sob a direção das “Filhas do Amor Divino” que tem por fim, ministrar às alunas, uma educação que apresente o valor absoluto à vida, tornando-a proveitosa e fecunda. Para tanto as mestras dessa instituição de como missão transmitir os conhecimentos necessários, mas formar o espírito procura apresentar as alunas que lhe estão confiadas, ensinamentos sadios, que as habilitem a serem mais tarde, dignas cidadãs, educadoras e exemplares mães (ATA E DOCUMENTOS COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS, 1927).

A partir dos documentos encontrados nos arquivos do Colégio, a exemplo dos relatórios anuais, as *Representações Dramaticais* aconteciam com frequência e fazia parte do calendário escolar. Conforme registra a programação do evento em 21 de Novembro de 1928. As apresentações estavam divididas por temas, a exemplo: *Consciência*, representadas por Ivanice e Gizélia Pinheiro; *Melodrama*, drama em três atos, por Marta Wanderley, Maria Cortez Amorim, Raquelita Macedo, Maria Brígida Soares, Maria Lina Vieira, Lourdes Nobre,

Clara Amorim e Silva, Rosália Gondim, Gertrudes Silva, Antonia Pinto, Maria Cândida Silva, Rita Oliveira e Iracema Cachina (AMORIM, 1977, p. 30-31). Detectamos no relatório anual do Colégio Nossa Senhora das Vitórias o registro do referendado evento:

No dia 21 de Novembro de 1928, realizamos no salão do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, o evento com as Representações Dramaticais, todos estavam empolgados para participar desse grande momento. Transmitindo valores morais, apresentando o significado para sua formação, como valor absoluto da vida, tornando-a proveitosa e fecunda. Conhecendo que a escola tem por principal escopo, não comunicar apenas as educandas, uma determina soma de conhecimentos, mas formar o espírito, com ensinamentos sadios, que as habilitem a ser mais tarde, dignas servidoras da Pátria, educadoras e exemplares mães. Estiveram presentes prestigiando as apresentações os familiares dos alunos, todos assistiram com entusiasmos as brilhantes Representações Dramaticais (RELATÓRIO DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS ANO DE 1928).

Percebe-se que o propósito das *Representações Dramaticais*, realizadas no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, estavam direcionada a uma formação, para educar os alunos, especificamente as meninas, com conhecimentos além dos trabalhados em sala de aula, mas formar o espírito, com ensinamentos pautados em valores morais e religiosos, que viessem a contribuir aos futuros cidadãos. Essa preocupação em educar as meninas, seria para além dela, mas para educação dos seus futuros filhos, para manter a ordem e a paz na sua família e contribuir para progresso do país conforme o ideário da época.

No relatório do ano de 1928, não consta as narrativas que embasavam as *Representações Dramaticais*. Realizamos minuciosa investigação em outros documentos, em busca de pistas sobre os textos das apresentações acima mencionadas, mas não detectamos. No entanto, considerando a informação da ex-aluna Marta Cortez Alves, no ano de 1939, período em que foi aluna do Colégio das Freiras, eram retiradas na maioria das vezes de livros de leitura adotados pelo Colégio Nossa Senhora das Vitórias:

“Recordo que a irmã em sala de aula apresentava o livro de leitura e o texto, fazíamos a leitura e depois ela explicava o significado de cada personagem e a moral da história, depois cada aluno iria ensaiar sua fala”.

Também recordado pela ex-aluna Irmã Miguelina¹⁸ do Colégio das Neves, também dirigido pelas Filhas do Amor Divino, relata o tempo em que foi aluna e as orientações para as representações dramaticais:

¹⁸ Apesar de não ter sido aluna do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, consideramos relevante destacar seu relato, enquanto ex-aluna do Colégio das Neves pertencente à Congregação das Filhas do Amor Divino. Isso porque, conforme os documentos da Congregação, os colégios obrigatoriamente deveriam seguir as normativas para suas práticas educativas.

“a madre Albertina, realizava a leitura e explicava toda a história e seus personagens, além de explicar os valores que cada personagem representava”.

Considerando o relato das entrevistadas, bem como as orientações elaboradas pela Madre Francisca Lechner para suas escolas e o contexto da época, construímos a nossa análise, para a representação dramática a *Consciência*, que nos remete a moralidade, o respeito da nossa própria existência, das ações para com o outro, exemplo de formação para uma vida digna e a construção de uma sociedade ordeira, resquício do discurso republicano.

O último tema, trabalho nas *Representações Dramaticais* do ano de 1928, o *Melodrama*, traz uma influência europeia, especificamente da França. Surge oficialmente como gênero em 1800 com a obra *Coeline*, de René-Charles Guilbert de Pixérécourt, definindo um tipo complexo de espetáculo cênico iniciado após a Revolução Francesa. Seu fundador é o dramaturgo francês René-Charles Guilbert de Pixérécourt (1773-1844) e os principais representantes em outros países são: o inglês Thomas Holcroft (1745-1809) seu introdutor na Grã Bretanha, o alemão August Friederich von Kotzebue (1761-1819) (VASCONCELLOS, 2001).

Considerando a formação das professoras do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, vindas de várias partes da Europa, inclusive da França, é possível que tenha havido influência na escolha do tema *Melodrama*. Além do contexto histórico vivenciado no Brasil nessa época com relação a educação estética, a apreciação de outras culturas, a aproximação com o requinte e com isso admiração de belas obras de arte e de uma boa música. Para Veiga (2011, p. 406-407) “a perspectiva da educação estética pressupõe indivíduos que por meio da educação dos sentidos e do aprimoramento da capacidade de ver, ouvir, falar, olhar, tocar, aprenda a valorizar o intitulado acervo cultural da humanidade, o patrimônio das obras de arte e literatura”.

Em novembro de 1929, o Colégio Nossa Senhora das Vitórias festeja a fundação da Congregação das Filhas do Amor Divino e a comemoração acontece com a exposição sobre a vida da Madre fundadora Francisca Lechner, além de *Representações Dramaticais* que envolve a fé em Deus. Segundo o relatório anual do ano de 1929, a programação do evento apresenta a peça *A crença e Descrença*. Em pesquisa no acervo do Colégio das Freiras, detectamos o livro *Crença e Descrença: Tratados Apologeticos para as Classes Illustradas*, de autoria Dr. J. Klug, tradução de Huberto Rodhen, publicado pela editora Vozes, ano de 1923. É possível que a representação dramática tenha sido retirada do respectivo livro. O texto aborda a seguinte mensagem:

Ninguém jamais viu Deus, diz a escritura [...] Portanto exclama o incrédulo, não há Deus! Portanto acordem os *scepticos*, os semi-crentes e os vacilantes, não sabemos se há ou não Deus! Portanto concluímos nós, os crentes, importa que o procuremos, a ver a si nos vem ao encontro, a meio caminho, alguém que nos traga notícias de Deus! Numerosas são as mudanças que tem passado a crença em Deus, múltiplas reações que ela tem sofrido no correr dos tempos. [...] A fé- ou, em concreto, a fé católica ensina: Existe um Deus pessoal, recognoscível em sua obra, a criação. Habita em nosso espírito uma alma imaterial, substancia espiritual e imortal. Há entre Deus e a alma um vínculo sagrado, a religião. [...] Todo o mundo forma o corpo de Deus. E a alma desse Deus- Universo - Há! quem poderá adivinhar? Quem poderá compreender? (RODHEN, 1923).

Considerando o contexto histórico em que a Igreja católica vivenciava na década de 1920, é possível compreendemos que a finalidade da representação dramática trabalhada no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, com o título *Crença e Descrença* tinha como propósito disseminar e fortalecer a fé em Deus e na religião católica, principalmente para os que não acreditavam em Deus. Nesse período, iniciou-se uma etapa designada como *Restauração católica*. A política *ultramontana* entrecruzava pelos principais setores da sociedade, a exemplo da família, vislumbrando, os lares católicos através da prática religiosa, executada nas igrejas, nos colégios, nos orfanatos, nas creches, tornando-se esses os lugares os principais de sua ação. Dessa maneira, tornava a presença mais efetiva da Igreja visando criar uma sociedade que respeitasse os valores do Cristianismo.

No ano de 1931, foram realizadas as *Representações Dramáticas*, com a seguinte programação, *Angústia de um coração materno*. A apresentação constava de cinco atos, em que tomaram parte as alunas Maria Brigida Soares, Maria Cortez Amorim, Aurora Cabral, Joaquina Neves, Clarice de Sá Leitão, Laurita Soares, Davina Soares, Maria Cândida Silva, Hermelinda Araujo, Amphetrite Castelo Branco, Maria da Dores Caldas, Maria Cândida Amorim e Silva, Dinah Soares e *Vida de Santa Teresinha* (AMORIM, 1977). Conforme consta no relatório anual do Colégio das Freiras:

Na noite de 23 de junho ano de 1931, realizamos no salão do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, uma noite de Representações Dramáticas, com o intuito de arrecadar recursos para esta instituição. A programação obedeceu a seguinte sequência: *Angústia de um coração materno* e *Vida de Santa Teresinha* encenado pelas alunas brilhantemente. Todos que prestigiaram as apresentações ficaram emocionados com a pureza, o amor e a fé transmitidos pelas alunas. (RELATÓRIO ANUAL DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS, ANO DE 1931).

A intenção do Colégio das Freiras é própria da formação cristã, que era modelar a conduta feminina, tomando como referencial a figura de Maria, mãe bondosa, bem como de outras mulheres puras, abnegadas, a exemplo de santa Terezinha, com propósito que essas

meninas alcançassem a almejada “purificação”. As moças deveriam se espelhar nos modelos vistos como “santos”, uma existência de sacrifício em nome de um ideal de salvação.

Como destaca Magalhães Junior (2002), em uma sociedade que primava os valores como virgindade e maternidade, Maria a mãe de Jesus era o modelo a ser tomado como referencia. A mulher deveriam seguir os princípios cristãos e viver uma vida de dedicação e obediência. Através do símbolo mariano se apelava tanto para a sagrada missão da maternidade quanto, para a manutenção da pureza feminina. Esse ideal feminino implicava o recato e o pudor (LOURO 1997).

O modelo de mulher mãe, educadora de futuros cidadãos, torna-se um referencial nos processos de educação feminina na escola e na vida privada. Nesse sentido, Pinheiro (2007, p. 4), afirma que “a relação entre maternidade e educação faz com que esse gênero passe a ser a referência na função de educar a sociedade para além do espaço educacional doméstico”.

Almeida (1998), discutindo a condição da mulher e as maneiras de educá-las para as atividades do espaço privado e para a maternidade, também aborda que, esse pensamento educativo, compreendia a mulher assumindo os papéis de mãe e esposa. “Para quem o lar era o altar no qual depositava sua esperança de felicidade e, sendo o casamento sua principal aspiração, era indicada para ser a primeira educadora da infância, o sustentáculo da família e da pátria” (ALMEIDA, 1998, p. 18-19).

No ano de 1935, o corpo docente do Colégio das Freiras realizou mais um evento com Representações dramáticas, com a participação dos alunos, com a seguinte programação: *A Ambição* a apresentação constava de 3 atos, em que tomaram parte os alunos, Francisco Bezerra de Melo, João Batista Montenegro, Heitor Cabral, Maria Brigida Soares, Maria Cortez Amorim, , Francisquinha Soares, Terezinha Cabral. A narração foi baseada no texto *Quem tudo quer, tudo perde*, do livro Contos Pátrios, de Olavo Bilac e Coelho Neto (RELATÓRIO ANUAL DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS, 1935).

No relatório anual do Colégio das Freiras do ano de 1935, encontramos o resumo da narrativa, na qual, relatava à história da família de um carvoeiro, que em uma noite de tempestade, acolheu um senhor humilde e em conversa durante a noite relatou sobre a riqueza que existia próxima a casa dessa família. No entanto, ressaltou quem for à caverna retirar com paciência, tornará o lar calmo, porém caso se deixe levar pela ambição será castigado.

Aos quatro dias do mês de julho, no salão do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, os alunos encenaram brilhantemente a representação dramática, estavam presentes os pais dos alunos, o corpo docente desta instituição e intelectuais Assuense. A encenação narrava sobre uma família humilde de um carvoeiro, que em um dia de tempestade, ouviu alguém bater em sua porta, se tratava de um senhor, a filha abriu a porta acolheu humildemente com um agasalho e comida. O pai da pequena menina

iniciou a contar as dificuldades para o sustento da família. O velho então, contou ao carvoeiro que havia uma fortuna muito perto de casa. No entanto, alertou o senhor, quem até a caverna for e tirar sem presa, tornara o lar tranquilo, porém se exceder na carga terá o castigo. A família seguiu até a caverna, mas não considerou as palavras do senhor, carregou vários sacos de ouro e foram transformados em árvores. A pequena menina que havia ficado em casa preocupada com o desaparecimento da família, foi até a floresta, chegando lá não os encontrou. Ao longe percebeu a caverna e adentrou, deparou-se com uma quantidade enorme de ouro, mas lembrou do conselho do velho, não tenha ambição (RELATÓRIO ANUAL DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS, ANO DE 1935).

Analisando o propósito do Colégio das Freiras, em abordar sobre o tema ambição, percebemos que o desejo era transmitir aos alunos, a importância do trabalho, com paciência e persistência e as consequências das escolhas erradas, ensinamentos para a formação de um sujeito digno, honesto, temente a Deus e a Igreja católica.

Destacamos também a intenção do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, ou seja, dar retorno à sociedade nesses momentos de exposições, dando visibilidade aos trabalhos realizados na escola, mas também às autoridades políticas, gestoras da educação.

Esses momentos ficaram registrados na memória de gerações que se formaram no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, lembranças das *Representações Dramaticais*, dos momentos da escola, das trocas de emoção, de convivência com os colegas e a preparação para o início do espetáculo marcaram o período estudantil. Como bem relata a ex-aluna Marta Cortez Alves

“O tempo que passei no Colégio foram os melhores, recordo das apresentações, dos ensinamentos das irmãs, guardo com carinho os bons momentos, devo tudo que aprendi as irmãs, o amor incondicional a Deus, amar o próximo, ter respeito e educação pelos pais, ser uma pessoa honesta, uma mãe zelosa e uma boa esposa. São lições que ficaram marcados para sempre e que transmiti para os meus filhos”.

Esse sentimento e recordações dos ensinamentos das representações dramáticas, também são lembrados pela ex-aluna Irmã Miguelina Medeiros:

“Foi um tempo muito bom, lembro o quanto nos divertíamos nas apresentações e quanto aprendíamos ensinamentos para a vida toda, amar a Deus como a si mesmo, valores morais, ser disciplinada, lições que contribuíram para minha formação”.

Diante das falas das ex-alunas, percebemos que o propósito das práticas educativas do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, através das *Representações Dramaticais*, deixaram marcas em sua formação e contribuíram para a transmissão de valores morais e religiosos conforme a cultura escolar da instituição.

Para Vinão Frago (1995, p. 100), “a cultura escolar pode ser definida como um conjunto de ideias, princípios, critérios, normas e práticas desenvolvidas nas instituições educativas”.

As *Representações Dramaticais*, ainda permanecem no Educandário Nossa Senhora das Vitórias, não nos moldes que discutimos, pois hoje são outras configurações. O contexto histórico atual demanda inúmeros desafios para a realização das práticas educativas da referida instituição, a exemplo da estrutura familiar, o avanço das tecnologias, a formação das professoras. No entanto, a essência e o legado de Madre Francisca Lechner permanecem vivos, com novas roupagens acompanhando o movimento histórico educacional.

3.2.2 Os livros de leitura

Há lições que nunca esquecemos, e destas havia muitas (CANETTI, 2005, p. 266).

Para a construção da categoria de estudo *os livros de leitura*, identificamos no documento intitulado *Divisão do Material de Ensino do Colégio Nossa Senhora das Vitórias entre os anos de 1928 a 1939*, informações sobre os livros que fundamentavam as práticas educativas da referida instituição. Conforme o registro do referido material, a leitura dos livros de leitura, aconteciam nas aulas de língua portuguesa e tinham como objetivo transmitir lições sobre valores morais e religiosos, além de destacar a educação concedida às meninas, enaltecendo a formação de uma boa esposa, mãe virtuosa e, conseqüentemente, a participação na educação de futuras gerações.

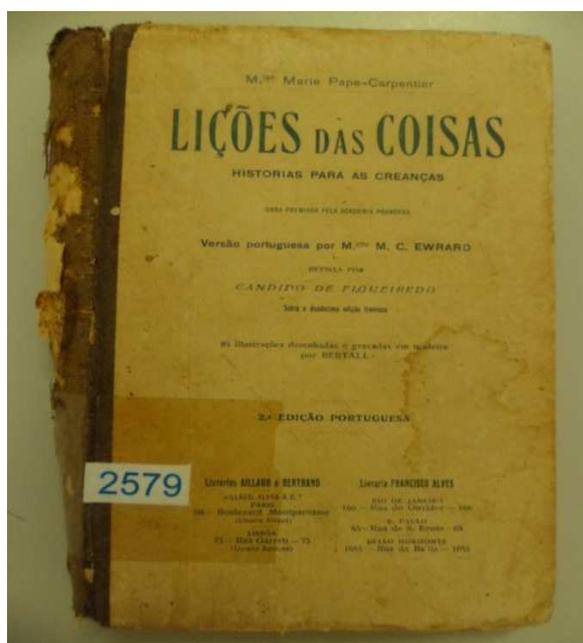
Destacaremos alguns dos livros de leitura identificados durante a investigação e que foi adotado no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, especificamente, os textos dos livros *Lições das Coisas* e *Contos Pátrios*.

Esses livros de leitura foram encontrados no acervo da biblioteca do respectivo Colégio e no acervo particular da ex-aluna Ernestina da Fonseca. Representam importante papel na construção da cultura escolar. Corroboramos com Rodrigues (2007, p. 209), quando ressalta que “o livro faz parte e é instrumento da prática institucional escolar. A concepção educativa veiculada nos manuais didáticos estaria permeando a proposta de formação dos sujeitos por ser o livro portador de ideias privilegiadas [...]”.

Analisar os textos dos livros de leitura exige um olhar atento do lugar que ocupa nas práticas educativas do Colégio das Freiras. O primeiro material que tivemos acesso fora *Lições das Coisas: Historias para Creanças*, de Marie Pape-Carpentier, editado pela

Francisco Alves em 1858. O livro é composto 32 histórias que discute sobre os valores morais como a benevolência, o gosto pelo trabalho, à bondade, o respeito aos pais e ao próximo, o incentivo ao aprender a partir da prática. Apresenta ainda, a relevância do papel da mãe na educação dos filhos, ensinando-lhes e guiando-lhes no caminho do bem, apresentando o real, de modo que possa produzir perfeitamente no seu espírito a impressão que se teve em vista, e não de forma que pouco se perceba. Nesse sentido, a criança deve tocar, distinguir, medir, comparar, enfim, conhecê-las, este é o objetivo das lições de coisas.

Figura 7 - Livro Lições das Coisas.



Fonte: Acervo do Educandário Nossa Senhora das Vitórias

Marie Pape-Carpentier, autora da referida obra, popularizou o termo lições de coisas e foi empregado oficialmente durante suas conferências proferidas aos professores presentes na exposição universal de Paris, em 1867. Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), também é apontado como referência em lições de coisas, pelo fato deste ter captado os pontos essenciais da renovação pedagógica que as lições preconizavam. Na perspectiva de Pestalozzi a educação é concebida como processo que deve seguir a natureza e os princípios da liberdade, da bondade inata do ser e da personalidade individual da criança. Ainda o educador, compreendia a criança como um organismo que se desenvolve de acordo com leis definidas e ordenadas contendo em si todas as capacidades da natureza humana reveladas na unidade entre mente, coração e mãos. Defendeu a educação não repressiva, o ensino como meio de desenvolvimento das capacidades humanas, o cultivo do sentimento, da mente e do caráter.

Seu propósito era descobrir leis que propiciassem o desenvolvimento integral da criança e para isso concebeu uma educação com as dimensões intelectual, profissional e moral, estreitamente ligadas entre si (FREITAS; ZANATTA *apud* PESTALOZZI, 1946).

Ao identificarmos o documento à divisão do material de ensino do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, no qual detectamos o uso do livro *Lições das Coisas*, registrado no material estava a seguinte orientação: lição para o dia 15 março do ano 1928, leitura do texto *A menina e o gatinho*, pagina 13.

O texto *A menina e o gatinho* narra à história de uma menina que gostaria de fazer amizade, o gato se aproximou e acariciou e começaram a brincar. No entanto, a menina, praticou o mal puxando sua cauda e o gato não se agradou e arranhou a menina, deixando assim de ser seu amigo:

Era uma vez uma menina, que estava sentada no jardim. Á porta estava um gatinho realmente lindo. A menina chamou o gatinho: “Tareco, Tareco, anda cá, Tareco!” O Tareco veio para junto da menina, brincou com ela, acariciou-a fazendo: *ron, ron, ron*. E a menina estava contente a brincar com Tareco, e também lhe fazia festa. Nesse momento, queriam-se eram amigos. Mas a meninas, faze-se má. Puxou pela cauda do gatinho. Então o Tareco zangou-se, deixou de fazer *ron, ron, ron*, arranhou a menina e fez *pff, pff!*.Então já não gostava um do outro, já não amigos. O gatinho não quis mais brincar com a menina, e foi-se embora. E a menina ficou sozinha. Os maus não têm amigos (CARPENTIER, 1858, p. 13-14).

Ao analisarmos a narrativa, percebemos o propósito do Colégio Nossa Senhora das Vitórias em trabalhar com o texto, ou seja, de transmitir aos alunos, o exemplo da bondade, mostrando-lhes quando fazemos o mal ao próximo, não conseguimos construir amizade sincera e nos tornamos pessoas más.

Outro texto trabalhado *O ninho que está no alto da chaminé*, apresenta a história de um ninho de pássaros e uma menina. A mãe dos passarinhos juntamente com o pai foi em busca de alimentos para seus filhos e, alertou sobre o perigo de sair do ninho. Porém, um dos filhos desobedeceu e por não saber voar, caiu dentro da chaminé. O pássaro foi acolhido pela menina, que o colocou em uma gaiola e cuidou até o dia em que conseguiu alçar voo. Mas, como gratidão ao zelo da menina, toda a noite o pássaro vinha lhe fazer companhia:

Era uma vez um ninho de pássaros no alto da chaminé. Neste ninho estavam os quatro ovinhos. Os ovinhos abriam-se e deles saíram quatro pássaros implumes. Mas a mãe tinha as penas e os aqueciam debaixo das asas. [...] Depois, os passarinhos cresceram e nasceram-lhe as penas. Então a mãe podia deixa-los para ir procura-lhe alimentos. Mas como as asas dos passarinhos não estavam bastante fortes para voar a mãe, disse-lhe ao partir: *Cuicui! Cuicui! Cuicui!*, Isto significa: “Meus filhos, meus queridos, não deixem a, isto é não saiam do seu ninho”. Mas depois de a mãe partir, um dos passarinhos não foi obediente. Quis sair do ninho: foi até a beira: Oh! Que imprudente! Vai cair!...Ai lá vai cair... Caiu na chaminé! [...] o pai e mãe

tiveram um grande desgosto. Porque a desobediência de um único filho causa a infelicidade de toda a família!Havia uma menina que viva na casa da madrinha.[...] De uma vez, ouviram de repente na chaminé um barulho assim: *frrru, frrru,frrru*.[...] a pequenita veio docilmente.Olhou para cima, na abertura da chaminé, e viu um pobre passarito, que lhe caiu aos pés, batendo as asas. A pequenita pegou o passarinho e estava muito contente com ele, quando a madrinha lhe disse: “o passarito não é feliz porque está separado dos Pais. E os pais devem estar também muito tristes por ter perdido o seu filho.A pequenita, que tinha bom coração, disse à madrinha: “ Se pudéssemos manda-los para os pais!...[...] Meteram então o pássaro em uma gaiola aberta na janela, e daí a pouco se via o pai e a mãe voltarem de roda dele, depois entrar e dar com ternura o cipó ao filho achado. Depois, quando a avesita já estava tão forte que podia voar, voou para longe. Mas quando chegou a noite e teve vontade de dormir, não voltou para o ninho, veio bater na janela da boa madrinha.[...] Porque se lembrou em toda sua vida do bem que lhe tinha feito (CARPENTIER, 1858, p16.).

A leitura que construímos dessa narrativa, nos possibilita perceber os valores morais e a educação destinada às meninas, tais como a obediência aos pais, o respeito à natureza, a gratidão, deixando ressaltar a relevância da mãe no cuidado e o amor com sua prole. Observamos no texto, a presença latente do destino da mulher à maternidade, seja na fala da mãe pássaro, seja na fala da madrinha e da pequenita menina.

Nesse sentido, Almeida (1998, p. 18-19), discutindo a condição da mulher para a maternidade, aborda que, “esse pensamento educativo, compreendia a mulher assumindo os papéis de mãe e esposa. Para quem o lar era o altar no qual depositava sua esperança de felicidade [...]”.

No próximo texto intitulado *A vinha*, narra à história do menino Justino e seu padrinho vinhateiro. O menino Justino visita seu padrinho para ajudar-lhe a podar as vinhas e segue percorrendo as vinhas e observando cada videira e examinando com cuidado. Seu padrinho presenteou com três videiras e disse-lhe que cuidasse. No dia da colheita, as videiras de Justino estavam carregadas, cruzando-se sob um matagal de folhas e indagou, mas as uvas? Justino ficou desesperado e perguntou o tio Vicente o que deveria fazer? É preciso aprender a podar! Disse o tio:

Era uma vez um menino que se chamava Justino. Um dia veio o vinhateiro a casa do padrinho deste menino para podar a vinha; e Justino, a quem o padrinho tinha dado três videiras, seguiu o vinhateiro até ao cerrado para trabalhar com ele. E o vinhateiro percorria as vinhas, parava a cada videira, vendo, examinando com cuidado os rebentos novos. Depois cortava com o podão o que era preciso cortar. E deixava poucas vides nas vinhas. “para que tirar tudo isso”? Perguntou-lhe Justino. Se cortar os ramos, ficamos sem cachos. [...] Justino não perguntou ao vinhateiro o que era preciso fazer para podar bem, e podou as suas três videiras como lhe pareceu, julgando fazê melhor que o vinhateiro. Chegou a primavera, e rebentou a vinha. Depois chegou o verão e amadureceu a uva. [...] Justino nunca vira tantas uvas! E pensava: “quantas mais não ter a minha vinha”! [...] Que triste surpresa! que desengano! As videiras de Justino estavam carregadas de uma floresta de vides, cruzando-se sob um matagal de folhas, mas as uvas?...nada![...] Justino aflito, confuso, compreendeu então que não tinha feito a poda como devia, e foi ter com o

podador.” Tio Vicente, disse-lhe ele, peço-lhe que tenha abundância de me dizer o que eu devo fazer para que a minha vinha produza uvas? Meu Justininho, respondeu o tio Vicente, é preciso aprender a podar”! (CARPENTIER, 1858, p. 46-47).

No final da narrativa, a autora Marie Pape-Carpentier, apresenta a moralidade da história: “Aprender a trabalhar para produzir, a produzir, para não ser inútil neste mundo, e para prestar ao nosso próximo, quanto em nós caiba, o auxílio e o apoio que ele nos dá” (CARPENTIER, 1858, p. 47). Percebemos a evidência do valor do trabalho, do aprender fazendo e posteriormente conseguir uma profissão.

Para Pestalozzi a intuição não se limitava à mera visão passiva dos objetos, à contemplação das coisas. A educação profissional, por sua vez, refere-se ao aprender trabalhando, fazendo, relacionando conhecimentos e atividades práticas. Da mesma forma que a atividade intelectual requer o exercício especial da mente, o desenvolvimento de habilidades exteriores requer o exercício dos sentidos e dos membros (ZANATTA, 2012 *apud* PESTALOZZI 1946, p. 16).

Outro ponto que visualizamos no conto é o papel do homem no mundo do trabalho e não da mulher. Para Silvia (2007), a educação concedida mulher enfoca tradicionais funções sociais que a ela deveria exercer: o de esposa, de companheira, de mãe. Estes elementos, conforme analisa Silva (2007 p. 1-2), “são marcas de um processo educativo, onde a partilha dos papéis sociais de homens e de mulheres é enfocada, deixando transparecer os espaços de atuação de cada um desses sexos, e as relações de poder existente”.

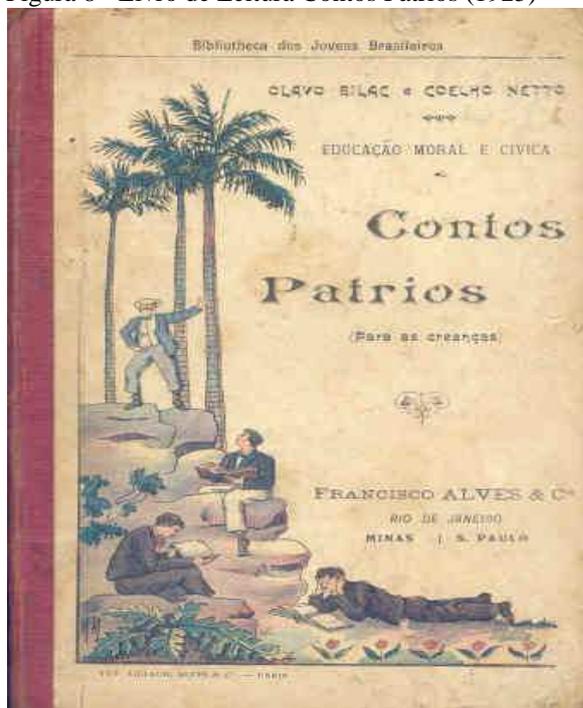
Outro livro de leitura em destaque *Contos Pátrios* foi amplamente divulgado e utilizado na escola primária brasileira, em particular na cidade de Assú/RN. Composto por 23 contos discute acerca dos valores morais, os quais pregam amor à pátria republicana, enaltecendo a construção de um cidadão que participasse da edificação de uma sociedade civilizada. Os autores também explicitam a educação concedida ao sexo feminino, enaltecendo a formação de uma boa esposa, mãe virtuosa e, conseqüentemente, a formação de mulheres que participassem da educação de futuras gerações.

Olavo Bilac e Coelho Neto, os autores de *Contos Pátrios*, tiveram participações relevantes na produção de livros escolares e na literatura brasileira. Suas produções foram lidas em todo o país. Olavo Bilac era jornalista, inspetor de ensino, teve intensa participação na política e em campanhas cívicas, fundou vários jornais, como A Cigarra, O Meio, A Rua.

Coelho Neto ocupou o cargo público de secretário do governo do estado do Rio de Janeiro. Foi professor de história das artes e literatura. Manteve sua atividade literária em

revistas e jornais. Sendo um prosador brasileiro bastante lido nas primeiras décadas do século XX.

Figura 8 - Livro de Leitura Contos Pátrios (1925)



Fonte - Arquivo de Ernestina da Fonseca.

Segundo Vieira (2007, p. 3), “o livro de leitura Contos pátrios é correntemente lembrado como símbolo da produção didática destinada à formação cívica dos estudantes brasileiros”. Compõe o repertório dos livros de leitura destinados ao ensino primário que, no início do período republicano, projetaram Olavo Bilac e seu parceiro e Coelho Neto, enquanto expoentes de um nacionalismo engajado e que fizeram da educação lugar privilegiado para suas ações. Por eles, perfilaram algumas das mais representativas imagens que os adeptos do novo regime quiseram fixar sobre o seu próprio tempo.

Ainda Vieira (2007, p.3), “ressalta que verificou a preocupação republicana de formar cidadãos foi assegurada, muitas vezes, pelo enquadramento de textos e títulos ao imaginário republicano delineado por autores, editoras e Estado”.

No documento a divisão do material do ensino do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, destaca a utilização do referido livro com os seguintes contos: *o Mentiroso*, *A borboleta Negra*, *O Recruta*. Possivelmente a utilização desse material, estava relacionada ao contexto da época.

No primeiro conto ressaltado *O Mentiroso* vislumbramos o perfil de um menino, que costumava falar inverdades constantemente. No bairro onde morava, ninguém acreditava em uma palavra que dizia. Até que um dia, pagou um preço alto por suas mentiras, foi para o rio com um amigo e acabou se afogando, gritou pelo amigo pedindo socorro. No entanto, o amigo não acreditou e pensou que estava de brincadeira. O pobre menino se afogou e quando chegaram para resgatar já encontrava sem vida:

Podia jurar! Riam-se dele. Mentia tanto, que ninguém dava credito ao que dizia: Às vezes queixava-se de moléstias: e, longe de o tratarem carinhosamente, reprendiam-no, ameaçavam-no, quando não lhe dobravam os exercícios de escrita; e, pobresinho! Muitas e muitas noites ardendo em febre, debruçado á carteira, copiava compridas descrições, e tudo porque mentia. Os mesmos companheiros repeliam quando ele aparecia contando um fato: - Ora, sai daqui mentiroso! Pensas, então, que somos tolos? Uma manhã desceu para o rio em companhia de outro. Chovera abundantemente dias antes, e o rio, assoberbado, transbordara. Os dois meninos hesitaram algum tempo antes de tirar a roupa. [...] - Vamos a correnteza é insignificante e não precisamos ir para o meio do rio. Vamos! Animado, André (o mentiroso) atirou-se ao rio; a correnteza, porém conseguiu arrasta-lo, de sorte que, quando ele quis tomar pé, a água cobrio-lhe a cabeça. O outro boiava cantarolando. De repente ouviu um grito angustiado: - Ai! - Voltou-se, e, não vendo André, teve um sobressalto; logo, porém, considerando sorriu: - Pois sim! Pensas que me enganas! - E continuou a nadar tranquilamente. [...] Vendo, porém, que não aparecia, correu aterrado para o Colégio, levando a tristissima noticia. [...] - Eu bem ouvi o seu grito, mas ele mentia tanto... (BILAC; NETO, 1916, p. 111-114).

O conto em destaque aborda, de modo trágico a mentira, deixando claro, a importância da verdade para a formação do indivíduo e sua convivência em sociedade. Percebemos além da mentira, a desobediência está sendo ressaltada, a junção desses dois elementos, conforme o foco do conto podem trazer sérios riscos a vida de uma pessoa. Os valores morais arraigados nesse conto apresentam o objetivo do Colégio Nossa Senhora das Vitórias de formar cidadãos com caráter inabalável de boa índole.

No conto, *A Borboleta Negra*, retrata a história de dois irmãos, Henrique e Leonor, e o cão Leão, que adoravam caçar borboletas no campo. Certo dia foram eles em busca de belas borboletas. Leonor ao longo do caminho maravilhava-se com a beleza desses pequenos animais. Quando os dois se aproximaram viram um embrulho e perceberam que alguma coisa agitava-se dentro dele, ecoando rumores. As crianças abrem o embrulho e encontram uma criança negra recém-nascida:

- Jesus! É uma criança recém-nascida que está dentro do embrulho de flanela; é uma criançinha preta, vagindo de manso, de manso, com os olhinhos fechados. Leonor sentada no chão põe no colo a criaturinha de pele negra, e começa a embalá-la, já com a seriedade de uma mulher feita: - Coitadinha! Coitadinha! [...] Então Leonor tem uma ideia: - Henrique, vamos fazer uma surpresa à mamãe! Vamos levar-lhe esta pretinha! Henrique dá um salto de alegria: - Vamos, Leonor! E Leonor levanta-

se, acomoda-se no colo o embrulho de panos e flanelas. [...] E, enquanto o cão salta e late, Henrique exclama: - Mamãe! Mamãe! Venha ver uma borboleta negra que caçamos no mato! Quando a mãe chega à varanda, para à porta, espantada. É Leonor, com a voz tremula, pergunta: - Não é verdade, mamãe, que não podíamos deixar morrer de fome esta coitadinha? Que mãe malvada, mamãe! Que mãe malvada, que preta malvada a que abandonou assim esta filhinha! Não é verdade que mamãe também vai ser mãe dela? - É verdade, minha filha! - diz a mãe. - Foi Deus quem conduziu vocês... Fizeram bem! [...] E tomou nos braços a criança negra, única borboleta que Henrique e Leonor e o Leão caçaram nesse dia (BILAC; NETO, 1916, p. 133-138).

Percebemos no conto que a maternidade é fundamental e necessária na vida de uma mulher. Além de apresentar o modelo de mulher mãe, educadora de futuros cidadãos, torna-se um referencial nos processos de educação feminina na escola. Nesse sentido, Pinheiro (2007, p. 4), afirma que “a relação entre maternidade e educação faz com que esse gênero passe a ser a referência na função de educar a sociedade para além do espaço educacional doméstico”.

Outro conto trabalhado no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, intitulado de *O Recruta*, para quem narra a história do jovem Anselmo de vinte e dois anos, que foi criado no campo, cuidava da terra, dos animais sua vida era ao livre. O seu pai ao morrer deixou de herança, vitalidade para o trabalho e uma enxada e com isso o jovem seguiu sua vida. Quando chegou ao sertão a notícia da guerra do Paraguai, o terror tomou as pessoas daquele lugar. O recrutamento era tratado com espanto para as pessoas simples. Até que um dia chegou ao lugar um destacamento de soldados, comandados por um cabo, muitos fugiram. No entanto, o jovem Anselmo, não fugiu e foi recrutado, não era covarde e defenderia sua pátria:

Era um rapaz de vinte e dois anos, criado a solta, no campo. Desde pequenino, habituara-se à vida ao ar livre. Mal rompia a aurora, já ele andava, ao sol e à chuva, descalço, pulando e correndo como um cabrito montez. [...] Com essa existência de exercícios fortes, fizera-se um colosso, Tinha face corada, os cabelos negros e duros, uma musculatura possante, espáduas largas, pulso capaz de abater um touro com um soco. [...] o pai, ao morrer, deixara-lhe, como única herança, a saúde, a força e uma enxada. [...] Quando chegou no sertão a notícia da guerra do paraguay, o terror ganhou toda aquele gente simples, para quem o mundo se limitava aquelas léguas de terra, de cujos limites nunca havia saído. O recrutamento! - falava-se nisso, como na morte, com espanto e medo. [...] Houve quem fugisse. Anselmo não fugio. [...] Não era covarde! Muitas e muitas vezes, ele, sozinho, lutara contra dois, três... [...] No dia seguinte os recrutas seguiram para o Rio de Janeiro. Havia pressa. A guerra ia cessar no Sul, e o Brasil precisa das vidas de todos os seus filhos. [...] O dia chegou. O seu batalhão ia partir. Dia de Sol. Ninguém reconheceria naquele esbelto moço que ali ai, marchando com garbo entre os outros, o bisonho caipira [...] As ruas estavam cheias de povo. Das janelas, senhoras acenavam os lenços. Uma banda de música precedia o batalhão [...] E, então ali, a ideia sagrada da Pátria se apresentou, nítida e bela diante da alma de Anselmo. E ele, compreendendo enfim que a sua vida valia menos que a honra as sua nação, pediu a Deus, com os olhos cheios de lágrimas, que o fizesse um dia morrer gloriosamente, abraçado às dobras daquela formosa bandeira, toda verde e dourada, verde como os campos, dourada como as madrugadas da sua terra (BILAC; NETO, 1916, p. 87-99).

Ao analisarmos o conto, percebemos o propósito no qual, foi utilizado pelo Colégio Nossa Senhora das Vitórias, desejava ressaltar o amor a Pátria, a formação do cidadão para servir a sua nação, com honra e glória. A leitura do conto apresenta hábitos de ordem, comportamentos, sentimentos patrióticos e deveres para com a pátria e com o próximo, características evidenciadas no contexto histórico da pesquisa.

É nesse sentido que Frago (1995, p. 68-69), ressalta que no interior da escola “produzem-se modos de pensar e de atuar que proporcionam a todos os sujeitos envolvidos, estratégias e pautas para desenvolver tanto nas aulas como fora delas, condutas, modos de vida e de pensar hábitos e ritos”.

A partir da análise dos textos dos livros de leitura *Lições das Coisas* e *Contos Pátrios*, vislumbramos o enfoque das práticas educativas do Colégio Nossa Senhora das Vitórias e do contexto histórico da época, em outras palavras, formar os alunos embasados em valores morais inculcando os modos de ser e de fazer dentro e fora do espaço escolar, objetivando a formação sujeitos íntegros, fieis as orientações da igreja católica e com consciência da participação para a construção da sociedade civilizada conforme o contexto histórico da época.

3.2.3 As comemorações cívicas

[...] As Religiosas dirigentes deste estabelecimento, procuram inculcar nas alunas que lhe estão confiadas, ensinamentos sadios, que as habilitem a ser mais tarde, dignas servidoras da Pátria [...] (RELATÓRIO ANUAL DO COLÉGIO NOSSA SENHORAS VITÓRIAS, ANO DE 1937).

Conforme ressaltada na epígrafe, o civismo era um valor a ser transmitido no espaço escolar, especificamente as alunas como servidoras fieis a Pátria. As comemorações patrióticas eram lições no culto à nação, difundindo valores da Pátria Republicana, sendo representativa nas escolas. Os estabelecimentos de ensino, a exemplo do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, revestia-se de princípios cívicos, sendo celebrado tanto pelos alunos, como pelos professores, diretores, pela elite e políticos como exercício da cidadania.

Para Renk (2012), “as festas escolares e os momentos de manifestação cívica, são momentos especiais da vida escolar, diferentemente da rotina e que adquirem um significado simbólico de explicitar certas situações ou mesmo como rituais”.

No livro de ata do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, é possível perceber o esforço e o intuito da instituição em ressaltar a importância do amor a pátria, com propósito de servir com benevolência e dedicação a nação.

O Colégio Nossa Senhora das Vitórias, fundado a 9 de março de 1927, está sob a direção das “Filhas do Amor Divino” que tem por fim, ministrar às alunas, a educação essencialmente religiosa para dar significação e valor absoluto à vida, tornando-a proveitosa e fecunda. Conhecendo que a escola tem por principal escopo, não comunicar apenas as educandas, uma determina soma de conhecimentos, mas formar o espírito. Convictas dessa grande responsabilidade, é que as Irmãs deste educandário, empenham todos os esforços para bem orientar as alunas, inculcando-lhes grande sentimento de nacionalismo, para que elas que são o esteio de amanhã, honrem o Brasil com suas obras, devotando-lhes sua atividade e as melhores energias de seu espírito (LIVRO DE ATA E DOCUMENTOS COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS, 1937).

Nos relatórios anuais do Colégio Nossa Senhora das Vitórias entre os anos de 1927 a 1937, detectamos a presença marcante das comemorações cívicas, realizadas no espaço escolar e com outras agremiações da sociedade e em espaço público, como a festa da Bandeira, da Natureza, da Pátria, da Proclamação da República. Além das fontes que registram as comemorações cívicas, a ex-aluna Marta Cortez Alves do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, enfoca os desfiles que realizavam pelas ruas da Cidade de Assú em comemorações patrióticas e as atividades na escola.

Para a ex- aluna Marta Cortez Alves, se tratava de um momento em que a escola e a cidade celebravam com a sua melhor roupa. Em sala de aula, participávamos de atividades com recorte e colagem, ensaiavam as coreografias, a banda da escola afinava seus trompetes, com o hino e os versos patrióticos na ponta da língua. A festa da Bandeira era um momento bastante festejado, com cântico do Hino Nacional da Bandeira. O desfile era acompanhado e aplaudido pelas pessoas com entusiasmo.

Em relação, as comemorações da Festa da Bandeira, detectamos no Relatório anual do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, o registro do Hino à Bandeira, a letra de autoria de Olavo Bilac e a música composta por Francisco Braga.

Salve lindo pendão da esperança!
 Salve símbolo augusto da paz!
 Tua nobre presença à lembrança
 A grandeza da Pátria nos traz.
 Recebe o afeto que se encerra
 em nosso peito juvenil,
 Querido símbolo da terra,
 Da amada terra do Brasil!

Em teu seio formoso retratas
 Este céu de puríssimo azul,
 A verdura sem par destas matas,
 E o esplendor do Cruzeiro do Sul.
 Recebe o afeto que se encerra
 Em nosso peito juvenil,
 Querido símbolo da terra,
 Da amada terra do Brasil!
 Contemplando o teu vulto sagrado,
 Compreendemos o nosso dever,
 E o Brasil por seus filhos amados,
 poderoso e feliz há de ser!
 Recebe o afeto que se encerra
 Em nosso peito juvenil,
 Querido símbolo da terra,
 Da amada terra do Brasil!
 Sobre a imensa Nação Brasileira,
 Nos momentos de festa ou de dor,
 Paíra sempre sagrada bandeira
 Pavilhão da justiça e do amor!
 Recebe o afeto que se encerra
 Em nosso peito juvenil,
 Querido símbolo da terra,
 Da amada terra do Brasil!
 (BILAC; BRAGA, 1906).

Outro ponto destacado pela ex-aluna se refere às atividades no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, durante a semana, especificamente as quintas-feiras, no qual, “os alunos se dirigiam até o pátio para cantar o hino nacional e acompanhar o hasteamento da Bandeira”. Tal atividade fazia alusão à festa da Bandeira, comemorada no Colégio das Freiras.

Segundo Silva (2004, p. 97), a comemoração da Bandeira era uma festa cívica de “destaque na programação das escolas primárias. Sendo orientação metodológica do Departamento de Educação, no qual, enfocava a relevância de hastear bandeira, recitar poemas e entoar cânticos”.

Silva concebe (2004, p. 97), que o civismo era tratado como uma área de estudo que “precisava ser ensinada através de procedimentos práticos, que valorizassem a ação física, o trabalho manual, a voz. Dessa maneira, as festas escolares mobilizavam a organização de materiais de colagens, desenhos, músicas e marchas cívicas pelas ruas”.

De acordo com Renk (2012, p. 6), “após a década de 1920, a legislação escolar exigia a intensificação das celebrações das datas cívicas do calendário brasileiro, com a intenção de construir uma memória coletiva nacional e o sentimento de pertencimento à nação”.

Para Renk (2012, p. 4), “algumas festas no espaço escolar constituem-se em representação de datas cívicas e patrióticas nacionais, outras somente os ritos de passagem, como as celebrações do encerramento do ano letivo e as formaturas”. Para as festas a um tempo de organização, existem os ensaios, a disciplina, as roupas adequadas e a presença da comunidade na sua realização. Elas são momentos solenes carregados de caráter simbólico e representações de memórias escolares que marcam a vida escolar.

A participação dos estudantes nas celebrações cívicas nem sempre era um ato de espontaneidade. Desde a década de 1930, as leis obrigavam a participação dos estudantes nas comemorações cívico patrióticas, a partir do Decreto 19.488 de 15 de dezembro de 1930, Lei 259¹⁹ de 1º de outubro de 1936, Decretos 7.807 e 3.346 de 1941, conforme orientações do então presidente da República Getúlio Vargas (RENK, 2012).

Nos relatórios anuais do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, encontramos o registro das comemorações do dia 7 de Setembro no ano de 1930, sendo desenvolvido como uma prática educativa, que ressaltava o orgulho, o valor a Pátria republicana, na qual os alunos congregavam esforços para demonstrar o sentimento patriótico.

No dia 7 de Setembro, esta data foi brilhantemente festejada no Colégio Nossa Senhora das Vitórias e nesta cidade, não somente da Independência, mas toda a Semana da Pátria. Desde os primeiros dias, o nosso Colégio tomou parte dos festejos cívicos, se incorporando as demais escolas, organizando o seu programa. Todas as tardes havia passeata pelas principais ruas da cidade, todos os alunos desde criança até o jovem, desfilaram ao som do bombo, demonstrando seu amor a Pátria, levando a frente garbosamente o pendão brasileiro. Diversos alunos falaram sobre esse dia e cantaram os hinos patrióticos e poesias (RELATÓRIO ANUAL DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS, ANO DE 1930).

Além das comemorações cívicas referentes a semana da Pátria, as comemorações pela passagem do natalício do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, é festejado com desfile cívico pelas principais ruas da cidade, apresentando a sociedade assuense com o esmero na qualidade de educar os jovens. Esse dia celebrado pela comunidade estudantil do Colégio da

¹⁹Art. 1º Fica obrigatório, em todo o país, nos estabelecimentos de ensino, mantidos ou não pelos poderes públicos, e nas associações de fins educativos e outros, constantes dessa lei, o canto do Hymno Nacional, de Francisco Manoel da Silva, com a letra de Joaquim Osorio Duque Estrada, oficializado pelo decreto nº 15.671, de 6 de setembro de 1922, do Governo da República. Art. 2º Ficam adotados, para execução do Hymno Nacional, de Francisco Manoel da Silva, a orquestração de Leopoldo Miguez e a instrumentação, para bandas, do 2º tenente Antônio Pinto Júnior, do Corpo de Bombeiros do Districto Federal, o tom original: de si-bemol; e, para canto, em fá, trabalho de Alberto Nepomuceno. Art. 3º A instituição que, préviamente intimada, deixar de cumprir as determinações desta lei, terá proibido seu funcionamento pela autoridade competente. Art. 4º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação. Art. 5º Revogam-se as disposições em contrário. Rio de Janeiro, 1 de outubro de 1936, 115 da independência e 48 da república.

Freira é lembrado pela ex-aluna Marta Cortez Alves, como um dia de grande festa e alegria e amor pela instituição, ao dizer que

“Todo o Colégio era mobilizado para festejar esse dia, decorávamos a escola, cantávamos o hino da escola, acompanhada pela banda de música, participávamos de preleções sobre o Colégio, recital de poesia, era um momento de alegria e demonstração de amor”.

No relatório anual do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, encontramos o registro desse momento, ressaltando a pomposidade dos festejos do Colégio e as atividades durante o dia, entre eles o hasteamento da bandeira do Colégio e o cântico do hino oficial do Colégio Nossa Senhora das Vitórias de autoria de Irmã Angelina Simonetti.

Eis o templo em que a luz da verdade
É farol que nos guia e conduz
Ao caminho do amor, da bondade,
Aos arcanos eternos da luz.

O Assú que revê triunfante
Seu passado tão cheio de glória.
Seu futuro depõe confiante
Sobre o manto da Mãe das Vitórias

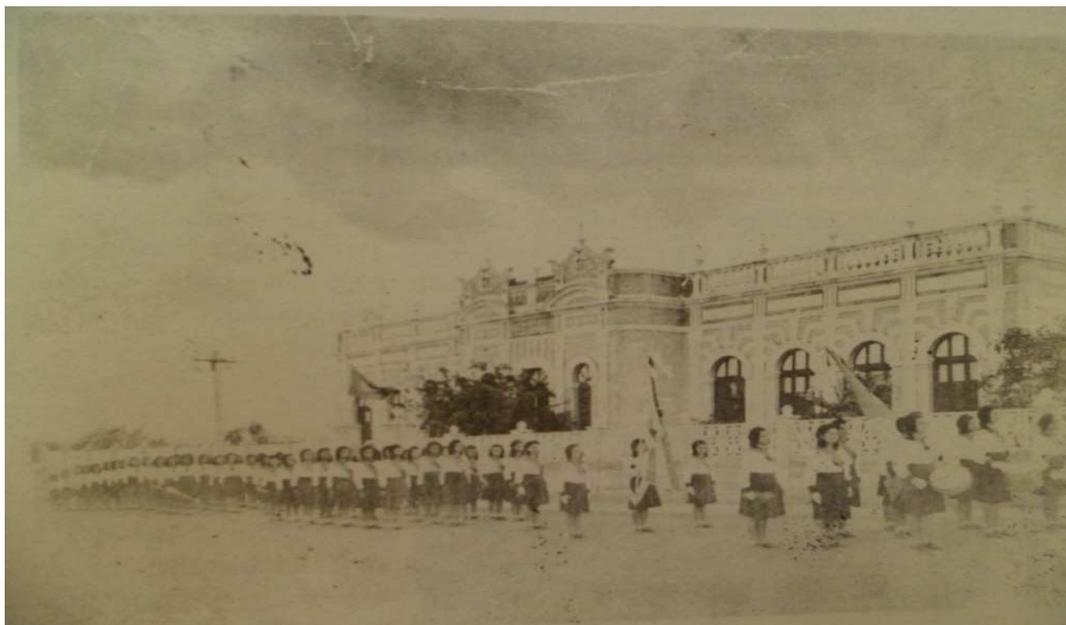
Nossas mestras são mães desveladas
Bandeirantes de nossa instrução
Nessas mentes que são desbravadas
Desabrocha a flor da gratidão

Mocidade assuense cantemos
Este hino de amor e de fé
Este templo de bem elevemos
E seu nome ergamos de pé.

(SIMONETTI, S/D)

Segundo Silva (2011, p. 120) “os hinos, como o Hino Nacional, o da Bandeira, integravam os rituais das comemorações escolares por serem constructos sociais e instrumentos da cultura escolar, tais quais outros dispositivos da educação formal”. Um registro das comemorações cívicas do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, apresenta o desfile pelas principais ruas da cidade de Assú no ano de 1940, celebrando o seu natalício, demonstrando o rigor, a ordem e disciplina que exigem o momento.

Figura 9 - Desfile Cívico do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, ano de 1940 em Assú/RN.



Fonte - Acervo Particular de Roberto Dias de Oliveira.

A imagem evidencia a ordem requerida, nesse momento cívico, a disposição dos alunos todos enfileirados, em postura ereta. A acuidade com o uso do uniforme era uma regra escolar em dias letivos ou em festividades. A atenção se voltava, ao asseio do uniforme e ao seu uso completo. Foi estabelecida a saia sempre abaixo do joelho plisada, apresentando um aspecto de discrição e recato. Ainda sobre a uniformização, se tratava da roupa de gala do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, composta por saia azul marinho, blusa branca de tricolini, meia branca, sapato preto, gravata e boina azul marinho. Essa vestimenta, não fazia parte do uniforme diário, deveria ser usada apenas em comemorações cívicas e religiosas do Colégio.

Conforme ressalta Silva (2010, p. 118), “a uniformização escolar, é um símbolo de distinção e identidade da escolarização”. Tornando-se um diferencial dos alunos que frequentavam o estabelecimento de ensino, das demais que estão fora dele. Sendo característico do período da institucionalização da escola, está é uma realidade carregada de simbologias.

De acordo com o relatório anual do Colégio das freiras, as comemorações cívicas como prática educativa desde criança serviriam para vivenciar ações civis, que posteriormente, seriam colocadas em prática na vida social, sendo transmitida pelas mães e pais de bem.

Para Frago (1995), a escola possui características e modos de ser e viver particulares e que ainda envolvem questões da dimensão cotidiana, tanto naquelas que se relacionam à materialidade, quanto naquelas outras relacionadas aos significados simbólicos do mundo da escola, a exemplo das comemorações cívicas trabalhadas no Colégio Nossa Senhora das Vitórias.

Na visão do autor, a cultura escolar envolve toda a vida escolar. Desde a construção das ideias sobre o ensinar e aprender até a ação efetiva desse fazer escolar e, dentro disso, serão mobilizados tanto os corpos como as mentes, tanto o lidar com as condutas, modos de pensar, dizer e fazer (GONÇALVES; FARIA FILHO, 2005).

Para Renk (2012), as datas cívicas quando comemoradas, são compreendidas como as festas da ordem, permitindo uma análise da sociedade, quanto a sua organização social.

A leitura da sociedade facultada pelos ritos da ordem, então, é uma leitura onde o corpo deve ser contido ou até mesmo neutralizado. Tudo isso é salientado com precisão em todos os ritos da ordem – sejam cívicos ou religiosos – onde a ideia de sacrificar o corpo pela Pátria, por Deus ou por um partido político acaba se exprimindo pela noção de dever, de devoção e de ordem (DAMATTA, 1981, p. 84-85).

O referido autor, ainda ressalta que a medida que a escola ensina a celebrar e festejar as datas cívicas estão ensinando sobre a organização social nacional e também um aprendizado de conduta social.

Outro momento celebrado no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, se tratava das comemorações do dia da Natureza. Através de atividades práticas e extraescolares, que contemplavam o amor a natureza, cultivavam o amor e cuidado aos animais. A ex-aluna Ernestina da Fonseca recordou com emoção desse momento: “Nos reuníamos em frente ao Colégio, cada aluno com sua muda de planta, recitávamos poesias, soltávamos pombos, era um momento belo”.

Nos Relatórios anuais do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, encontramos informações sobre a comemoração do dia da Natureza, ressaltando se tratar de um momento em que os alunos cultivavam o amor, o respeito, o zelo e admiração pela Natureza que Deus criou. Ainda no relatório, é destacado a importância do aluno aprender com o exercício prático, plantando árvores pelo Colégio e pela sua cidade, entoando hinos e poesias que contemplassem a Natureza.

Aos três de maio, os alunos do Colégio Nossa Senhora das Vitórias em Assú, se incorporavam com o grupo “Tenente José Correia”, na passeata pelas principais ruas

da cidade de Assú, festejando brilhantemente o dia da Natureza. Na oportunidade, soltaram pombos, plantaram árvores na cidade e em frente ao Colégio, além de entoar hinos e poesias comemorando o dia da Natureza. Todos aplaudiam com entusiasmo esse momento (RELATÓRIO ANUAL DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS, ANO DE 1928).

A Festa da Natureza tinha o cunho cívico, e evidencia aspectos importantes da prática de uma instituição que era referência na cidade, além da valorização da natureza, do método intuitivo, da moral e valores como a bondade, o amor, o respeito.

Esse evento também era desenvolvido em escolas públicas por todo Brasil, a exemplo dos Grupos Escolares no Rio Grande do Norte, conforme seu regimento interno orientava a prática do professor para a festa da Natureza.

A festa da Natureza, a 3 de maio, constará de uma reunião ou passeio geral, plantio de arvores, soltura de pássaros, atos de carinho com os animais domésticos, admiração pelas flores e frutos e outras provas de afeto à criação natural, além do entretenimentos, recitação e prosa alusivas à descoberta do Brasil (RIO GRANDE DO NORTE, 1925, p. 19 Art. 42).

Em São Paulo, as festas escolares se tratavam de eventos sociais, sendo prestigiado pela população, com os alunos, professores, diretores, políticos, saindo às ruas, para celebrar os heróis e fatos históricos brasileiros. As comemorações cívicas, ofertadas pelas escolas, contribuiu para construir nos alunos e na população um espírito patriótico, além do sentimento de pertencimento a nação e da formação de uma identidade nacional (VEIGA, 2003).

Os fatos históricos e a celebração de heróis possibilitava inquietar o imaginário social, com a ideia de amar a pátria a cima de tudo, inclusive da sua própria vida. No Colégio Nossa Senhora das Vitórias, a prática de enaltecer os possíveis “heróis” da história fazia parte da sua prática educativa, como é possível observar a comemoração da figura de Caxias o patrono do soldado no Brasil.

No dia 25 de agosto consagrado ao militar brasileiro, evocando a grande figura de Caxias, o patrono do soldado no Brasil, foi um regozijo que o nosso Colégio festejou esta data. Houve grande passeata cívica desfilando pelas principais ruas da cidade. Na praça diversos alunos discursaram, havendo também poesias e cânticos (RELATÓRIO ANUAL DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS, ANO DE 1936).

Outro nome contemplado para as comemorações cívicas se trata do então presidente da Republica na época Getúlio Vargas, em virtude do seu natalício, foi festejado pelo Colégio

Nossa Senhora das Vitórias, com passeatas pelas principais ruas da cidade de Assú, acompanhada pelos alunos, professoras e a população, entoando cânticos cívicos e preleções sobre a vida do presidente da República.

No dia 19 de abril, aniversário natalício de Dr Getulio Vargas, muito digno presidente do país, foi festejado com entusiasmo e alegria pelas educadoras que compareceram a passeata organizada especialmente para celebrar tão insigne data. Diversos discursos em que era realçada a pessoa distinta do interventor foram ouvidos. Ao regressarem as alunas ao Colégio, ouviram a diretora que em amigável preleção falou-lhes sobre o bem orientado governo do Exmo. Sr. Dr. Getulio Vargas, lembrando-lhes os benefícios por ele feitos à nossa Pátria e o sentimento de gratidão que devemos ter para com este grande chefe da nação brasileira. Houve em nosso estabelecimento preleções sobre o aniversariante e seu governo. Para melhor festejar essa data realizamos um passeio escolar, a fim de dar amplos conhecimentos aos alunos, da vida desse grande homem (RELATÓRIO ANUAL DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS, ANO DE 1935).

As comemorações e enaltecimento referente ao natalício do presidente da República Getúlio Vargas, no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, poderia está associada à aproximação do seu governo com a Igreja Católica. A relação Estado e Igreja Católica estava relacionado a interesses mais profundos, como solicitar à Igreja, não somente apoio, mas inspiração de modelos e quadros de disciplina e ordem espiritual, seja através das escolas confessionais, das missões, com o intuito de contribuir para o fortalecimento do seu governo (SCHWARTZMAN, 2000).

Essa ideia de construir e cultivar o espírito patriótico no Brasil estava em voga desde a primeira República, sendo ressaltado mais energicamente no governo de Getúlio Vargas. Nos arquivos públicos e privados em Assú, foi possível encontrar documentos, que comprovam o período de efervência do civismo nas escolas, a exemplo do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia e no arquivo privado de ex-alunas das referendadas instituições, como os materiais didáticos que ressaltavam o amor a pátria, a exemplo de livros de leitura, cadernos escolares, com cânticos cívicos e colagens da bandeira do Brasil e momentos cívicos.

A partir dos registros do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, percebemos as comemorações cívicas, serviam para transmitir para o aluno o respeito, a responsabilidade, a justiça, o culto a Pátria e manter a ideia de coesão nacional, além de enaltecer que tudo que era aprendido nesse momento seria útil a sua vida em sociedade. Sendo assim, as comemorações cívicas não era um desvirtuamento do ensino, mas uma prática social que se tornou educativa.

3.2.4 A disciplina escolar

É indispensável às mestras, velar pela ordem e disciplina dos que lhes são confiados, não devendo medir esforços para afastar tudo que lhe for prejudicial (LECHNER, 1868).

A categoria de estudo *A Disciplina Escolar* surgiu a partir da junção de documentos que ressaltavam a recorrente atenção a disciplina no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, tais informações estavam diluídas em documentos como orientações da Madre Francisca Lechner para suas escolas, os relatórios anuais e atas de tal instituição, destacando sobre a importância do bom comportamento, para um bom desempenho nas atividades escolares e para vida social.

Sendo assim, com a leitura desses documentos, foi possível, realizar uma reflexão sobre os procedimentos da disciplina, acompanhamento e inspeção escolar que produziam no dia-a-dia a uniformização do sistema de ensino e das práticas educativas da referida instituição, considerando o contexto sócio-histórico cultural em que essas práticas ocorreram.

A partir da leitura das fontes, percebemos que assim como o Colégio Nossa Senhora das Vitórias estabelecia suas orientações para manter a disciplina no universo escolar, as escolas primárias no Rio Grande do Norte, também orientavam para a esse feito. É possível, que tais orientações tenham servido de modelo para o Colégio Nossa Senhora das Vitórias. Para Silva (2007, p. 56) “na escola primária do Rio Grande do Norte, incluía como uma das prioridades do ensino a formação de condutas disciplinares, no qual os alunos deveriam cumprir uma série de deveres”. Dentre elas:

- a) Trajar com asseio;
- b) Comparecer diariamente a hora marcada para começo dos trabalhos escolares, devendo trazer comunicações da família, sobre os motivos da falta;
- c) Observar os preceitos de higiene ao próprio asseio;
- d) Evitar estragos no edifício;
- e) Proceder corretamente, tanto nas aulas como fora dela;
- f) Tratar com urbanidade e respeito os seus professores, assim como o diretor e empregados do estabelecimento, acatando os seus conselhos e cumprimento as suas determinações;
- g) Tratar com delicadeza seus discípulos, evitando brincadeiras inconvenientes e prejudiciais, denúncias e delações, devendo, entretanto, dizer a verdade, quando tiverem conhecimento de algum fato sobre o que forem interrogados;
- h) Prestar a devida atenção aos exercícios e lições;

i) Não se ausentar das aulas, exercícios e do recreio, sem a licença do professor ou diretor (RIO GRANDE DO NORTE, 1925, p. 21, Art. 46).

Percebemos a disciplina como revelada na leitura do sujeito em movimento, nas formas de controle do seu corpo, das ações, dos gestos, dos comportamentos. Partindo dessa compreensão, a disciplina, numa submissão que é dispensada a violência física, isso porque ela age na utilização dos dispositivos repetitivos e silenciosos (FOUCAULT, 2002).

No Colégio Nossa Senhora das Vitórias, não se utilizava de punições físicas, como palmatória, ficar de pé e encostado na parede ou com os joelhos sobre milho. Conforme destaca o relatório anual ano de 1928, os gestos afetuosos das mestras deveriam orientar as normas de disciplina escolar: “No Colégio Nossa Senhora das Vitórias, as mestras dessa instituição sempre guiadas pelo amor do bondoso Deus, devem orientar seus educandos com carinho e afeto, mas não se esquecendo de apresentar-lhes a importância da disciplina para a formação do cidadão” (RELATÓRIO ANUAL DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS, ANO DE 1928).

Segundo a ex-aluna Marta Cortez Alves, as irmãs tratavam os alunos com carinho, entretanto, quando ultrapassavam os limites elas chamavam a atenção. “No Colégio as regras eram firmes, não tinha punição física, mas no caso de desobedecer às regras poderíamos ficar sem ir ao recreio, sofrer advertência, comunicar aos pais”.

Evidenciamos que a implantação dos dispositivos disciplinares desenvolvidos no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, estão entrelaçadas com os preceitos ascéticos e salvacionistas da própria religião católica e de um Estado que prezava pela higienização e normatização social.

A educação religiosa representava uma forma de educação do corpo para o aprimoramento do espírito, uma vida longe de vícios, das influências e desvios mundanos. Baseando-se em preceitos moralistas, existia a preocupação de modelar comportamentos, uma educação que servia para manter um modelo baseado em diferenciações de comportamentos para o homem e para a mulher.

Essa perspectiva de comportamento está explícito nas orientações de Madre Francisca Lechner para suas escolas. “Dia e noite as irmãs estejam atentas à ordem e disciplina dos que lhes são confiados, afastando-os de qualquer influência negativa e que não propicie um bom desenvolvimento das atividades escolares” (BINDER S/D *Apud* LECHNER, S/D).

Considerando que o Colégio Nossa Senhora das Vitórias, foi pensado para educar as meninas, os cuidados deveriam ser redobrado, submetidas a uma disciplina, uma formação

para ser boa mãe e esposa, preceitos que acompanhava as ideias de formação feminina quando se criaram Instituições Escolares específica para educar e moldar as ações diárias das meninas (MAGALHÃES JÚNIOR, 2002, p. 79).

Nesse sentido, os efeitos dos vários dispositivos eram usados para manter o funcionamento e organização rigorosa das classes, dos espaços ocupados por freiras/professoras e das alunas. O regulamento interno, o olhar meticuloso da Madre superiora, da diretora, da professora, da inspeção escolar, o controle disciplinar nas formas de comportamento, nas formas de se vestir, na utilização dos métodos de ensino, possibilita perceber o controle dessas meninas (RODRIGUES, 2007).

A ideia que Foucault (2002, p. 137), “atribui aos espaços ocupados pela disciplina ao denomina de “Artes das distribuições”, seria a distribuições dos indivíduos nos espaços e localização determinada”. O espaço ocupado pelos sujeitos indica que estes ocupam o lugar de acordo com as distribuições determinada pela instituição. Neste sentido, a aluna ficava sobre o olhar atento da direção, da professora, assim como a professora era submetida ao olhar controlador da madre superiora, tornando-se assim um jogo mútuo, como ressalta Foucault (2002, p. 138):

Importa estabelecer as presenças e ausências, saber onde encontrar os indivíduos, instaurar comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, aprecia-lo, sancioná-lo, medir a as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto de conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico.

Dessa maneira, a rotina da disciplina escolar deveriam ultrapassar os muros da escola. Sendo assim, a disciplina deveria ser aplicada em todas as manifestações culturais, ou seja, festividades e eventos da escola e também nas ações pedagógicas, nas formas como as meninas se vestiam, se alimentavam, nas diversas práticas que organizavam internamente o estabelecimento.

É preciso entender que são normas e práticas que precisam ser entendidas nos aspectos relativos ao contexto de sua produção, à sua finalidade, que varia segundo o tempo, podendo atender às questões de ordens diversas desde a religiosa, a sociopolítica ou de socialização e recai sobre os sujeitos que estarão envolvidos na obediência ou não das normas e no estabelecimento das práticas diárias do fazer da escola (GONÇALVES; FARIA FILHO, 2005).

Figura 10 - Alunas na aula de pintura no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, ano de 1929.



Fonte - Acervo do Educandário Nossa Senhora das Vitórias.

Conforme o registro da imagem deixa transparecer a disciplina que envolvia desde vestimenta, até a forma como se apresentariam as pessoas. As alunas, principalmente as professoras deveriam apresentar modéstia no porte elegância no estilo e sutileza na hora de sentar-se.

Conforme a ata de reunião do ano de 1929, no ato da matrícula, os alunos deveriam assinar declaração de aceitação das normas do Colégio, passando a obedecer aos preceitos regimentais, ficando aos cuidados da direção e das professoras, que além de outros, tinham o papel de acompanhar e orientar diariamente os passos dos alunos.

A disciplina interna do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, previa o cumprimento de horário de chegada e saída, zelo com seus objetos, com a higiene de seu corpo, regras de etiquetas. Essas e outras atribuições exigidas aos alunos traziam a cena uma cultura escolar como um conjunto de normas que definia os conhecimentos e as condutas que deveriam ser apreendidas, segundo as finalidades da escola.

Para Julia (2001, p. 10-11) “as normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação [...]”.

A partir dos estudos de Foucault (2011), é possível perceber que a disciplina se instituíram nas escolas e em outros setores sociais como elementos regulamentadores das

atividades e dos comportamentos considerados impróprios. Considerando que o Colégio Nossa Senhora das Vitórias, idealizado para educar as meninas, o rigor e os cuidados sobre os modos de ser e de fazer era diferenciado dos meninos. A exigência no comportamento, no controle sobre o corpo, a delicadeza e pudor deveriam fazer parte do cotidiano dessas meninas.

Figura 11 - Registro fotográfico de alunos e professoras no Colégio Nossa Senhora das Vitórias ano de 1929



Fonte - Acervo do Educandário Nossa Senhora das Vitórias.

Ao observarmos na foto a disciplina que envolvia os alunos, as alunas, principalmente as professoras, deveriam apresentar modéstia e elegância no estilo e na sutileza na hora de sentar-se, onde a postura das mãos sobre o colo, as pernas em posição paralela demonstrando pudor, timidez, além do penteado das alunas, cortado acima do ombro, sem uso demasiado de adereços, com objetivo de repassar simplicidade.

No que dizia respeito à disciplina escolar das alunas internas, este era ainda mais rigoroso. O cumprimento de atividades diárias fazia parte das ações para manter uma boa convivência entre direção, professores e alunas. Dentre as obrigações das alunas, estava o cumprimento dos horários de se recolher, das refeições, de estudo, das atividades extras, ir à missa todos os dias às 05 horas da manhã, arrumar a cama e zelar pelos seus objetos pessoais, ser educada com o corpo docente, direção e colegas, não receber estranhos, o passeio aos

domingos na companhia de uma freira (RELATÓRIO ANUAL DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS, 1930).

Tais informações foram evidenciadas pela ex-aluna Irmã Miguelina no tempo em que foi aluna interna, relatando o cotidiano e o rigor dessa época:

“Fui aluna interna cinco anos. O convívio era fechado, éramos 123 internas. Todos os dias as alunas internas, participavam da missa às 05 horas da manhã. Depois da missa tomávamos café, quem tinha aula pela manhã ia para aula e aquelas que não tinham alternava nas outras atividades, porque tínhamos quatro horas de banca (banca de estudo). Saímos apenas para necessidades. Depois do almoço, descansávamos e a tarde tinha o recreio, duas freiras eram responsáveis pela organização das atividades, lembro que jogávamos bola, brincávamos de queimada, muita rivalidade... O relacionamento era fechado, tínhamos o internato e externato. O internato tinha uma cerca, não tínhamos relacionamento apenas na aula. Mas foi um tempo de muita disciplina, foi muito para a vida futura. À noite jantávamos e íamos dormir às 19h30, imagine adolescente dormindo essa hora [...]”.

Essa ideia de criar indivíduos disciplinados, aptos a uma vida em sociedade, foi ressaltada entre o final do século XIX e início do século XX. A disciplina escolar e do ponto de vista social, surge como uma necessidade de se firmar a ordenação social. Nesse contexto, a escola, é atribuída o papel fundamental na formação desses sujeitos, pela sua capacidade de discipliná-los, através da interiorização de hábitos, pela vigilância sobre os comportamentos.

Constituir a escola como signo da civilização e do progresso. Organiza-la como espaço de ordem e da disciplina, pela prescrição de uma nova economia do corpo e dos gestos, de formas racionais de empregar o tempo, ocupar o espaço e gerir o trabalho pedagógico. Dotar a instituição escolar de uma organização calcada nos ideais de racionalidade e previsibilidade, configurá-la como espaço que, em tudo, se diferenciava do espaço doméstico. Consubstanciá-la, enfim, como instituição disciplinar. Eis alguns dos intentos a que se lançaram os intelectuais do período (ROCHA, 2000, p. 56).

Corroboramos com Rodrigues (2007, p.231), quando ressalta que a disciplina é historicamente construída e com o desenvolvimento da modernidade passou a ser imprescindível como parte de um projeto de moralização dos costumes, sendo que deveria estar presente em algumas instituições, a exemplo da escola. Assim, num período marcado pelo ideário de progresso e modernização destacava-se nas representações sociais construídas a cerca do aluno, do professor, escola e disciplina, a escolarização passou a ser enfaticamente considerada como via privilegiada para a consecução desses objetivos excessivos no período republicano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tudo mais que os pesquisadores da história têm a oferecer são, por assim dizer, interpretações. Que se diferenciam no decorrer das diferentes gerações (ELIAS, 2001, p. 31).

Neste trabalho, registramos nossas interpretações sobre a história do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, entre os anos de 1927 a 1937, com enfoque para suas práticas educativas. Ao longo desse trabalho priorizamos aproximar o possível do vivido naquele momento histórico. Percorremos arquivos, visitamos as residências de ex-alunos e familiares, em busca de narrar uma história que estava “silenciada”, nos muros da escola, nos espaços recreativos, nas ruas, nas praças de Assú, entre livros, documentos, fotografias, mobílias, na memória coletiva.

A sensação ao colocar um ponto final nesse estudo, é que outras vozes sejam dos documentos ou dos sujeitos, desejariam serem ouvidas, mas a escrita tem um tempo de produção, se esgota. Temos a certeza dos desdobramentos e questionamentos que surgiram no trajeto dessa construção, nos comprometendo a continuar a reescrita dessa história.

Ao concluirmos esse estudo, revivemos nossa trajetória no processo de sua construção, os caminhos trilhados, as emoções vividas, as angústias com a complexidade da pesquisa histórica, as alegrias a cada encontro com documentos, que nos permitia adentrar na história do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, os momentos partilhados com os sujeitos. Os dias, tarde e noites em claro, fotografando, e registrando as impressões sobre cada fonte.

Nos arquivos nos deparamos com uma longa colcha de retalhos, sendo necessário, separar, catalogar, interpretar e entrecruzar dados. Enquanto realizávamos as visitas aos arquivos, nosso olhar reportou-se para o momento histórico, desde os primeiros passos da fundação da Congregação das Filhas do Amor Divino na Áustria, até sua expansão para o Brasil.

Em vários momentos, os personagens dessa história ganhavam vida, podíamos visualizar os caminhos trilhados pela Madre Francisca Lechner, motivada e inspirada por ideais Cristãos, em criar uma instituição voltada à atenção dos mais pobres em especial as jovens do interior da Áustria, em busca de oportunidade para melhorar suas condições econômicas e sociais. Posteriormente, ampliando suas atividades para o campo educacional, com a abertura de creches e jardins de infância, formando um número significativo de jovens para disseminar o modelo educacional da Congregação das Filhas do Amor Divino.

Na leitura dos documentos sobre a chegada das primeiras Filhas do Amor Divino no Brasil, a cada folhear das páginas, percebíamos a determinação das freiras em propagar a religião católica e o legado de Madre Francisca Lechner. A narrativa da chegada das irmãs ao Sertão nordestino, enfrentando dificuldades climáticas, de comunicação e instalação na cidade de Caicó e depois na cidade de Assú.

No aprofundamento da leitura, percebíamos a movimentação dos personagens da história, podíamos ouvir o entusiasmo na inauguração do Colégio, os alunos com seu fardamento escolar, o sino do Colégio, os cânticos religiosos ainda na madrugada, os desfiles cívicos, as representações dramáticas, a interação do Colégio nas atividades da cidade de Assú. Fomos entendendo que poderíamos compreender aspectos da educação e da sociedade no período do estudo.

Assim, como destaca Boto (1999), o problema educativo se coloca para as sociedades que se indagam sobre o ato de educar ou sobre as futuras gerações. E porque há um problema educativo-social, há sentido no estudo da educação. Reconstituir a história da educação, nos remete analisar as distintas e singulares maneiras pelas quais as diferentes sociedades refletem, propõem e atuam na educação.

Ancorada nessas premissas, foi possível fazer uma leitura da história do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, enfocando suas práticas educativas. Podemos analisar que se tratava de um momento histórico, no qual, a sociedade almejava acompanhar os avanços da modernização, seja através da economia, da estruturação do espaço urbano e expansão do ensino e da escola. Sendo possível, fazer essa leitura, a partir dos documentos detectados, no qual, ressalta a movimentação desde o Governo de Alberto Maranhão (1908-1913), autorizando “reformular a instrução pública, dando especificidade ao Ensino Primário moldes mais amplos e garantidores de sua proficiência” (RIO GRANDE DO NORTE, 1907, p. 5).

No então Governo de José Augusto Bezerra de Medeiros (1924-1928), apresentava a necessidade de investimentos no campo educacional, com os prédios escolares, materiais pedagógico que atendessem as novas exigências peculiares da educação, conforme ideário da época, a formação de professores leigos para conduzir conforme as técnicas pedagógicas ativas.

No entanto, percebemos a movimentação da Igreja Católica nesse período, sendo contrária as ideias da escola nova, no tocante a aspectos que destoavam dos preceitos católicos e principalmente, perdendo espaço nas tomadas de decisões do Estado. Contudo, a Igreja Católica aos poucos, buscou aliados para o fortalecimento de suas intervenções no

campo educacional e apoio de dirigentes ativos na defesa de suas ideias, como Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra e seus seguidores Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima.

Dentre as intervenções da Igreja Católica na educação, foi à inserção do ensino religioso nos currículos escolares, a partir de 1937, com a Carta Magna, em seu art. 133, entretanto, embora mantido na lei, a oferta do ensino religioso não mais se assegurava como obrigatório (BRASIL, 1937).

Apesar das divergências entre a Igreja Católica e as ideias da escola nova, podemos vislumbrar através da leitura atenta dos documentos sobre a história do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, que as práticas educativas desenvolvidas no universo da sua cultura escolar, permeavam pelas propostas da escola nova, como as atividades ao ar livre, com a contemplação a natureza e seus animais, as atividades com trabalhos manuais como a pintura, bordado, as atividades artísticas como a ensino da música e seus instrumentos e apresentações teatrais, as leituras de livros que direcionavam as lições de coisas com atividades práticas.

Para tanto, o referido Colégio não abriu mão dos preceitos católicos, em suas as práticas educativas, objetivavam transmitir aos alunos valores morais e religiosos circulantes no período pesquisado. Dentre os valores morais, detectamos o respeito ao próximo, aos pais, aos professores, além de honestidade, humildade, a formação para salvação da alma e o amor e temor a Deus.

Refletindo sobre a história do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, percebemos que a contribuição desse estudo não deixa apenas uma leitura da educação nesse período histórico. Sendo possível, compreender o movimento histórico da educação, as ideias e concepções que fundamentam o ideário de um período. Reportamos nosso olhar para um período histórico distante do atual, sendo possível também, perceber como o Educandário Nossa Senhora das Vitórias, tem enfrentado os limites e possibilidades do século XXI, considerando as modificações na construção familiar, o avanço da globalização e das tecnologias da educação e comunicação.

Durante as visitas ao Colégio, foi possível vislumbrar que suas atividades, se respaldam nos preceitos da Congregação das Filhas do Amor Divino. Entretanto, acompanhando e articulando as modificações atuais, considerando as dificuldades de transmitir os valores morais, religiosos e inserir limites a partir da disciplinar escolar.

Desta feita, com o “fim” desse estudo, a sensação é de dever cumprido e de ter contribuído para a ampliação dos estudos na área de história da educação e principalmente da importância da reconstituição da identidade histórica dessa instituição para a história da educação escolar norte-rio-grandense.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares. A feminização do magistério ao longo do século XX. *In*: SAVIANI, Dermeval (Org). **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2006.

_____. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998.

AMORIM, Francisco. **Colégio Nossa Senhora das Vitórias: 50 Anos**. Mossoró: ASTECAM, 1977.

_____. **Assú da minha meninice**. Mossoró-RN: ESAN/Fundação Guimarães Duque, 1982a. (Coleção mossoroense).

_____. **Titulares do Assú (1902-1982)**: comemorativa do 80º aniversário do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Natal: IHGRN, 1982b.

AMORIM, Pedro. **O Município de Assú: notícia até 1928**. Natal: Imprensa oficial, 1929.

AQUINO, Luciene Chaves de. **De Escola Normal de Natal a Instituto Presidente Kennedy (1950-1965)**: configurações, limites e possibilidades da formação docente. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

ARAÚJO, Floriano Bezerra de. E hoje é santo. **Revista 1º centenário de ordenação sacerdotal de Monsenhor Joaquim Honório da Silveira (1902-2002)**. Sebo vermelho, 2002.

ARAÚJO, Marta Maria de. A produção em história da educação das Regiões Norte e Nordeste. *In*: GONDRA, José Gonçalves; VIEIRA, Carlos Eduardo (Orgs). **Pesquisa em história da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

ASSIS, Geisa Melo Silva de. **A História do Centro de Educação Integrada Monsenhor Joaquim Honório da Silveira: Surgimento e Contribuições Macau/RN ((1956-1966)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

AZEVEDO, Fernando de. **A educação e seus problemas**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937.

BILAC, Olavo; NETTO, Coelho. **Contos Pátrios**. 14. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.

BINDER, Ludovica. **Madre Francisca Lechner: fundadora da Congregação Filhas do Amor Divino**, adaptada do alemão muther Franzisca Lechner. Fortaleza: Ed. Paulina, 1948.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa/Portugal: DIFEL, 1989.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 10 de novembro de 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%20C3%A7ao37.htm Acesso em: 10 dez. 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRITO, Paula Sonia de. O Programa escolar e extra-escolar do Colégio Santa Teresinha do Menino Jesus (Caicó-RN, 1925-1928). *In: Anais*. IV Congresso Brasileiro de História da Educação, 2006, Goiânia – GO.

BURKE, P. **A escrita da história**: 2.ed. Novas Perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

BURITI, Iranilson. **Puras, educadas e disciplinadas para o bem casar**: A congregação Filhas do Amor Divino e a Educação feminina no Seridó (1925-1962). *In: Anais do 18º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste*. Maceió. UFAL, 2007. CD ROM

BOTO, Carlota. Prefácio. *In: CAMBI, Franco. História da Pedagogia*. São Paulo: Ed Unesp, 1999.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade do Natal**. 3 ed. Natal/RN:RN Econômico, 1999.

_____. **Viajando o Sertão**. 4. ed. São Paulo: Global, 2009.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 8. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

_____. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002b.

COSTA, Maria Antonia Teixeira da. **Lições de professoras do magistério primário do Rio Grande do Norte sobre o ensinar, o aprender, o ser professora** (1939-1969). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

_____. **O ensino primário no Rio Grande do Norte**: memória, educadores e lições sobre o ensinar (1939-1969). Mossoró: Edições UERN, 2009.

COX, Maria Inês Pagliarini. Pedagogia da língua: muito siso e pouco riso. **Cadernos Cedes**, Campinas/SP, v. 24, n. 63, p. 135-148, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

DAMATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1981.

DEL PRIORE, Mary. (Org.) **História das Mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: EDUSC, 2005.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**. Tradução de Pedro Sussekind e André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Fontes para a história da educação mineira do século XIX: uma introdução. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá/MT, n. 10, v. 6, p. 163-174, 1997.

FILHO, Palmério de Amorim. **O Educandário Nossa Senhora das Vitórias e o Monsenhor Joaquim Honório da Silveira**. Revista 1^a Centenário da Ordenação Sacerdotal de Monsenhor Joaquim Honório da Silveira (1902-2002). Natal; Sebo Vermelho, 2002.

FIRMINO, Jane Cortez. **O voto de saias**: a gênese do voto feminino no Rio Grande do Norte através do jornal A Republica. Fundação Vingt-un Rosado. Mossoró/RN, 2003.

FRAGO, Antônio Viñao; ESCOLANO, Augustin. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

_____. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 0, p. 63-82, set.-dez.1995.

FREITAS, Raquel. Aparecida Marra da Madeira; ZANATTA, Beatriz Aparecida. O legado de Pestalozzi, Herbart e Dewey para as práticas escolares. *In*: A educação e seus sujeitos, 2006, Goiania. IV Congresso Brasileiro de Historia da Educação, **Anais...** 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 25. ed. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

FURTADO, Alessandra Cristina. **História e memórias de um espaço escolar feminino**: o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Ribeirão Preto/SP (1918-1960). Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação. Natal: UFRN, 2002. CD ROM.

GAETA, M. A. J. V. **Os percursos do ultramontanismo em São Paulo**: (1873 -1894). São Paulo: FFLCH - USP, 1991. Tese (Doutorado).

GATTI JÚNIOR, D. História e historiografia das instituições escolares: percursos de pesquisa e questões teórico-metodológicas. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 28, n. 14, p. 3-4, jan./jun. 2007.

_____. Reflexões teóricas sobre a história das instituições educacionais. **Revista Ícone**, Uberlândia, v. 6, n.2, jul./dez. 2000, p. 131-147.

GONÇALVES, Irlen Antonio; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Histórias das culturas e das práticas escolares: perspectivas e desafios teórico-metodológicos. *In: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (Orgs). A Cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa.* Campinas: Autores Associados, 2005.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. O livro nas memórias de leitura. **Revista Educação e Sociedade.** v. 32, n. 115, Campinas, abr./jun., 2011.

GOULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentidos. *In: CHARTIER, Roger. Práticas da leitura.* São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

HETZEL, Therezia. Caminhando com Madre Francisca. **Revista da congregação das filhas do amor divino.** Viena, v. 54, jul./ago./set., 2000.

HOLANDA, Valker Xavier Teixeira de. **A expansão do ensino primário no RN (1910-1920).** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação,** Campinas: Autores Associados, n.1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

LACAPRA, Dominic. **Rethinking Intellectual History: Texts, contexts, language.** New York: Ithaca, 1983.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, Nestor dos Santos. **Municípios do Rio Grande do Norte:** Areia Branca, Arez, Assú e Augusto Severo. Fac-Similar da 1ª edição da Revista do IHG/RN, 1929. Mossoró: Astecam, 1990. - (Coleção Mossoroense).

LOPES, Eliane Marta Texeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. *In: DEL PRIORE, Mary. (Org.) História das mulheres no Brasil.* 2. ed. São Paulo: Contexto-UNESP, 1997.

MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano. De Eva a Maria: os ideais de Formação católica feminina na Primeira metade do século XX no Brasil. *In: CAVALCANTE, Maria Juraci (Org.). História e memória da educação no Ceará.* Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002.

MAGALHÃES, Justino Pereira. História das instituições educacionais em perspectiva. *In: GATTI, JÚNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo. (Orgs.). História da Educação em Perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações.* Campinas/SP: Autores Associados; Uberlândia/MG: EDUFU, 2005. p. 91- 103

_____. **Contributo para a História das Instituições Educativas** - entre a memória e o arquivo. Braga-Portugal. Universidade do Minho. s/d. (mimeo.). 1996.

_____. Breve apontamento para a história das instituições educativas. *In: SANFELICE, José Luís; SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei (Orgs.). História da Educação:*

perspectiva para um intercâmbio internacional. Campinas/SP: Autores Associados: HISTEDBR, 1999

_____. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. *In*: SOUSA Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Bárbara (Orgs.). **Práticas educativas, culturais, profissão docente**. São Paulo: Escrituras, 1998.

MANOEL, Ivan Aparecido. **Igreja e educação feminina (1859-1919)**. Uma face do conservadorismo. São Paulo: UNESP, 1969.

MEDEIROS, Cristiana Moreira Lins de.; ARAÚJO, Marta Maria de. O educador e intelectual norte-rio-grandense Juvenal Lamartine de Faria (1874-1956). *in*: II Congresso Brasileiro de História da Educação, 2002, Natal. **Anais do II CBHE**. Natal: Nac/UFRN, 2002, v. 1. p. 1-10.

MEDEIROS, Adriana Moreira Lins de.; RIBEIRO, Verbena Nidiane de Moura. Processos Educativos e Modernidade nos Governos do Interventor Mário Câmara (1933-1937) e do Governador Rafael Fernandes (1935-1937) no Rio Grande do Norte. *In*: **II Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2002, Natal - RN. História e Memória da Educação Brasileira. Natal - RN: Nac - Núcleo de Arte e Cultura da UFRN, 2002. v. 1. p.1-6.

MORAES, Maria Célia Marcondes de. Educação e Política nos Anos 30: a Presença de Francisco Campos. **Revista Brasileira de Estudos pedagógicos**. Brasília, v.7 3, n. 17, p.291-321, maio/ago. 1992

MORAIS, Silvia Helena de Sá Leitão. **Valores e normas na educação feminina no Colégio Nossa Senhora das Vitórias em Assú/RN (1960-1961)**. Mossoró- Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- Monografia (Especialização em Educação), 2010.

MONTENEGRO, Maria Eugenia. **Lembranças e tradições do Açú**. Fundação José Augusto, Natal, RN, 1978.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 31. ed. Edição. Petrópolis-RJ. Editora Vozes, 2012

MOURA, Laércio Dias. **A Educação Católica no Brasil**. Edições Loyolas, 2. ed. São Paulo, 2000.

NOSELLA, Paolo; BUFFA Esther. **As pesquisas sobre Instituições Escolares: Balanço Crítico**, 2005. *In*: HISTEDBR, navegando na história. Disponível em: <www.histebr.fae.unicamp.br>. Acesso em: 30 fev. 2012.

NÓVOA, A. **Profissão Professor**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. *In*: DEL PRIORE, Mary. (Org.) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/ UNESP, 1997a.

NUNES, Clarice. História da educação brasileira: novas abordagens de velhos objetos. **Teoria & Educação**. n. 6, 1992. p. 151-182.

_____. História da Educação: espaço do desejo. Em Aberto - **Revista do INEP/MEC**, Brasília, v. IX, n.47, p. 37-45, 1990.

OLIVEIRA, Vilma Lúcia de. **A peregrina do retorno**. Recife: Bagaço, 1999.

OLIVEIRA, Roberto Dias. **Educandário Nossa Senhora das Vitórias**: meus sessenta anos Bodas de Diamante. 1. ed Assú/RN: Coleção Assuense, 1987.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru/SP: EDUSC, 2005.

ZANATTA, Beatriz Aparecida. O legado de pestalozzi, herbart e dewey para as práticas pedagógicas escolares. Revista **Teoria e Prática da Educação**, v. 15, n. 1, p. 105-112, jan./abr. 2012.

PESTALOZZI, J.H. **Antologia de Pestalozzi**. Tradução de Lorenzo Luzuriaga. Buenos Aires: Editorial Losada S.A., 1946.

PINHEIRO, Rosanália de Sá Leitão. **Sinhazinha Wanderley**: o cotidiano de Assú em prosa e verso (1876-1954). 1997. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1997.

QUINTANA, Mário. **Caderno H**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2006.

RAMALHO, J. P. **Prática Educativa e Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

RENK, Valquiria Elita. Festas, rituais cívicos no processo de nacionalização da infância das escolas étnicas no Paraná. In: IX ANPED SUL, 2012, Caxias do Sul- RS. **Anais da IX ANPED SUL** - Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Caxias do Sul: Ed da Universidade de Caxias do Sul, 2012.

RIO GRANDE DO NORTE, **Atos legislativos e decretos do Governo do Estado do Rio Grande do Norte** (1907-1913). n. 10. Natal: Tipografia de A Republica , (1907-1913).

_____, **Decreto n. 343 de 28 de Setembro de 1927**. Concede subvenção ao Collegio “Nossa Senhora das Victorias” e as escolas mantidas pelo Centro Operário, de S. José de Mipibú e Centro Operário Assuense

RODRIGUES, Andrea Gabriel F. **Educar para o lar, educar para a vida**: cultura escolar e modernidade educacional na Escola Doméstica de Natal (1914-1945). Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Natal, 2007a.

RODRIGUES, L. M. P. **A Instrução feminina em São Paulo**. São Paulo: FFCL 'Sedes Sapientiae', 1962.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. Prescrevendo regras de bem viver: Cultura escolar e racionalidade científica. **Cadernos Cedex**, ano XX, n. 52, nov., 2000.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação do Brasil (1930-1973)**. 29. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

ROSSI, M. P.S; INÁCIO FILHO, G. As Congregações católicas e a disseminação de escolas femininas no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. **Revista História da Educação Brasileira**, 2006. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada6/trabalhos/801/801.pdf. Acesso em: 26 dez. 2012.

ROSSO, Graziela Pavei Peruch. **Finalmente... Temos uma escola normal!** : Saberes e Práticas na Formação de Normalistas na Escola Normal Madre Teresa Michel (1958-1973). Universidade do Extremo Sul Catarinense- UNESC (Dissertação).

RODHEN, Roberto. **Crença e Descrença**: Tratados Apologeticos para as Classes Ilustradas, Editora Vozes,1923.

SANFELICE, José Luís. História das instituições escolares. *In*: Nascimento, Maria Isabel Moura, et al., (Orgs.). **Instituições escolares no Brasil**: conceito e reconstrução histórica. Campinas/SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba/SP: UNISO; Ponta Grossa/PR: UEPG, 2007.

SALEM, Tânia. **Do Centro D. Vital à Universidade Católica**. Universidades e instituições científicas no Rio de Janeiro, Brasília, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 1982, pp. 97-134.

SAVIANI, Dermeval (Orgs). **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2006.

_____. História das Idéias Pedagógicas no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2007a.

_____. **Instituições Escolares no Brasil**: Conceito e Reconstituição Histórica. Campinas: Autores Associados, 2007.

SILVA, Francinaide de Lima. **O Grupo Escolar Modelo Augusto Severo (1908-1920)**: Vinte anos de formação de Professores. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Dissertação (Mestrado em Educação) 2010.

SILVA, Antonia Milene da. **O Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, Assú/RN**: Modernização do ensino primário (1911-1930). Mossoró: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Monografia (Especialização em Educação) 2010.

SILVA, Maria da Conceição Farias da. **O Curso Normal de 1º Ciclo em Assú/RN (1951-1971)**. . Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tese. (Doutorado em Educação) 2011.

_____. Curso Normal Regional em Assú/Rio Grande do Norte (1950). **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 40, n. 26, p.220-245, jan./jun., 2011.

_____. **História da educação formal de mulheres em Assú/RN (1920-1955)** Projeto de Pesquisa: UERN, 2007.

_____. **Histórias de Vida e formação**: professoras de EJA de Angicos/RN. Projeto de Pesquisa: UERN, 2006.

_____. **Reconstruindo práticas:** significações do trabalho de professoras na década de 1920. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Dissertação. (Mestrado em Educação) 2004.

SCHWARTZMAN, Simon., BOMENY, Helena M. B. e COSTA, Vanda Maria R. **Tempos de Capanema.** São Paulo: Paz e Terra - Fundação Getúlio Vargas, 2000.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação/ ANPED**, v.14, maio/ago., 2000.

TEIXEIRA, Anísio S. **Educação no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Editora Nacional: Brasília, INL, 1976 b.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da História Oral.** 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 233-245

VASCONCELLOS, Luiz Paulo. **Dicionário de Teatro.** Porto Alegre: L&PM, 2001.

VALDEMARIM, Vera Teresa. **História dos Métodos e materiais de ensino:** a escola nova e seus modos e usos. São Paulo: Cortez, 2010.

VEIGA, Cyntia; FONSECA, Thais Nívea de Lima. **História e historiografia da educação o Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VIEIRA, Cleber Santos. Transfigurações Cívicas: Terra Fluminense, Contos Pátrios e Pátria Brasileira. In: **Simpósio Internacional**, 2007, São Paulo. Simpósio Internacional, 2007. p. 2069-2080.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Por uma ampliação da noção de documento escolar.** In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (Org.). **Instituições Escolares no Brasil: Conceito e Reconstituição Histórica.** Campinas: Autores Associados, 2007.

_____; CARVALHO, M. P. Mulheres e Magistério Primário: Tensões, Ambigüidades e Deslocamentos. In: VIDAL, D. G.; HILSDORF, M.L.S (org.) **Brasil 500 anos: Tópicos em História da Educação.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

Fonte Encontrada no Arquivo particular da família Sá Leitão

JORNAL

A Cidade, Assú, n 360, 07 de setembro de 1922.

Fontes Encontradas no Arquivo do Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Norte

CRÔNICA I, 1926, COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS, AÇU, P.1.

Decretos

Fontes Encontradas no Arquivo da Escola

Ata de Reunião do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, ano de 1928.

Divisão do Material do Ensino anos de 1927 a 1942.

Relatório anual do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, ano de 1928

Relatório anual do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, ano de 1929.

Relatório anual do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, ano de 1930

Relatório anual do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, ano de 1931.

Relatório anual do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, ano de 1935

Relatório anual do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, ano de 1937.

Livro de matrícula ano de 1927

Livro de matrícula ano de 1928

Livro de matrícula ano de 1929

Livro de matrícula ano de 1930

Livro de matrícula ano de 1931

Livro de matrícula ano de 1932

Livro para relatório do Colégio (1927-1942).

Fontes Encontradas no Arquivo da Casa Provincial da Congregação das Filhas do Amor Divino

Revista Caminhando com Madre Francisca – Revista da Congregação das Filhas do Amor Divino, Nº 87-pgs. 4 -5.

Livro A Diocese de Mossoró, 1927.

ANEXOS

Anexo A - Caderno de Imagens

Figura I - Assú antigo S/D



Fonte: Acervo da Família Sá Leitão

Figura II - Primeiro automóvel em Assú/RN, ano de 1919.



Fonte: Arquivo Jean Lopes

Figura III - Antiga Praça da Proclamação, década de 1930.



Fonte: Acervo da Família Sá Leitão

Figura IV - Colégio das Freiras em construção, ano de 1926.



Fonte: Acervo do Educandário Nossa Senhora das Vitórias

Figura V - Estátua de Nossa Senhora das Vitórias.



Fonte: Acervo particular de Roberto Dias

Figura VI - Madre Francisca Lechner, 1868.



Fonte: Congregação das Filhas do Amor Divino

FIGURA VII - Chegada das primeiras freiras no Brasil ano de 1920.



Fonte: Acervo da Congregação Filhas do Amor Divino

Figura VIII - Irmã Teresina Werner primeira missionária e professora a chegar ao Brasil e no Rio Grande do Norte ano de 1922.



Ir. Teresina Werner

Fonte: Acervo da Congregação Filhas do Amor Divino

Figura IX - Passeio com as alunas, ano de 1937.



Fonte: Acervo particular de Marta Cortez Alves

Figura X - Irmãs em passeio com as alunas na praia, 1938.



Fonte: Acervo particular de Marta Cortez Alves